



52-415 A PAPERBACK LIBRARY SCIENCE-FICTION NOVEL 50c

"A SUPERIOR ADVENTURE STORY."

—New York Times

# MAROONED ON MARS

Slowly the rodent-like creatures of the Red  
Planet advanced toward Chuck Svensen....

**LESTER DEL REY**





## **ABANDONADO EM MARTE**

**Lester Del Rey**

Nesta história, em um futuro não muito distante, são relatadas as façanhas de um grupo de expedicionários que empreendem uma viagem para o incógnito. Da base instalada na Lua, parte a espaçonave *Eros*, em direção ao planeta Marte, um dos nossos vizinhos mais próximos e o que mais tem despertado nossa atenção há muitos anos.

Viaja como passageiro clandestino, na nave espacial, o jovem Chuck Svensen, que havia sido recusado no último momento, e cujo arrojo e valentia ficarão provados nas aventuras extraordinárias que ele há de passar, tanto no espaço, como no planeta vermelho, onde ele é um dos primeiros a se comunicar com os estranhos seres que habitam o planeta.

Título original em inglês: **MAROONED ON MARS**

© 1952 by: **Lester Del Rey**

## O Mundo do Futuro

A maioria de nós viverá para ver fotografias da Lua, fotografias tiradas por homens que colocarão seus pés sobre a superfície dessa esfera suspensa no céu! Vinte anos atrás, um foguete que pesava uns poucos quilos podia viajar no máximo algumas centenas de metros. Hoje em dia, foguetes que pesam várias toneladas percorrem várias centenas de quilômetros. Por conseguinte, estamos a um passo de construir foguetes que pesem centenas de toneladas e que possam percorrer os 382.000 quilômetros que nos separam da Lua. Tal será o mundo do futuro!

Naturalmente, as naves impelidas por foguetes podem mover-se onde não existe ar. Isto foi comprovado concretamente: quanto menos ar existir ao redor do foguete, tão melhor é seu funcionamento. Também sabemos muito sobre o modo que deverá ser desenhada a nave e o que encontraremos no nosso satélite quando lá chegarmos. Jamais vimos o outro lado da Lua, mas podemos estar certos de que é exatamente igual à face voltada para nós. Podemos até supor a utilidade científica e comercial que poderia nos trazer uma viagem ao nosso satélite, e é muito provável que nela seja estabelecida uma base permanente, embora de cara manutenção.

Dali seguiremos adiante. Uma vez tenhamos desvendado os segredos da Lua e saibamos construir naves espaciais de maior alcance e melhor rendimento, olharemos para os planetas Marte, Vênus e os satélites de Júpiter

Provavelmente Marte será o primeira planeta que exploraremos. Vênus está mais próximo, mas Marte sempre nos despertou um interesse maior. Ao contrário da Lua, Marte parece ter ar, água e vida. Usando nossos telescópios, podemos ver as calotas geladas dos polos, que se derretem com a chegada da primavera, e notamos que o planeta vermelho adquire então uma tonalidade esverdeada. Com a chegada do outono, essa tonalidade vai mudando paulatinamente até ficar com a cor das folhas secas aqui da Terra, comportando-se como se fosse vegetação dotada de vida.

Ignoramos se ali existe vida animal. Mas é lógico supor que as mesmas condições que produziram a vida vegetal possam também ter dado origem a animais de alguma espécie, da mesma forma como essas mesmas condições criaram na Terra as plantas e animais que nela existem. Pode, por exemplo, haver insetos estranhos ou algum tipo de vida rasteira que não podemos imaginar... e que não conheceremos enquanto não formos lá. Nem sequer podemos afirmar que seja impossível a existência de seres inteligentes.

Em outros tempos, certos homens da ciência acreditavam que havia provas da existência de vida inteligente no planeta Marte. Muito se falou sobre os misteriosos “canais”, que aparecem como linhas contínuas que cruzam a superfície do planeta vermelho. Infelizmente ainda não sabemos muito sobre eles. Nem sequer sabemos se são realmente tão retos como aparecem, ou se muitos deles não são na realidade uma ilusão de ótica motivada pelo cansaço visual de quem os observa.

Durante muito tempo acreditou-se que fossem enormes trincheiras cavadas pelos marcianos, o que confirmaria a existência de seres sumamente inteligentes. Mas depois começaram a abrigar algumas dúvidas. As fotografias não mostravam os canais, e os maiores e mais modernos telescópios não permitiam vê-los tão claramen-

te como acontecia com os de menor alcance. A verdade é que alguns observadores nunca conseguiram vê-los. Daí que a alguns anos os homens da ciência começaram a acreditar que tais canais não existiam.

Atualmente as coisas mudaram. As fotografias mais recentes os mostram como simples marcas borradas, difíceis de serem distinguidos, mas não há dúvida da sua existência. Alguns parecem mudar sua localização, às vezes desaparecem os velhos e de vez em quando aparecem outros novos. Os mapas modernos não combinam totalmente com os que foram traçados há meio século atrás. Mas as misteriosas marcas de Martes são reais, embora não haja, em todo o planeta, água suficiente para encher esses supostos “canais”.

Ainda hoje pouco sabemos a respeito deles. Poderiam ser uma prova de que ali existem seres inteligentes, mas o certo é que os possíveis habitantes do planeta não poderiam ter alcançado um grau de civilização como o que temos aqui. A atmosfera rarefeita - muito mais que as das montanhas mais altas da Terra - não permitiria que acendessem fogo. Sem fogo, os homens jamais teriam saído das suas cavernas para começarem a fundir metais. O fogo foi a primeira ferramenta do homem e o metal foi a segunda. Sem estas ferramentas como base, não poderiam chegar a um nível de civilização similar ao nosso. Provavelmente os canais sejam um fenômeno natural que nada tem a ver com a existência de seres inteligentes no planeta.

Claro que não poderemos estar certos disto até que comprovemos com nossos próprios olhos. Como sempre fomos muito curiosos, faremos a longa viagem até lá para esclarecer este ponto o mais breve possível.

O que vem a seguir é um relato da primeira viagem que talvez se faça. Os detalhes técnicos são geralmente corretos e não existe na história nada de realmente fantástico.

Atualmente nós já podemos escrever sobre uma viagem através de milhões de quilômetros no espaço sem necessidade de ter uma imaginação excessivamente desenvolvida. No futuro, quando for escrito a primeira história verdadeira, com certeza não será muito diferente desta, produto da mente do autor... E com certeza acontecerá muito antes do que muitos imaginam.

*Lester Del Rey*

## Cap. 1

# RETORNO À LUA

Durante o transcurso da última hora, o helicóptero havia subido pelo ar cada vez mais rarefeito, até os picos mais elevados dos Andes. Agora, a cinco mil e quinhentos metros de altura acima do nível do mar, o aparelho endireitou-se e o rugido do motor transformou-se em um zumbido sereno e constante. Os primeiros raios do sol já acariciavam os cumes e era fácil ver o campo de lançamento de foguetes situado somente a um quilômetro e meio de distância.

O troncudo rapaz loiro que ocupava o assento destinado aos passageiros despertou imediatamente e começou a esfregar os olhos. Chuck Svensen era baixo para a sua idade – ainda não tinha dezoito anos e tinha somente um metro e sessenta e oito de altura – e a barba ainda não aparecia em seu rosto. Ele sempre tinha trabalho para convencer as pessoas sobre sua idade, e o entusiasmo que surgiu em seu rosto ao ver o campo de lançamento de foguetes o fez parecer ainda mais jovem do que era. Apesar disto, ele notou uma expressão respeitosa no semblante do piloto quando este olhou para o seu passageiro.

- Deve ser muito agradável voltar para a Lua – comentou o indivíduo, com um traço de inveja na voz.

Chuck sorriu ao ouvir isto.

- É magnífico. Depois de passar quatro anos ali sem pesar mais que uma sexta parte do peso que eu tenho na Terra, aqui eu tenho a impressão de que estou carregando uma tonelada de chumbo. Mas valeu a pena vir!

- Acredito! - exclamou o piloto. - rapaz, você é um dos seis homens mais sortudos do mundo. Eu daria meu braço direito para viajar nesse primeiro foguete que irá para Marte!

Chuck balançou a cabeça concordando. Ainda não estava totalmente convencido. Durante quatro longos anos havia observado construírem a nave para a viagem sem abrigar a menor esperança de participar dela. Mesmo quando o governador de Luna City conseguiu que fosse incluído na tripulação uma pessoa do grupo lunar, Chuck não se atrevia a sonhar que seria o escolhido. O limite de idade havia sido fixado entre os dezoito e os vinte e sete anos, e ele completaria dezoito justamente no dia da partida. Quando seus conhecimentos de radar e seu magnífico estado físico contribuíram para obter o que ambicionava, ele foi a pessoa mais surpresa de toda Luna City.

Então sucederam-se as longas noites de estudo, a viagem espacial para a Terra e duas semanas de penosos testes que serviram para demonstrar sua capacidade. Agora ele já havia sido escolhido e estava de regresso à Lua para partir imediatamente para Marte.

O helicóptero já estava descendo sobre o campo de lançamento e Chuck pôde ver dois homens que andavam de um lado para o outro, vestidos como era exigido pelo tremendo frio que reinava. O ar estava muito rarefeito àquela altura, de forma que

todos usavam máscaras de oxigênio, o que os fazia parecer com monstros extra-terrestres. Colocou a sua máscara no momento em que o aparelho tocava em terra e parava.

O foguete especial já havia descido da Lua e estava sendo preparado para a viagem de regresso. A partir das três aletas da sua base, que lhe serviam agora de apoio, o foguete alongava-se para cima pelo espaço de doze metros até a sua proa afilada. Seu aspecto geral dava a impressão de um grande charuto dotado de asas curtas. As bombas funcionavam rapidamente, introduzindo o combustível nos tanques, enquanto o operador do guindaste ia colocando caixões cheios de ferramentas de precisão no compartimento destinado à carga. Uma máquina havia retirado o forro chamuscado do tubo em que terminava a base do foguete e estava colocando outro em substituição, enquanto que outro aparelho similar trabalhava no compacto motor atômico da nave para trocar as pilhas originais de plutônio por outras novas.

Chuck já havia visto tudo aquilo antes, de modo que abriu passagem entre os homens que guiavam as máquinas a uma distância prudente e encaminhando-se para a cantina. Graças às suas roupas e à máscara de oxigênio, ele se assemelhava aos outros, e ninguém lhe prestou a menor atenção, o que contrastava notavelmente com a publicidade que recebera ao passar nos testes de aptidão.

Ao entrar no edifício dotado de atmosfera própria, Chuck encontrou no salão o piloto do foguete, o qual tomava café com grande gosto enquanto observava o encarregado que estava por lhe servir outra xícara. Jeff Foldingchair media menos de um metro de sessenta de estatura, sua pele bronzeada e seu cabelo escuro confirmavam sua afirmação de que era um índio cherokee puro sangue. Tinha feito parte da segunda tripulação que chegou à Lua, e agora, vinte e cinco anos depois, continuava sendo um dos melhores pilotos do espaço.

Seus olhos negros encontraram-se com os de Chuck através do espelho que havia por trás do balcão. Embora não tenha se virado, mostrou seus dentes brancos em um sorriso afável.

- Aproxime-se e tome um café, rapaz. É uma coisa boa poder tomar um café verdadeiro depois desse concentrado raro que temos na Lua. Temos dez minutos até a partida... Eu o felicito: em Luna City estamos muito orgulhosos de você.

Chuck pediu uma porção de pastel de banana com creme antes de sentar-se ao lado de Jeff. Na Lua havia alimentos em abundância e sobravam as hortaliças e verduras frescas nas hortas hidropônicas, mas aquela guloseima seria a última que provaria durante um longo tempo.

Estou contente de te ver aqui, Jeff – disse. - Achei que teria que tomar umas dessas naves lentas que demoram quatro dias. Com as nove horas que viajaremos, tenho tempo de sobra.

Jeff pediu outra xícara de café.

- Foi o governador que me pediu que te levasse – explicou. - As ferramentas que estou levando são somente uma desculpa, pois não havia pressa alguma. Chuck, você não sabe como se tem festejado...

Interrompeu-se com a chegada de um empregado de uniforme, pelo túnel que se comunicava com os escritórios principais. O indivíduo fez-lhe um sinal e Jeff levantou-se para segui-lo.

Chuck sorria enquanto comia o pastel com apetite. Não era difícil imaginar os festejos que se haviam celebrado em Luna City ao receberem a notícia do seu triunfo. Nenhuma nação poderia ser mais patriota que aquela pequena colônia selenita. Não tinha muita importância que ele houvesse nascido nos Estados Unidos e estado ali somente por quatro anos. Na Lua, as nacionalidades dos habitantes não tinham

grande importância. Um ano bastava para converter cada um deles em um cidadão lunar. O esperanto, idioma empregado desde o início para evitar confusões, era agora a linguagem comum até entre as famílias, Ninguém perguntava onde seu vizinho tinha nascido, bastava que agora fosse residente da Lua.

Falava-se até em solicitar a independência da colônia, embora todos se mostrassem muito satisfeitos com a atuação do governador Braithwaite. Ele havia sido nomeado pelo comitê executivo das Nações Unidas, organização da qual dependia todo o satélite, mas Braithwaite já era tão patriota como qualquer um dos outros habitantes.

Naturalmente, a expedição para Marte era organizada pelos Estados Unidos, tendo seus organizadores obtido permissão especial da ONU para partir da Lua, e desta forma o governador não tinha autoridade alguma sobre o empreendimento. Não obstante, sua grande popularidade serviu para que aceitassem sem reservas seu pedido para que um dos tripulantes da nave fosse um cidadão de Luna City, e ninguém questionou sua escolha de Chuck para o posto. Havia-se excedido em suas atribuições ao enviar o veloz foguete em busca do garoto, mas este sabia que ninguém faria objeção a isto.

Neste momento Jeff voltou, pondo um fim às meditações de Chuck.

- Há meteoros no espaço, e talvez mudem a rota para Marte – anunciou. - Coma logo que já vamos partir.

- Meteoros perigosos? – inquiriu o rapaz.

A maioria dos fragmentos de rocha e metal que voavam pelo espaço eram chamados meteoros e não tinham grandes dimensões, mas viajavam a tal velocidade que poderiam facilmente danificar a nave.

Jeff encolheu os ombros.

- Não se sabe. Humm, vou dizer uma coisa. Eu estive pensando e me parece que isso de ir para Marte é uma loucura. Dentro de dez anos será questão de rotina, mas agora... Talvez fosse melhor que você ficasse com sua família e deixasse que outro mais temerário fosse em busca de novos planetas.

- Jeff! - Jeff deixou cair o garfo e voltou-se bruscamente.

Chuck acrescentou:

- Que está acontecendo? Houve alguma dificuldade com minha permissão para viajar?

- Eles decidiram antecipar a data da partida em dois dias. Mas esqueça o que falei, hoje estou nervoso. Agora vamos.

Chuck sabia que seria inútil interrogar seu amigo, de modo que não fez comentários. Levantou-se e voltou a colocar a máscara. Entretanto ele ainda estava preocupado. Não havia razão para que Jeff o tivesse aconselhado a não fazer a viagem, a menos que houvesse uma possibilidade de não o permitirem fazê-la. O piloto havia sido um dos que o recomendaram ao governador. Entretanto o radar-gama dizia somente o que Jeff afirmara. Ou havia outra mensagem, ou Chuck não conseguia compreender o que devia ser-lhe evidente.

Ao sair para o campo, viu que já haviam colocado novamente as capas protetoras sobre o motor atômico, de modo que agora não seria perigoso subir pela escada que levava à sala de comando. Aquelas capas protetoras vinham sendo melhoradas muito lentamente durante os últimos vinte e cinco anos, conseguindo-se finalmente resultados positivos. Uma capa de meio centímetro daquele metal especial era mais eficiente que quinze metros de concreto sólido no que respeita a rechaçar as radiações perigosas. Sem elas teria sido muito arriscado o emprego dos motores atômicos. Os foguetes antigos precisavam de cem toneladas de combustível químico para transpor-



tar duas ou três toneladas de material útil até a Lua. Agora não eram necessárias mais que duas toneladas de combustível líquido para fornecer força motriz ao pequeno foguete de seis toneladas de peso.

O rapaz seguiu Jeff pelas escadas e entrou na diminuta câmara de compressão, esperando ali enquanto o piloto fechava a porta externa. Transpuseram também a outra, que Jeff também fechou, e subiram pela escotilha para a cabine de comando. O piloto ocupou-se a seguir de observar as válvulas de passagem de ar. Depois deixou-se cair em um dos suaves colchões de espuma de borracha que haviam no piso e apertou os cintos dispostos para prendê-los.

Chuck fez o mesmo. Em posição horizontal, o corpo humano pode suportar melhor a tremenda pressão da aceleração, e todos os lançamentos eram feitos com os pilotos e passageiros ocupando seus colchões de segurança. Os botões e alavancas de comando estavam situados abaixo das mãos do piloto.

Em um painel situado mais acima, estavam os instrumentos que indicavam o funcionamento da nave. Um grande cronômetro ia marcando a passagem dos segundos.

- Dez segundos – anunciou Jeff.

Chuck relaxou todos seus músculos enquanto seu companheiro fazia um sinal afirmativo, ao mesmo tempo em que apertava um dos botões.

Do poderoso foguete situado na cauda, partiu um súbito rugido que foi aumentando e calou-se pouco tempo depois, quando tinham ultrapassado a velocidade do som. O piso pareceu elevar-se e apertar as costas de Chuck. Sob a pressão de quatro gravidades, seu peso pareceu duplicar-se. A respiração tornou-se difícil e o sangue correu mais rápido em suas veias. Fechou os olhos enquanto seus sentidos tornavam-se nublados. Jeff ainda experimentava aquelas mesmas sensações, apesar da sua longa experiência. A velocidade inicial aumentava à razão de quarenta metros por segundo, chegando aos oito mil quilômetros por hora em um minuto de ascensão e acrescentando este mesmo número a cada minuto que transcorria. Já se achavam além da atmosfera terrestre e o jato do motor do foguete ainda continuava impulsionando-os.

Se estivessem na atmosfera normal que existe ao nível do mar, a resistência do ar teria esquentado a nave até seu ponto máximo, desperdiçando assim a maior parte do impulso inicial do foguete. Era por isto que as naves espaciais sempre partiam das montanhas mais elevadas de Terra, onde a atmosfera era mais rarefeita.

Felizmente a pressão só durava alguns minutos. Jeff tocou em várias alavancas a fim de desligar o motor. A nave já havia ultrapassado a velocidade de onze quilômetros por segundo, que era necessária escapar à força de gravidade da Terra, e a inércia continuaria impulsionando-a pelo resto do trajeto. A gravidade do planeta continuava atraindo-os fracamente, mas como sua atração estava equilibrada com a da nave, não havia a menor sensação de peso no interior.

Chuck sentiu-se aliviado quando cessou a aceleração e sentiu que seu estômago parecia encolher-se com a mudança. Durante uns segundos, sua cabeça deu voltas e ele perdeu o sentido do equilíbrio. Durante sua primeira viagem à Lua ele esteve assim durante muitas horas, mas seu corpo terminou acostumando-se com aqueles altos e baixos. Agora a náusea passou rapidamente e logo experimentou a sensação de flutuar em um lago de águas claras sem a inconveniência de ficar molhado.

Por um momento ele sentiu-se tentado a soltar os cintos e flutuar pelo ar, indo de uma parede a outra com um simples impulso de um leve empurrão. Depois lembrou que já não era um menino e foi para o lado de Jeff enquanto contemplava o espaço através das escotilhas.

Não havia muito a ver. A tela luminosa do visor-radar que havia na popa mostrava-

lhês a Terra que diminuía atrás deles, enquanto a Lua era vista por uma das escotilhas como uma pequena esfera branca na escuridão intensa do espaço. As estrelas eram meros pontos de luz resplandecentes e havia muitas mais do que um observador da Terra imaginava. Em um dos lados brilhava o sol, mas o filtro automático protegia seus olhos e mostrava apenas um círculo irregular de contornos incendiados. O espetáculo era o mesmo que Chuck costumava ver do satélite desprovido de atmosfera.

A um sinal de Jeff, Chuck virou-se para olhar. A alguns quilômetros de distância, via-se flutuar uma das antigas estações orbitais em forma de anel. Girava ao redor da Terra em uma órbita própria, à semelhança da Lua, embora muito mais próxima, e continuaria assim para sempre. Antes que os novos combustíveis e telas protetoras permitissem o emprego dos motores atômicos, o homem havia usado aquelas estações como trampolim para a Lua. Agora estavam abandonadas e só eram usadas para experiências científicas.

- Assim é o progresso – comentou o piloto. - Tínhamos que fazer vinte viagens da Terra para uma das estações até termos combustível suficiente para que a nave pudesse ir para a Lua. Agora fazemos a viagem diretamente. Elas foram construídas para lançar bombas atômicas contra o inimigo, no caso que fossem declaradas guerras na Terra. Mas quando quase todos os países tiveram suas bombas próprias, todos ficaram assustados e deixaram-nas nas mãos da ONU. A princípio foram armas de guerra que depois serviram para consolidar a paz.

Chuck havia estudado tudo aquilo na escola, embora fosse difícil acreditar que o Conselho das Nações Unidas fora alguma vez mais fraca que os países a que agora governava com tanta facilidade.

O cherokee lançou uma última olhada quando a estação ficou para trás. Depois acomodou-se junto ao contador automático que o despertaria no seu devido tempo, fechou os olhos e dormiu quase instantaneamente. Chuck tentou fazer o mesmo, mas a falta de peso o incomodava muito e o fazia lembrar da sua primeira viagem e dos quatro anos transcorridos desde então.

Ele sempre havia sonhado em sair da Terra, mas somente aos quatorze anos viu a partida de uma nave espacial e falou com um homem que havia feito a viagem à Lua. Como seu pai era diretor técnico de uma pequena fábrica no meio-oeste, o rapaz havia se contentado com o que podia ler sobre as viagens ao satélite. Então, de uma forma completamente inesperada, seu pai anunciou que o haviam escolhido para colaborar na construção da nave sideral que estavam construindo na Lua para chegar até o planeta Marte. Chuck quase enlouqueceu ante a ideia de viver na Lua.

Após ter passado os primeiros meses e ele já estar acostumado à novidade, começou a insistir para que o deixassem ajudar nos trabalhos de construção durante suas horas livres. Havia-lhe parecido suficiente poder colaborar naquela obra extraordinária que permitiria a outros visitar planetas distantes. Sua mente relembrou aqueles meses em que viu a nave tomar forma, e pouco a pouco foi fechando os olhos.

Já estavam chegando ao seu destino quando seu companheiro o despertou. Chuck viu então que a nave já havia girado, impulsionada por seus diminutos foguetes de direção e que sua cauda apontava para a superfície lunar. No visor-radar instalado na popa via-se claramente a enorme cratera chamada Albategnius, cuja circunferência de cento e vinte quilômetros preenchia quase toda a tela. Dentro daquele espaçoso círculo destacavam-se duas crateras menores. Luna City estava situada na menor, a que os primeiros exploradores haviam batizado com o apelido de Bud, e a expedição marciana preparava sua nave na outra, que era conhecida familiarmente com o nome

de Junior. Ao redor da cratera elevavam-se as paredes circundantes que já começavam a bloquear a visão dos viajantes, enquanto que o pico central parecia elevar-se diretamente para eles. Já podiam até ver o edifício do observatório erigido ao lado do pico.

Chuck fez um sinal afirmativo ao mesmo tempo em que punha em funcionamento o foguete de popa para conter o impulso da nave. A aterrissagem era igual à decolagem, salvo que era muito mais difícil, já que tinham que deter completamente a descida no momento exato em que tocasse na superfície de chegada. O piloto fixou a vista na tela do visor-radar enquanto manipulava as alavancas de comando, e mais uma vez Chuck sentiu o desconforto da pressão resultante. Quando a manobra foi finalizada, não sentiu mais que uma leve sacudidela no momento em que a nave pousava suavemente sobre suas três aletas de aterrissagem.

- Magnífica aterrissagem – comentou o rapaz.

O índio balançou a cabeça afirmativamente. Com efeito, a aterrissagem tinha sido um êxito.

Eles aguardaram enquanto esfriava o terreno esquentado pelo escapamento do motor. Depois ouviram que batiam na parte externa da nave. Jeff acionou a alavanca que abria a primeira porta da câmara de compressão e que servia de vestíbulo para a nave. Aguardou um instante e voltou a fechá-la. A câmara de compressão servia para que os que chegavam do vazio exterior pudessem entrar na nave sem que esta perdesse suas reservas de ar respirável. Um momento mais tarde, abriu-se a segunda porta e daí a pouco entrou pela escotilha o pai de Chuck.

O engenheiro vestia um traje muito semelhante ao dos mergulhadores, com um capacete esférico de um material transparente que lhe cobria toda a cabeça. Ele tirou então o capacete e olhou sorridente para seu filho, enquanto lhe oferecia um dos trajes atmosféricos que levava pendurado no braço.

- Chuck! - exclamou com voz trovejante. - Que bom te ver! Bem vindo a casa!

- Olá papai! - disse o rapaz, com voz emocionada, ao abraçar seu progenitor. Depois recobrou-se e sorriu alegremente. - Passei nos testes! Posso viajar para Marte!

O sorriso apagou-se dos lábios de William Svensen, que desviou seu olhar para o rosto de Jeff Foldingchair. O piloto afastou os olhos ao mesmo tempo em que encolhia os ombros.

- Eu lhe disse que a nave partiria com dois dias de antecipação – disse o cherokee.

- Calculei que saberiam quando era seu aniversário. Que diabo, Svensen, não pude dar-lhe a notícia!

Chuck deixou-se cair sobre o colchão. Havia sido um idiota ao não entender a verdade. Na nave espacial não poderia viajar ninguém que contasse com menos de dezoito anos de idade, e o aniversário de Chuck era um dia depois da nova data fixada para a partida.

Svensen balançou a cabeça enquanto estendia o traje atmosférico para seu filho.

- Talvez possamos fazer alguma coisa – expressou-se lentamente. - Vamos, ponha seu traje. Sua mãe o espera em casa e conviria que partíssemos já. Depois falaremos nisto. Eu ainda não disse à sua mãe que você não pode ir.

O rapaz virou o rosto enquanto vestia o traje, pois não queria que seu pai visse as lágrimas que assomavam aos seus olhos. Estava certo de que não o deixariam participar na magnífica aventura.

## Cap. 2

# A EROS

Sobre a superfície da Lua brilhava o sol em todo seu esplendor, esquentando as rochas até o máximo. Somente graças aos pesados trajes atmosféricos e aos capacetes que desviavam os raios prejudiciais, era possível caminhar no exterior. Chuck e seu pai deixaram Jeff e encaminharam-se pra a borda da cratera menor onde estava Luna City. Ali, onde a gravidade tinha um poder de atração seis vezes inferior à da Terra, a maneira normal de caminhar era dando saltos de seis metros, com o que se movimentavam a uma velocidade superior a quinze quilômetros por hora.

Devido à total falta de ar era impossível falar, detalhe que alegrou o rapaz. Desejava dispor de tempo para recobrar-se do golpe que lhe produzira a morte das suas esperanças. Seguiu seu pai muito triste, enquanto seus olhos entristecidos passeavam pelas negras sombras e pelas luzes cintilantes que contrastavam na rachada superfície do satélite.

Passaram junto ao grupo de edifícios que serviam de depósitos – dos quais já saíam os caminhões fechados em direção à nave-foguete – e chegaram aos trilhos que conduziam à cratera Bud. O carro elétrico esperava no alto, quando Chuck se deteve para dar uma olhada no interior da cratera. O fato de que tinha estado afastado por umas semanas fazia com que ele olhasse tudo com interesse renovado.

Na realidade não havia muito o que se ver. Luna City havia sido construída à maneira das antigas moradias dos trogloditas. As habitações eram cavadas na rocha viva da borda da cratera e muito distantes da superfície lunar. No exterior viam-se somente meia dúzia de câmaras de compressão pelas quais se entrava nos túneis que serviam como ruas e que ligavam entre si as lojas e casas de família. Havia sido construída assim para proteger os habitantes dos meteoros que costumavam cair. Além disso, eles podiam viver sem estarem sempre vestidos com os trajes atmosféricos, já que todo o interior da cidade contava com atmosfera própria, produzida por máquinas especiais.

Todas as habitações eram agrupadas. Na profundidade da parede do lado oposto, achavam-se os enormes geradores atômicos que os proviam de força motriz e não muito distante deles estavam os laboratórios químicos e as fábricas de vácuo. Nas partes sombreadas do exterior, a temperatura era de muitos graus abaixo de zero e era absoluta a falta de atmosfera, o que os permitia fabricar produtos que usavam para comerciar com a Terra.

Mesmo o alimento para todos era produzido em subterrâneos, em tanques que continham água e substâncias químicas, e essas hortas hidropônicas eram iluminadas artificialmente. Isto porque lhes faltava a luz do sol durante quatorze dias, sendo bastante intensa nos quatorze dias seguintes. Era mais fácil regular a iluminação artificial para conseguir uma produção dirigida de alimentos.

Svensen puxou a mão de Chuck e o rapaz subiu no veículo onde já havia outros

dois homens: José Ibáñez, empregado das plataformas de carga, e Abdul Ibn Hamet, que trabalhava nas minas de urânio. Ambos lhes sorriram cordialmente e o árabe inclinou-se para a frente para tocar o seu capacete com o de Chuck, a fim de fazer-se ouvir.

- *Bonan vesperon, amiko* – cumprimentou.

Os habitantes da Lua regiam-se por períodos de vinte e quatro horas, apesar de seus quatorze dias de escuridão e quatorze de luz, e Chuck percebeu que já era tarde para eles.

- *Domagô, líu ne?* - acrescentou Abdul Ibn Hamet.

Chuck disse para si mesmo que era mais que doloroso quando devolveu o cumprimento. A partida do veículo neste momento impediu-os de fazerem outros comentários, e o rapaz pôde suspirar aliviado. Ainda não estava com humor para falar sobre sua má sorte, e gostou quando os dois homens se encaminharam para a entrada da horta quando o veículo parou.

Uns seiscentos metros mais adiante achava-se a entrada de uma pequena câmara de compressão que indicava a localização do “prédio de apartamentos” onde residiam os Svensen. Chuck diminuiu o passo, temeroso das perguntas que lhe faria Kay, sua irmãzinha de oito anos. Ao chegar à entrada, deixou que seu pai passasse primeiro, esperou que a luz verde lhe indicasse o momento preciso e seguiu-o lentamente. Quando transpôs a porta interior, viu que seu pai estava tirando o traje atmosférico e guardando-o junto a outros que havia nos armários embutidos na parede.

- Eu já lhes disse que não haverá festa esta noite – disse a Chuck, quando o rapaz começou a tirar o traje. - Achei que você queria ficar tranquilo. E não se aflija, por hora não falaremos da viagem, certo?

O rapaz notou o olhar compreensivo do seu pai e sentiu que se formava um nó em sua garganta. Ficou imaginado como todos seus familiares iriam lidar com isto.

- Obrigado, papai. Mas diga-me o que aconteceu.

- O observatório descobriu uma grande concentração de meteoros que interceptariam a rota da nave em sua trajetória para Marte. Tiveram que fazer novos cálculos para evitá-los e, conseqüentemente, adiantou-se em dois dias a data da partida. Por isto você perdeu. O regulamento é muito exigente no que se refere à idade, mas o governador está usando toda sua influência e é possível que ele consiga que você seja incluído. Afinal, eles necessitam de um operador de radar... Vamos comer antes que o jantar esfrie.

O apartamento era no mesmo nível do túnel e os dois dirigiram-se à entrada e Chuck viu que a porta estava aberta. Deixou escapar um assobio e do interior saiu correndo um cãozinho peludo que começou a saltar ao seu redor.

- Tippy! Como você está? Sentiu falta de mim pelo menos?

- Ele ficou louco lhe procurando – disse Svensen.

O cãozinho havia sido levado para a Lua de contrabando dois anos antes. Foi Jeff Foldingchair quem o levou consigo, e o animalzinho era um dos seis que existiam no satélite. Tendo crescido ali, ele adaptou-se naturalmente às condições da Lua e tinha até um pequeno traje atmosférico que lhe servia para sair para a superfície. De forma que ele se comportava como qualquer outro cão a quem seu amo tivesse abandonado por muito tempo.

Pouco tempo depois apareceu a mãe de Chuck, que o abraçou carinhosamente. Corriam-lhe lágrimas pelo rosto e para que os outros não vissem, beijou-o rapidamente e voltou imediatamente para a cozinha. Kay saltava ao redor do seu irmão, unindo sua voz aguda aos latidos contínuos de Tippy.

- Me trouxeste um presente, Chuck? Hein? Onde está meu presente?

O rapaz procurou a caixa de bombons que trazia em um dos bolsos, e um segundo mais tarde a boca da menina estava cheia demais para que ela continuasse fazendo-lhe perguntas.

Chuck então entrou em seu quarto para botá-lo em ordem. Estava tal como o deixara, com uma finíssima camada de pó sobre os diversos aparelhos de radar que ocupavam todo um lado do quarto, e com os quais ele se entretinha desde a sua chegada ao satélite. O detalhe da limpeza deve ter aborrecido sua mãe, mas ela havia deixado tudo como estava para agradá-lo. A única mudança que encontrou ali foi uma cartão de uma estação transmissora da Terra com a qual havia conseguido se comunicar pouco antes de partir.

Estava em casa, não havia dúvida alguma a esse respeito. Tentou convencer-se de que Jeff tinha razão, e que somente um louco desejaria deixar tudo aquilo, mas isto foi impossível. Durante o jantar, apenas tocou na comida que sua mãe havia lhe preparado com tanto amor.

Pela manhã já estava acordado quando ouviu que seu pai se vestia para ir trabalhar. Automaticamente, pegou suas roupas de trabalho e começou a vestir-se. Começaram apressadamente e saíram pela câmara de compressão, em frente à qual lhes esperava um pequeno trator elétrico que já estava ocupado por outros que trabalhavam no primeiro turno.

O trator levou-os até os trilhos do veículo que subia lentamente para a superfície, para logo cruzar velozmente o fundo da grande cratera em direção a Junior. Ali não havia outro transporte que os levasse para baixo, mas tinha sido construída uma rampa pela qual eles desceram a pé.

A enorme nave sideral estava quase terminada. Já haviam retirado o andaime externo e a nave mantinha-se erguida sobre suas três aletas traseiras. Com os tanques cheios de combustível, pesaria quase trinta toneladas da Terra, o que equivalia a cinco na Lua. Com um comprimento de trinta metros, diferenciava-se dos foguetes menores por ter a forma de um enorme tanque de petróleo voador. Em sua base, media dezoito metros de diâmetro, suas asas eram diminutas e sua proa era rombuda. Como não teria que vencer mais que a atmosfera fraca de Marte, não acharam necessário desenhá-la com linhas aerodinâmicas.

A superfície externa estava completamente finalizada, e nela destacava-se o nome *Eros*, com que a haviam batizado. No interior já haviam sido instaladas as partes principais. O motor atômico descansava sobre os enormes escapamentos do foguete, e mais acima achavam-se os depósitos de combustível, as hortas hidropônicas e, finalmente, o alojamento da tripulação e a cabine de comando. Só precisava mais um pouco de trabalho para deixá-la completamente pronta.

Chuck encaminhou-se para a cabine de comando, deixando seu pai que dirigia os trabalhos de ajuste do motor. Ainda era preciso terminar alguns detalhes no equipamento de radar, e o rapaz foi responsável pela instalação de uma grande parte do mesmo.

O robusto Richard Steele, engenheiro negro que participaria da viagem, já estava na sala de instrumentos, testando a circulação de ar. Chuck ainda não acabara de entrar pela escotilha principal, quando o negro fez as válvulas funcionarem. Quando o lugar encheu-se de ar respirável, os dois amigos tiraram os capacetes.

- Olá, Chuck – saudou o negro com sua voz potente, ao mesmo tempo em que lhe favorecia com um sorriso cordial. Cheirou o ar e balançou a cabeça afirmativamente,

com ar aprovador. - Fiquei aqui a noite toda me esforçando para eliminar o cheiro de tinta fresca. Finalmente parece que consegui. Não nos fará mal respirar um pouco de ar sem usar os capacetes. Como vai você?

- Acho que bem, Dick.

- Acha?... Ah, pois eu lhe asseguro que você irá, se é que nós temos algo a dizer a respeito. Mal recebemos a notícia e fizemos uma conferência com o governador. Por acaso não fomos nós que o escolhemos para a viagem?

- Isso já é outra coisa... - disse Chuck. - O regulamento tem que ser respeitado.

O gigante negro concordou lentamente.

- Sim, eu já sei disto, mas não soube que tenham nomeado nenhum outro, e você pode estar certo de que não sairemos sem um operador de radar. A nave foi construída para seis homens e levará os seis. Bote o capacete, vou fechar a passagem de ar.

Chuck levantou a mão para o capacete quando o ar já estava começando a ficar rarefeito. Steele ficou observando os medidores e então deu uma palmadinha no ombro do rapaz, após o que desceu pela escotilha.

Chuck passou a estudar os gráficos do que tinham conseguido até então e dedicou-se logo ao seu trabalho, já se sentindo um pouco melhor. Não acreditava que houvesse alguma chance para ele, mas o fato de que os outros quisessem levá-lo dava-lhe um pouco de consolo.

Então concentrou-se completamente em seu trabalho, esquecendo os outros problemas.

No devido tempo, chegou seu substituto para o segundo turno. O sujeito bateu no capacete de Chuck antes de ocupar seu posto.

- O governador que lhe ver. *Bonan ancon!*

- Ao chegar no gabinete do governador, Chuck já o encontrou esperando-o. O funcionário parecia um Papai Noel sem barba, que sempre estava jovial e atento com todos. Contudo, neste momento notava-se um traço de tristeza em seu sorriso de boas vindas.

- *Bonan tagon*, Chuck. E teria lhe chamado ontem à noite, mas compreendi que você estaria cansado. Agora quero lhe comunicar uma notícia que não é de todo ruim.

O rapaz aguardou enquanto o governador procurava entre seus papeis.

- Oh, não importa! -disse o funcionário. - De qualquer forma eu já sei o que diz. - deixou de lado os papéis e recostou-se na sua cadeira. - Você é um jovem importante. O presidente dos Estados Unidos solicitou oficialmente à ONU que permitam que você participe da viagem. Você foi o melhor de todos os que se apresentaram para o exame para ganhar o posto, e a Terra concorda comigo em que nós da Lua não devemos ser deixados de lado. Se pudermos apressar a decisão do Conselho, é possível que consigamos contornar essa cláusula condenada.

- Não deveria incomodar-se tanto... - começou o rapaz. Mas o governador interrompeu-o com um gesto de mão.

- Besteiras! Eu teria uma rebelião nas mãos aqui se não o fizesse. - Balançou a cabeça e acrescentou: Mas não quero infundir-lhe falsas esperanças. Será muito difícil. Se conseguirmos que se atrasem na votação de outras coisas e conseguirmos acelerar os trâmites perante o Conselho, talvez haja uma chance. O ruim é que o que ficou em segundo na pontuação é um jovem estadunidense de ascendência chinesa. Naturalmente, o delegado chinês perante o Conselho vai opor-se a nós.

- Que chances eu tenho? - perguntou Chuck.

- Eu dormiria melhor se soubesse, garoto. Mas anime-se. Faremos tudo o que es-

teja em nossas mãos para conseguir. E existe uma antiga lei que posso aproveitar para botar em quarentena o que o substituir e obrigá-lo a esperar que o examinem e vacinem. Se não chegar amanhã mesmo, poderei atrasá-lo até depois que a nave tenha partido para Marte.

- Não!

- Você vai ver – riu o governador, dando uma volta em torno da sua mesa para bater nas costas do jovem. - Sou um homem pacífico, mas também sou obstinado e ninguém ganha de mim. Agora vá para casa e durma tranquilo. Estamos todos do seu lado.

Enquanto seguia para casa pelo longo túnel, Chuck meditou sobre o assunto e decidiu que sua sorte estava nas mãos do destino. Mas o que mais o aborrecia era a incerteza das suas chances. Deteve-se em uma das lojas para pegar o diário que era publicado na cidade e leu-o com grande interesse. Neste dia haviam chegado as naves de carga, mas não descarregaram passageiro algum. Seu substituto ainda não havia se apresentado. Depois sorriu, ao compreender sua ingenuidade: se o homem houvesse chegado, o governador já saberia.

Naquela noite ficou operando seu equipamento de radar sem procurar saber de notícia alguma. Ao deitar-se ficou rolando no leito, dizendo-se que isso de deixar seu rival em quarentena seria um ardil injusto e que não devia aproveitar-se disto. Mas convenceu-se de que o fato de ter sido o indicado para o posto justificaria o ardil, já que não era justo que o substituíssem agora.

Pela manhã, quando ia para o trabalho, estudou os boletins a toda pressa. O Conselho ia se reunir. Mas no dia anterior haviam-se ocupado em discutir uma questão de precedência, e por esta razão não foi sequer mencionada a solicitação de Braithwaite. Ele se fixou na seção correspondente sem achar menção alguma de que se esperavam naves naquele dia, e a que chegara na noite anterior não havia trazido nenhum passageiro.

Na *Eros* os operários continuavam trabalhando, mas não havia muito o que fazer e por isto o pessoal não estava muito preocupado. Por todas as partes havia grupinhos cujos componentes tinham os capacetes encostados uns aos outros, para conversarem com grande animação. Chuck não conseguiu suportar os olhares e saiu da cabine de comando fechando a escotilha atrás de si.

Meia hora depois chegou-lhe a voz profunda de Dick Steele pelo ar que agora preenchia toda a nave, e ele imediatamente abriu a escotilha.

- Temos novas notícias, Chuck. Jeff Foldingchair recebeu uma ordem urgente para ir para a Terra e partiu ontem à noite. Acaba de aterrizar agora, e dentro de alguns minutos saberemos do que se trata.

Chuck assentiu com a cabeça. Devia ter adivinhado que as autoridades se antecipariam ao ardil do governador e mandariam um substituto com tempo de sobra. Guardou suas ferramentas deixando-as perfeitamente em ordem.

- Vou para casa, Dick.

- Eu te levo, garoto – respondeu o negro, colocando o capacete para descer com o jovem.

Os operários afastaram-se para deixá-los passar. O pai de Chuck era um dos que não estavam à vista, mas assomou a cabeça pela escotilha do motor e fez-lhe sinal com a mão quando o rapaz subia no trator. Todos tentavam mostrar-se indiferentes, como se nada estivesse acontecendo, mas estavam perfeitamente cientes do que estava acontecendo.

Chuck parou para lançar uma longa olhada na gigantesca nave-foguete antes de



dizer a Dick que ligasse o trator. Alto no céu, conseguia avistar o pontinho que era Marte, e que agora lhe parecia muito mais distante que nunca.

## Cap. 3

# RIVAL AMIGÁVEL

A mãe de Chuck recebeu-o na porta, olhando-o com expressão preocupada.

- Você tem visita, Chuck – informou-o. - Como não quis que vocês sejam perturbados enquanto conversam, eu o mandei para seu quarto.

O rapaz fez um esforço para sorrir, assentiu com a cabeça e foi para seu quarto.

O jovem que ali o esperava parecia estar mais perturbado que ele. Sua pele ligeiramente olivácea e seus olhos oblíquos indicavam claramente a razão. O rival de Chuck, não somente havia chegado à Lua, como também estava ali no seu quarto.

O visitante levantou-se e estendeu a mão para o rapaz.

- Sou Lewis Wong, senhor Svensen. Acho que já sabe porque estou aqui. Eu... queria dizer-lhe que lamento muito. Foi por isto que vim aqui primeiro.

Isto surpreendeu Chuck, que fez um esforço para dizer alguma coisa, mas ou outro continuava rapidamente:

- Vi as notas números nos seus exames e sei que você é o homem indicado para o posto. Enfim, eu estava certo desde o início. Por isto, eu espero que a solicitação do governador a seu respeito seja aceita.

- Eu achava que a haviam recusado – disse Chuck.

- Ainda não haviam feito isto quando eu parti, ainda não tinham estudado o assunto. Eu vim para o caso em que fosse recusado. Já soube o que todos aqui pensam: seu amigo Foldingchair explicou-me claramente. Eu... Como é bom este equipamento de radar! Eu... Oh, diabos! O caso é que eu não posso negar-me a ir, não é verdade?

Chuck olhava-o fixamente, sentindo-se tão perturbado quanto ele.

Perguntou-se então o que teria feito no caso de estar na situação de Wong.

- Se me escolhessem e eu me negasse a ir... - começou.

- É verdade – concordou o outro com os olhos baixos. - Sim, acho que eu tampouco iria querer o posto. Era somente uma ideia e nada mais.

- Bem, Lew, não falemos mais nisto. Não gostaria de visitar a nave amanhã? Já está quase pronta, mas eu poderia ajudá-lo a localizar tudo. O equipamento que temos nela deixa este aqui no chinelo.

Então começaram a fazer comentários sobre o equipamento de Chuck. Lew parecia conhecer mais teoria que Chuck, embora tivesse tido menos oportunidade de praticar com os equipamentos de longo alcance. O aparelho foi um dos argumentos mais fortes a favor de Chuck, já que ele o havia construído com as partes deixadas de lado quando preparavam o da estação receptora da cidade, fazendo-o todo com as próprias mãos. A comissão examinadora havia comentado o fato de que este trabalho demonstrava que Chuck era capaz de improvisar caso necessário, coisa que poderia ser muito importante durante a longa viagem.

- Onde está alojado, Lew? - perguntou finalmente Chuck.

O outro encolheu os ombros.

- Não sei. Acho que me destinaram algum apartamento. Mas eu vim para cá tão logo me apresentei na administração geral. Por que?

- Então eles o alojarão com outro membro da tripulação. Por que não fica comigo? Depois da janta eu vou ligar o parêntese e nós poderíamos fazer algumas chamadas para a Terra. Ei, mamãe!

A senhora Svensen aceitou de bom grado, tal como imaginara seu filho. Se estava surpresa, não demonstrou de modo algum.

Naquela noite, Chuck dormiu no mesmo quarto em que repousava o rapaz a quem quase odiara na noite anterior. Durante um longo tempo permaneceu acordado, meditando sobre o detalhe. Teria sido muito simples se Lew não fosse tão simpático. Agora nem sequer podia esperar que o Conselho se decidisse ao seu favor, sem preocupar-se com o golpe que receberia seu novo amigo.

Mas, por estranho que pareça, sentia-se melhor assim. Estava muito aliviado com o fato de ter alguém da sua própria idade com quem falar, e pôs-se a traçar projetos para o dia seguinte, até que finalmente foi vencido pelo sono.

Mas eles não chegaram a ir à nave. No dia seguinte chegou a decisão do Conselho. Vivendo na Lua, Chuck havia esquecido certas coisas. Ali ele havia aprendido a aceitar todos os homens e todas as nacionalidades por igual. Mas ainda existiam ciúmes raciais no planeta em que todos nasceram. Sete nações haviam unido suas vozes à dos Estados Unidos e à do governador Braithwaite na solicitação de que isentassem Chuck quanto ao regulamento, mas a China manteve-se firme em sua decisão.

O delegado da República Chinesa foi sincera a este respeito. Admitiu que Chuck estava melhor dotado em certos sentidos, e era uma ideia amável a de enviar alguém da Lua naquela viagem. Mas outros candidatos prometedores haviam sido rechaçados devido à idade, e alguns deles com poucos dias de diferença. Um dos que estavam nestas condições tinha ascendência chinesa, embora fosse cidadão dos Estados Unidos, tal como Lewis Wong.

Os primeiros a chegar à Lua tinham sido indivíduos da raça caucasiana. Agora seria muito justo que um indivíduo da raça chinesa estivesse entre os primeiros a chegar a outro planeta. O delegado lamentava a situação de Chuck, mas tinha que ser justo e leal com os da sua raça e negar-se totalmente a permitir uma mudança no regulamento.

A China emitiu sua opinião deste modo, e já era sabido que somente uma decisão unânime poderia mudar o regulamento. Chuck Svensen não poderia fazer parte da tripulação que chegaria ao planeta Marte.

- Ciúmes raciais. - declarou Lew Wong com veemência. - Sou tão chinês como Dick Steele é africano. Minha pátria são os Estados Unidos, como você, Chuck.

O pai de Chuck interveio então:

- Não, Lew. Não se trata de ciúme racial. O mesmo se poderia dizer de nós que desejamos que haja um representante da Lua. Não existe nada demais no orgulho racial e o delegado chinês tem razão, de modo que não se pode censurá-lo. Se Chuck não pode ir, devemos resignar-nos, e eu pela minha parte, me alegro que seja você quem o substitua.

Chuck ficou alegre pelo que seu pai havia dito. A impressão resultante de ouvir o veredito havia-lhe deixado mudo por um momento, embora estivesse certo a respeito da decisão que o Conselho haveria que tomar.

Estreitou a mão de Lew sem saber o que dizia. Nem sequer ouviu a desculpa que dava ao seu novo amigo para retirar-se, e quase não se deu conta de que saía.

William Svensen levantou-se lentamente, enquanto limpava o forno do seu cachimbo. O golpe havia sido tão forte para ele como para seu filho. Não obstante, fa-

lou com voz tranquila a dirigir-se ao seu filho.

- Má sorte, garoto. A propósito, Vance e Rothman farão um teste amanhã. Vance me disse que queria que você fosse o primeiro a fazer funcionar o equipamento de radar, fosse qual fosse a decisão do Conselho. Então, eu acho aconselhável você ir para a cama, pois, deste modo, estará em condições de portar-se bem durante o teste.

- Lew é quem deveria fazer isto – protestou o rapaz. - Ele precisa praticar. Eu acho que...

Foi interrompido pela campainha do telefone que foi atendido pelo seu pai.

- Sim, doutor... Como?... Mas ele estava bem a uns minutos... Ahan!... Bem, vou agora mesmo. - voltando-se rapidamente para Chuck – Lew acaba de se apresentar na clínica. O doutor Barnes disse que ele parece sofrer de apendicite aguda. O rapaz afirma que vem se sentindo mal desde que chegou.

- Isto é uma impostura, papai.

- Claro que sim. Que garoto idiota! Vamos.

O doutor Barnes recebeu-os na porta do seu consultório e os fez entrar. Um leve sorriso curvava seus lábios finos.

- Parece que terá que ser você, Chuck. - manifestou.

- Doutor, você sabe tão bem quanto eu que Lew Wong não está com apendicite – interrompeu-o Svensen. - Se você for com a corrente somente para que meu filho vá em seu lugar, está completamente equivocado. Não vou permitir isto! Chuck não irá. Assim decidiu o Conselho e assim será. De qualquer forma, com isto só conseguiríamos que enviassem outro.

- Mas... - o médico enrubesceu vivamente mas afinal concordou. - Tem razão, Will. Me pareceu uma boa ideia, mas reconheço que não daria resultado. Hummm! Entretanto, Wong poderia ter uma apendicite crônica que tornou-se aguda pela mudança da gravidade. Nesse caso, nós poríamos em perigo sua vida se não o proibíssemos de partir antes de examiná-lo a fundo e fazer uma consulta. Se ele insiste em que se sente mal, eu nada posso fazer.

- E os sintomas?

- Ou ele consultou em algum livro de medicina ou tem alguma coisa mesmo. Mas não verifiquei febre e o seu pulso está normal.

Svensen olhou para seu filho com expressão interrogativa.

- Bem, rapaz, entre ali e faça-o mudar de ideia. E se você não conseguir, conseguirei eu com o cinturão!

Lew estava no consultório interno, sentado na cama, com um leve sorriso nos lábios. Quando Chuck entrou, ele deitou-se e começou a gemer.

Chuck olhou-o firmemente.

- Eu não penso em ir, Lew. Mesmo que quisesse substituí-lo, papai não permitiria. Se você quer atrasar a partida enquanto encontram outro, pode fazer. Mas não conte comigo e eu nem sequer irei na viagem de teste. Isto depende de você. Obrigado pela boa intenção, mas não posso me aproveitar disto.

Dito isto, girou sobre os calcanhares e saiu de lá, fechando a porta antes que Lew pudesse fazer a menor objeção. Passou-se um minuto antes que o outro rapaz o seguisse, e quando o fez parecia um pouco cabisbaixo.

- Suponho que me tomaram por idiota – murmurou. - Está bem, foi uma ideia que não deu resultado. Mas você irá na viagem de teste, amigo Chuck.

O doutor começou a rasgar o cartão de admissão, enquanto os três saíam pra a casa dos Svensen, com Lew esforçando-se em convencer Chuck a fazer a viagem de teste.

Mas Chuck já estava decidido. Já não queria abrigar esperanças nem fazer planos que logo estariam falidos. Nada ganharia em estar uma coisa que somente o faria invejar mais ainda a Lew.

Eu estarei observando-o daqui – disse. - Mas se não posso ir a Marte, já sou grande demais para estar brincando. O posto é seu e isto basta.

- E você, o que vai fazer?

Svensen pôs as mãos sobre os ombros dos dois rapazes.

- Chuck vai querer aprender a pilotar com Jeff Foldingchair. Jeff sugeriu isto quando conversamos sobre o assunto ontem a noite. Ele agora está na idade mais indicada... e quando o próximo foguete partir para Marte, eu não acho que haverá outro piloto que possa ganhar de um rapaz da Lua que é capaz de guiar uma nave e operar também o equipamento de radar. Não é assim, filho?

- É assim – respondeu o rapaz.

Tal havia sido seu desejo anos atrás, embora ele nunca tivesse abrigado a esperança de que sua mãe lhe permitiria guiar uma nave por sua própria conta. Mas agora contava com a promessa do seu pai.

- Haverão outras viagens, Lew – disse ao seu novo amigo.

Já a algum tempo que alguém os chamava em voz alta, mas os três estavam entretidos demais com a conversa para prestar atenção. Agora, em uma pausa silenciosa, Chuck ouviu que pronunciavam seu nome. Ao voltar-se, viu o secretário do governador que corria para eles.

- O governador quer vê-lo agora mesmo!

- O Conselho mudou de ideia? - perguntou Lew.

- Não, não. - o secretário franziu o cenho. - Claro que não, mas eles tomaram outra decisão recomendada pelo delegado chinês. A notícia acaba de chegar.

Eles o seguiram de imediato, tentando extrair-lhe mais informações, mas o indivíduo não quis dizer nada. Após as sucessivas surpresas que recebera nos últimos dias, Chuck já não estava em condições de reagir. Não ia conseguir tudo que ambicionava, mas pelo menos nem tudo estava perdido. O fato de pertencer a Luna City bastava-lhe para ser feliz. Isto, e a possibilidade de chegar a ser piloto de naves espaciais, era mais que suficiente para ele, e a verdade era que não podia se queixar. Ir para Marte era algo assim como ir para o céu... e a maioria das pessoas tinha que morrer para consegui-lo.

Provavelmente o Conselho lhe apresentaria uma desculpa oficial ou lhe concederia o direito à maioria na Lua, dando-lhe assim a oportunidade de ocupar algum cargo oficial. Isto seria agradável, embora não muito importante.

Quando entraram, viram que o governador sorria muito feliz. O funcionário estreitou efusivamente a mão de Chuck, mostrando-se triste pelo fato de que sua solicitação não tivesse prosperado. Mas era evidente que estava distraído por outra coisa, a que se referiu logo a seguir.

- Chuck, você não imagina quanto suas notas impressionam ao Conselho. Você deve saber que eles estiveram deliberando durante várias horas antes de votar. Eu lhe asseguro que não é todo dia que o Conselho dedica tantas horas a um homem jovem como você! Eles decidiram que aqui você está perdendo seu tempo e... Mas olhe isto.

Assim dizendo, entregou a Chuck a transcrição de um longo radar-grama e ficou sorrindo enquanto o rapaz lia. Este passou por cima das frases protocolares costumeiras e leu a mensagem principal:

*A pedido do delegado da República da China, resolve-se pela presente que Chuck*

*Svensen, atualmente residente de Luna City, receba uma bolsa deste Conselho, de acordo com a lei estabelecida pelo Comitê de Gastos Educacionais. Esta bolsa durará por um período de seis anos e cobrirá sua permanência em qualquer universidade escolhida pelo interessado, a fim de que siga a carreira de Físico, incluindo em seus estudos qualquer das especialidades em eletrônica que mais lhe interesse. Durante esse lapso, Chuck Svensen será considerado candidato ao posto de Conselheiro do Conselho, e passará três meses por ano a cargo das Nações Unidas, para poder assim assistir às reuniões deste Conselho na qualidade de Conselheiro Menor, em troca de que receberá uma recompensa de sete mil dólares anuais dos quais serão descontados os gastos com estudos.*

Seguiam-se outras considerações oficiais, mas Chuck já havia lido o que realmente lhe concernia, de modo que devolveu a mensagem ao governador.

- Suponho que queiram que eu faça um curso de eletrônica durante seis anos e depois me dedique a trabalhar nas Nações Unidas, não é assim?

- Exatamente – governador sorriu, mais feliz que nunca. - Asseguro-lhe que esta é uma resolução extraordinária. Houve uma agitação tremenda quando o delegado chinês a propôs. Note que uma honra assim só foi dada oito vezes desde que existe o Conselho.

- O que me diz, papai? - perguntou Chuck.

O pai encolheu os ombros.

- Parece uma magnífica oportunidade, muito melhor do que eu poderia oferecer-lhe. Se você quiser aceitar, faça-o. Ganhará mais que pilotando foguetes.

- E terei que renunciar à Lua além de haver perdido a viagem para Marte – Chuck balançou a cabeça. - Não, obrigado. Governador, você poderá dizer-lhes da forma apropriada. Avise-os que não me sinto em condições de aceitar e que prefiro ficar na Lua.

Braithwaite franziu o rosto, esfregando as mãos, e fixou a vista no tapete enquanto removia seus papéis com modos nervosos.

- Temo que isso seja impossível, Chuck – falou. - A verdade é que... Que diabos, você não pode ficar na Lua! O Conselho não imaginou que você poderia recusar a oferta e já me ordenaram que retire sua permissão lunar dentro de duas semanas... Bem sabe que não pode permanecer aqui sem a correspondente permissão.

Chuck sabia disto muito bem; entrar na Lua era como conseguir introduzir-se em um dos laboratórios mais secretos da Terra, e talvez mais difícil ainda. Mesmo Tippy, precisou uma permissão especial depois que Jeff o levou consigo.

O governador pigarreou e franziu o rosto ainda mais.

- E são necessários dois anos de trâmite, depois que se houver retirado uma permissão para que lhe seja dada outra, mesmo para uma visita de duas semanas. Claro, você poderia apelar, embora eu não saiba porque haveria de fazê-lo. Mas os delegados são seres humanos e poderiam sentir-se insultados.

Com esforço, voltou a sorrir, como era seu costume.

- Além disto, pense nas oportunidades que lhe são oferecidas. Vamos, você é um dos rapazes mais afortunados do mundo! Poderia chegar longe. Pense nisto por esta noite e depois veremos, está certo?

Chuck já havia visto o suficiente Claro que era uma grande honra, e ele sentia-se agradecido. Mas os membros do Conselho jamais haviam saído da Terra e não poderiam saber o que estavam fazendo com ele. Haviam-lhe prometido que iria a Marte e agora nem sequer deixavam-no permanecer na Lua.

## Cap. 4

# O PASSAGEIRO CLANDESTINO

Na manhã seguinte, o local onde estava a *Eros* estava iluminado com numerosos refletores e metade dos habitantes da cidade estavam ali para presenciar o teste de voo. O movimento de translação do satélite já havia deixado a cratera Albategnius na mais completa escuridão e então um dos poderosos refletores desviou-se para seguir um pequeno trator que avançava para a nave levando cinco indivíduos que vestiam trajes espaciais mais completos que os usuais.

Os encarregados do teste de voo seriam o capitão Miles Vance, o piloto Nat Rothman e Lew Wong. Jeff Foldingchair, que vestia o volumoso traje espacial desenhado pelo doutor de bordo, participaria do voo a pedido da Comissão Espacial, já que sua experiência seria valiosa em caso de acidentes. O quinto traje era usado por Chuck. Havia chegado da Terra antes da decisão do Conselho e seria uma pena não usá-lo. No capacete havia um diminuto aparelho de rádio que lhe permitia falar com os que usavam trajes semelhantes.

Agora ele estava ouvindo a voz do capitão Vance, que ressoava nos fones colocados em seus ouvidos.

- Ainda está em tempo de mudar de ideia.

- Não, respondeu o jovem, balançando a cabeça dentro do capacete. - Não quero ir como lastro. De qualquer forma, a ideia de participar do teste não agradaria a mãe. Ela ainda acha que a nave poderia cair e quer ver o teste primeiro.

Tocou na alavanca instalada na luva, interrompendo assim a conversa. Então saltou do trator para unir-se aos curiosos. O pessoal já começava a se retirar da área perigosa.

Chuck não tinha desejado nem sequer presenciar o teste, mas agora estava contagiado pelo entusiasmo geral. O trator continuou avançado para a escada que conduzia à câmara de compressão que servia de entrada para a nave, e os olhos do rapaz seguiram as quatro figuras que subiam por ela.

Neste momento sentiu que outro capacete tocava no seu, e ao voltar-se viu o governador que falava ao seu lado.

- *Bonan matenon*, Chuck. Já está se sentindo melhor?

O rapaz tentou sorrir. Continuava sentindo-se igual a antes, mas achou que não seria justo pôr a culpa no governador nem fazê-lo partícipe do seu desencanto.

- Acho que sim – respondeu. - Mas ainda continuo querendo ficar na Lua.

- Hum! Veja bem, eu até enviei uma mensagem para a Terra para tentar a sorte, mas parece que eles seguem adiante com seus planos para você. Alegre-se garoto, você gostará da vida universitária. Em pouco tempo estará acostumado com a mudança.

Chuck assentiu novamente e foi para onde estavam os outros. O governador havia crescido em uma época em que os aviões eram os aparelhos mais adiantados da Ter-

ra, e não poderia saber o que era ter nascido com a ânsia de percorrer o espaço e conhecer novos mundos.

A multidão retirava-se agora com mais rapidez. Chuck achou uma rocha conveniente e sentou-se nela. A *Eros* disparou uma explosão de chamas por seus tubos posteriores que a levantaram um metro do solo. Voltou a descansar sobre suas aletas, enquanto os tripulantes consultavam os instrumentos e faziam rápidos cálculos. Então os refletores piscaram duas vezes e todos se dispuseram para observar o espetáculo.

Desta vez, quando os foguetes funcionaram, partiu deles uma labareda de um tom violáceo profundo que pareceu entrar pelo solo. O terreno tremeu e as vibrações do som viajaram pelas rochas, transmitindo-se para as botas de Chuck. A enorme nave saltou do solo como um cavalo de corrida que parte ao receber o sinal. Subiu por trinta metros, cento e cinquenta, mil, antes que Chuck pudesse levantar a cabeça para segui-la com os olhos.

Pouco depois não era mais que um pontinho azul e vermelho na escuridão do espaço. E assim continuou durante um minuto antes que desaparecesse o clarão quando o motor foi desligado. Chuck aguardou, sabendo que estavam fazendo a nave girar para freá-la com outros disparos na direção oposta. Finalmente, a chama apareceu novamente, desta vez para durar muito pouco. Agora a *Eros* regressaria lentamente para a Lua, enquanto seus tripulantes comprovavam o resultado do teste e faziam-na girar novamente para que seus foguetes apontassem para o chão.

Passaram-se quase vinte minutos antes que voltassem a ver o escapamento dos gases do foguete, e o pontinho desenhou-se novamente ao fundo. A mão de Rothman nos comandos era menos segura que a de Jeff. A nave deteve-se a quinze metros da superfície lunar, e foi preciso mais um disparo para baixá-la, quando foram então desligado definitivamente os motores. No geral, a alunizagem foi muito boa.

Evidentemente, o teste havia sido coroado de êxito. Chuck ouviu um zumbido e ligou seu rádio para ouvir a voz de Jeff que dizia-lhe:

- Não vá embora, Chuck. Vou deixar os rapazes fazendo seus cálculos e voltarei com você.

O rapaz respondeu afirmativamente e aproximou-se o máximo possível da nave. Passaram-se quase dez minutos antes que o solo estivesse frio o suficiente para que Jeff pudesse sair. O piloto apontou para a diminuta antena do seu capacete e levantou dois dedos. Chuck moveu a alavanca do seu para a segunda posição, de forma que pudesse falar com Jeff, sem que os outros ouvissem.

- Como ela andou? - perguntou.

- Maravilhosamente bem - foi a resposta. - É pesada e pouco elegante, mas tem uma potência de mil demônios. O que é isso que estão falando que vão mandá-lo para a Terra? Você não é homem para trabalhar em um escritório. Seu pai e eu havíamos combinado que você ia estudar comigo para obter o grau de piloto.

O rapaz localizou um pequeno trator e logo o pôs em movimento na direção da outra cratera, enquanto se esforçava para explicar a situação ao seu amigo. Jeff amaldiçoou com desgosto a estupidez de todos que não sabiam apreciar o encanto das viagens espaciais, mas concordou com o ponto de vista do governador.

- Uma vez que retirem sua permissão, você estará perdido. Eles dirão que é um mal agradecido, se você apelar. Seja como for, Braithwaite tem que estar bem com eles se quiser conseguir mais fundos para fundar outra colônia. Ele não pode fazer mais nada.

- Eu sei. Não estou culpando ninguém Mas o caso é que lamento muito o que está acontecendo comigo.



- O mesmo acontece com seu pai. Tinha tanto interesse na viagem quanto você. A família se acostumou com a ideia de não lhe ver por dois anos enquanto você ia para Marte. Mas não lhes agrada passar sem você por uma coisa que não quer fazer. Ouça, vamos ao meu apartamento. Eu trouxe da Terra uns pasteizinhos de carne. Estão um pouco amassados mas ainda podem ser comidos.

Chuck não estava com apetite, mas não se sentia com forças para voltar para o seu quarto e ficar sozinho pensando. Concordou e eles se dirigiram para a entrada do alojamento dos solteiros. O quarto de Jeff estava cheio de livros e relíquias dos dias dos foguetes primitivos e era notavelmente confortável.

Jeff cortou os pastéis enquanto iniciava um longo relato a respeito das primeiras viagens que fizera. Apesar de si mesmo, Chuck escutou-o com grande interesse. A tarde já ia avançada quando ele finalmente se levantou para sair.

O piloto o acompanhou pelo túnel até o apartamento dos Svensen.

- A *Eros* é uma grande nave – disse logo. - Tem mais espaço que as outras. Poderíamos ocultar um exército nas hortas hidropônicas. Se eu fosse mais jovem e temerário, eu teria me escondido a bordo em uma noite dessas, tal como esse garoto louco de quem te falei, que veio na nossa quinta viagem. O salto durará dois anos e será algo extraordinário. Ei!

Chuck voltou-se ao ouvir esta exclamação.

- Que foi, Jeff?

- Acaba de me ocorrer uma ideia. Provavelmente você voltará a receber sua permissão de visita, mais ou menos na época em que a *Eros* regressar. Pelo menos poderá vir para cá e ver sua chegada – chegaram ao apartamento e Foldingchair voltou-se para ir embora. - Vá me ver antes que o mandem de volta, garoto.

O rapaz encontrou sua família sentada à mesa, comentando sobre o novo trabalho de Svensen nos laboratórios, agora que a construção da *Eros* havia terminado. Mas seu pai mudou de assunto ao vê-lo entrar.

- O governador arrumou as coisas para que nós dois possamos observar a partida na torre do radar – informou. - Assim nós poderemos seguir as primeiras alternativas da viagem. Não me surpreenderia se eles lhe dessem uma oportunidade para dirigir as comunicações.

Chuck sabia que a notícia deveria alegrá-lo, mas estava muito abstraído pelas coisas que Jeff lhe dissera.

- Obrigado, papai – respondeu, sentando-se. - Mas... enfim, eu acho que não irei presenciar a partida.

- Oh! - seu pai fez um gesto compreensivo. - Bem, filho, como você quiser

Ato seguinte, reiniciou a conversa sobre seu novo trabalho.

Chuck brincava com os talheres, esforçando-se para comer, mas estava completamente distraído pela ideia que acabara de lhe ocorrer. Terminou depressa e levantou-se, indo beijar sua mãe que maneava a cabeça com pena enquanto olhava para o prato do rapaz.

Estou cansado, mamãe. Por isto não comi. Vou dormir.

- Eu não o acordarei pela manhã – prometeu seu pai.

Este detalhe favorecia o cumprimento do plano que acabara de conceber. Chuck fechou a porta atrás de si e deitou-se na cama. Então, lembrando que alguém poderia ir vê-lo, cobriu-se completamente com as mantas e pousou a cabeça sobre o travesseiro.

Passar-se-iam dois anos antes antes que lhe concedessem uma nova permissão, mas por esta época ele já estaria muito adiantado em seus estudos para poder re-

nunciar a eles, e ainda lhe faltariam quatro anos mais de residência na Terra para completar o curso. Em troca, se viajasse na *Eros*, obteria a permissão quando voltasse... e não haveria condições a satisfazer. Fosse como fosse, seu pai desejava que ele fizesse a viagem, e até sua mãe havia-lhe concedido sua permissão para ir a Marte. Não seria um inútil. Os exames que prestara haviam demonstrado sua competência e sua habilidade.

Esforçou-se para lembrar o relato que Jeff lhe fizera sobre o rapaz que viajara como passageiro clandestino em um dos primeiros foguetes para a Lua. Com certeza Jeff não havia se dado conta do que lhe contava, e a ideia havia-se enraizado na mente do rapaz. Claro que os membros do Conselho ficariam furiosos, mas em dois anos esqueceriam tudo... e não negariam a permissão de residência para alguém que tinha estado em Marte!

Chuck revirava-se na cama, pensando em um meio de introduzir-se a bordo da nave. Subitamente percebeu que estava mesmo decidido a fazer a viagem. Não iam transformá-lo em um pesquisador chato depois de ter se preparado para explorar os mistérios de outros planetas.

Aguardou, enquanto escutava os sons procedentes da sala de jantar e da cozinha. Pareceu-lhe que eles demoravam muito lavando os pratos, guardando-os e então continuando a conversar, com certeza sobre ele. Perguntou-se como reagiria sua mãe à sua fuga, mas lembrou-se que seu pai havia fugido de casa para se alistar na Força Aérea, e que este um dos motivos de orgulho dela, que logo se tornou sua esposa. Com certeza ela iria compreendê-lo, enquanto que seu pai sentiria orgulho.

Ouviu então que estavam se preparando para deitar, e quando ouviu os passos da sua mãe se aproximando da porta. Ele fechou os olhos fingindo dormir. Daí a pouco um raio de luz deu em cheio em seu rosto. Depois a porta se fechou e ele ouviu que os passos se distanciavam em direção ao quarto principal.

Esperou meia hora para não se arriscar e então levantou-se e acendeu a luz da sua escrivaninha. A nota que escreveu foi muito breve; não seria possível dizer tudo que desejava. Mas o que havia escrito bastaria. Pôs a nota em um envelope e escreveu o nome do seu pai, que somente a leria depois que a *Eros* tivesse partido.

Então saiu nas pontas dos pés para a porta que dava para o túnel... e encontrou-se com Jeff Foldingchair.

- Olá – cumprimentou o piloto. - Leve muitas mudas de roupas, garoto. A viagem para Marte é bastante longa.

Chuck engasgou-se pela surpresa.

- Mas eu achava que...

- Sim, achava que eu não me daria conta que estava metendo ideias na sua cabeça. Olhe, garoto, não lhe contei a história toda. Foi durante a segunda viagem à Lua... e o passageiro clandestino era eu. Mas, a menos que você pudesse se imaginar nesta situação, com um pouco de ajuda, não merecia ter esta oportunidade. Está levando roupas?

- Com certeza você provavelmente trouxe bastante – e caiu na risada.

- Você não é nada bobo – comentou Jeff, apontando para a bolsa que carregava. - Mas já encontrou um modo de subir a bordo? Eu asseguro que não é fácil. Existem guardas ao redor da nave, e se o descobrirem antes da partida, eles o meterão na cadeia.

- Eu sei. Eu achava que poderia “escorregar” sem que os guardas me vissem.

- Impossível. Há um olho eletrônico que o sentinela tem que desligar... Eu o estive examinando em segredo. Temos de pensar em alguma forma, mas eu ainda não sei como.

Chuck vestiu o traje espacial, enquanto Jeff vestia o seu, que era um dos ordinários. Partiram logo para a saída dos tratores e o rapaz franziu o rosto. Havia pensado em ir a pé até a *Eros*. Agora compreendeu que Jeff estava certo: o mais recomendável era agir como se não estivessem fazendo nada de errado.

Aproximou então seu capacete ao do piloto.

- E você, Jeff? Está certo de que não se verá em dificuldades?

- É possível.. mas eu já passei por dificuldades antes. Não me acontecerá nada. Ouve, Chuck.

- Sim?

- Se você vir Vance ou Steele, esqueça o plano. Eles teriam que entregá-lo, já que são os funcionários responsáveis pelo projeto perante a ONU. Caso contrário, faremos com que você suba a bordo e eu me encarregarei dos guardas. Talvez nós possamos levar este plano adiante.

Não parecia ser tão fácil como Chuck havia imaginado. Quando chegaram à nave, quase todas as esperanças do rapaz se esfumaram. O lugar estava todo iluminado e o sentinela achava-se junto à entrada.

Após descer do trator, Chuck seguiu em frente enquanto sintonizava o diminuto aparelho de rádio no capacete. Continuou fazendo chamadas até que ouviu a voz do outro.

- Quem é você? Wong?

- Chuck Svensen. Vim recolher algumas ferramentas que deixei na nave. Posso entrar?

- Oh, Chuck! - o guarda concordou de imediato. Era um dos que participaram na construção da *Eros*. - Claro que pode entrar, você já conhece a nave. Estamos de guarda somente para evitar que entrem os que vêm por curiosidade. Mas, e Foldingchair?

- Ele vai me esperar. É possível que eu demore um pouco para achar minhas ferramentas.

O guarda caiu na risada.

- Quer dar uma última olhada, hein? Bem, Acho que sei como se sente. Se você não tiver saído quando eu terminar meu turno, direi ao meu substituto que o deixe sair. Eu desliguei o olho eletrônico, pode entrar.

Chuck deixou escapar um grunhido. Havia abrigado a esperança de que não manteriam a guarda até o último instante, mas agora via que não era assim. Entretanto já não podia voltar atrás e então subiu pela escada para entrar na nave espacial. Enquanto isso, Jeff tocou seu capacete no do guarda e o rádio instalado no capacete deste levou as palavras até os ouvidos do rapaz.

- Deixa eu entrar na cabine do radar para fumar um cigarro, Red? Depois eu te substituirei para que você faça o mesmo.

- Trato feito, Jeff – respondeu Red. - Faz tempo que estou querendo fumar. A porta está sem chave.

Chuck encaminhou-se para as salas das hortas hidropônicas situadas no terceiro piso inferior. Ali havia numerosos tanques com plantas enraizadas em uma substância plástica tratada com produtos químicos especiais que reproduziam as condições terrestres. No teto brilhavam luzes fluorescentes que regulavam o crescimento dos vegetais. Ali seria liberado de novo o monóxido de carbono para reconvertê-lo e usá-lo novamente. Deste modo se mantinha um equilíbrio que evitava ter que levar um abastecimento muito grande de oxigênio em tanques de alta pressão, e o sistema permitia usar o mesmo ar por um tempo indefinido.

Dirigiu-se para o centro do recinto, onde se achava o equipamento para o cuidado

das plantas. Encontrou ali um colchão de ar que se colocava debaixo dos tanques se fosse necessário efetuar limpeza. Tirou-o do seu lugar, inflou-o na válvula que havia para tal fim e estendeu-o embaixo de um dos tanques, onde ficou o espaço justo para instalar-se comodamente e ao abrigo de olhares indiscretos.

Pouco depois voltou a ouvir a voz de Jeff.

- Obrigado, Red. O garoto ainda não saiu, hein? Acho que terei de esperar a noite toda. Por que você não se deita um pouco? Eu ficarei de guarda.

- Ótimo! - exclamou Red. - Meu substituto chegará dentro de algumas horas, mas se eu puder dormir na cabine do radar, poderei estar aqui para ver a partida. Obrigado, Jeff, alguma vez te devolvarei o favor. Me acorde se o garoto sair e você quiser ir embora.

Chuck desligou o rádio. Jeff havia conseguido enganar o guarda. Agora só teria que se preocupar por uma possível investigação de última hora, e tinha certeza que Jeff ocultaria o trator e afirmaria que Chuck já estava em casa, se alguém chegasse a perguntar.

Tirou o traje espacial, escondeu-o debaixo de outro tanque e deitou-se sobre o volumoso colchão. Foi então dominado pela reação motivada pelo nervosismo, deixando-o fraco e tremendo, mas isto logo passou, e à medida que as horas passavam surpreendeu-se ao notar que estava sendo dominado pelo sono.

## Cap. 5

# EMERGÊNCIA

Chuck não estava totalmente adormecido, mas mesmo assim a aceleração o pegou tão de surpresa que não pôde sentar-se. O impulso aqui era menor que um lançamento a partir da Terra, já que a menor gravidade da Lua requeria uma aceleração menos violenta, mas mesmo assim, a potência empregada era enorme.

O colchão de ar não havia sido fabricado para suportar uma pressão de tal natureza. Afundou sob seu peso, deixando seus quadris e ombros esmagados contra o piso de metal. Chuck deu um gemido, enquanto fazia força para levantar o corpo sobre as pernas e os braços, mas não conseguiu seu objetivo. Um pouco depois não pôde suportar mais e, com muito trabalho, conseguiu rolar de lado, sentindo que o sangue pulsava em seu estômago. Mas conseguiu ficar estendido de bruços e diminuir a pressão sobre seus membros, ficando um pouco aliviado.

Os minutos se prolongavam, enquanto ele passava por aquela prova de fogo. A aceleração pareceu continuar indefinidamente, embora não tivesse durado mais de dez minutos.

Finalmente terminou o terrível sofrimento e a reação do colchão o lançou contra o fundo do tanque, arrancando um gemido dos seus lábios após receber o golpe em suas carnes doloridas.

Mas não teve tempo pra afligir-se por este detalhe. Já estava a caminho de Marte! Não tinha mais porque permanecer escondido por mais um dia e nada poderia impedi-lo de fazer a viagem.

Arrastou-se lentamente com a ajuda das mãos, já que não tinha peso que o mantivesse sobre o solo. Na bolsa que Jeff havia lhe dado, achou um recipiente plástico cheio de água e uma barra de chocolate. A princípio seu estômago se rebelou, negando-se a funcionar sem a gravidade a que estava acostumado.

OuvIU ruído de passos e arrastou-se rapidamente para o grande tanque antes que Dick Steele descesse agarrando-se nas alças. O engenheiro deu uma olhada no recinto e prosseguiu para os pisos inferiores.

Chuck foi então para onde havia deixado a bolsa à vista de todos. Desta vez tinha tido sorte, mas Steele poderia vê-la ao passar de volta. Assim pensando, olhou em direção à abertura onde estavam as alças.

Chegou-lhe aos ouvidos o ressoar de um gongo, mas ele não prestou atenção. Tarde demais entendeu o seu significado. Os foguetes rugiram imediatamente na popa, jogando-o no chão. Teve apenas o tempo necessário para relaxar os músculos e tentar sustentar-se sobre as mãos e o joelho.

Mas o perigo logo passou. Não era necessário mais velocidade, foi apenas mais um disparo para corrigi-la. Por sorte, Chuck estava preparado quando cessou a aceleração e agora seus membros trabalharam como elásticos, quase arrojando-o ao teto. Procurou às cegas por alguma coisa onde pudesse se agarrar e quase conseguiu

controlar seu impulso.

Mas não chegou a se agarrar em nada e começou a flutuar entre o piso e o teto, avançando em direção a uma antepara situada a nove metros de distância. Seu avanço era tão lento como o de uma pena que flutuasse no ar.

Olhou para baixo e para cima, dando-se conta que se passaria pelo menos um minuto antes que pudesse agarrar em alguma coisa para descer. Pôs-se então a nadar no ar, tentando impulsionar-se deste modo. Cada movimento dos seus braços impelia seu corpo na direção oposta, como se estivesse nadando. Deste modo ele podia movimentar-se mas seria um trabalho lento e muito penoso.

- Ei! - disse uma voz.

Chuck virou a cabeça, vendo que Dick Steele assomava pela abertura central que atravessava a nave de proa à popa.

O engenheiro entrou na câmara, firmou os pés e deu um salto. Chuck tentou esquivar-se, mas o outro havia calculado distância muito bem. Os braços musculosos do negro envolveram-no de imediato e ambos partiram para a antepara, onde Chuck conseguiu pegar em uma alça e impulsionar-se para baixo.

- Quem...? Chuck! - a expressão raivosa do negro apagou-se para dar lugar a um sorriso. - Que me matem! Um passageiro clandestino na nave! Que garoto louco! Por que diabos você não ficou escondido até que estivéssemos mais distantes? - mudou então de tom e disse secamente: - Chuck Svensen, eu o prendo em nome dos Estados Unidos, por haver-se introduzido ilegalmente em uma nave fretada pela ONU. Venha comigo!

Uma das suas enormes mãos apertou o pulso de Chuck, enquanto o negro avançava rapidamente de um tanque para o outro, empregando a outra mão para agarrar as alças e assim evitar sair voando sem rumo.

- Terei que levá-lo à presença do capitão Vance. Sabe o que isto significa?

Chuck assentiu. Significava que ainda estavam dentro do raio de alcance dos foguetes de menor alcance e que poderiam enviar um radar-grama para a Lua para que fossem recolhê-lo antes de decorridas duas horas. Se maldisse por sua estupidez que não lhe permitiu ouvir o gongo a tempo, mas agora era muito tarde para fazer alguma coisa.

Steele finalmente chegou ao trilho e começou a avançar impulsionando-se com a mão e Chuck agitou a sua.

- Solte-me, Dick. Eu irei sem resistir.

O engenheiro soltou o rapaz que o seguiu pelo duto central. Cruzaram o alojamento da tripulação e foram por uma passagem até a porta fechada da cabine de comando, onde Steele bateu. Então abriu a porta e estendeu a mão para pegar no braço do seu jovem acompanhante.

O capitão Miles Vance achava-se sentado em frente ao painel de instrumentos, estudando os mostradores. Era um homem alto e magro, com o cabelo salpicado de manchas brancas, coisa rara em uma pessoa que não contava mais que vinte e sete anos de idade. Sua postura ereta mostrava o treinamento militar que recebera antes de dedicar-se a comandar foguetes. Exteriormente parecia ser um homem muito severo, mas na realidade era um dos mais amáveis indivíduos que Chuck conhecera. Junto a ele estava Lew Wong, operando o equipamento de radar, e o terceiro assento estava ocupado por Nat Rothman, o piloto.

Vance levantou a cabeça quando a porta se abriu. Um leve sorriso desenhou-se em seus lábios, mas foi imediatamente apagado para dar lugar a uma expressão de surpresa. Não obstante, o capitão logo recobrou-se.

- Dick, se você não tiver alguma coisa muito importante para dizer-me, não venha

aqui até que eu o chame – expressou. - Ainda não tenho tempo para ocupar-me com detalhes de rotina. Lew, ocupe-se do seu trabalho! Quero relatórios sobre as mensagens do observatório. Não dispomos de tempo para ouvir felicitações nem conversar com o quartel geral da Lua. Estamos entendidos?

Esta última era destinada a Steele, que abriu um largo sorriso.

- Não era nada, senhor – disse. - Lamento tê-lo interrompido.

Vance olhou fugazmente para Chuck antes que a porta se fechasse. Depois deu uma piscadela furtiva e o capitão voltou a ocupar-se em estudar seus instrumentos.

O negro rompeu em uma risada alegre, enquanto Chuck soltava um profundo suspiro.

- Você acha que...? - começou.

- Não sei de nada, Chuck – respondeu o engenheiro. - Mas em uma nave nova como esta há muitas coisas para fazer. Vance não pode perder tempo para pedir que um foguete venha lhe buscar. Venha comigo. Terei que encerrá-lo até que o capitão possa recebê-lo.

Chuck o seguiu muito satisfeito, indo deitar-se em um dos beliches do alojamento da tripulação. Chuck brindou-lhe com outro sorriso antes de sair e fechar a porta com chave.

Claro que Vance enviaria uma mensagem para a Lua, mas não o faria até que a nave estivesse distante demais para que algum foguete pudesse ir recolher o passageiro clandestino. O rapaz acercou-se da biblioteca presa a uma das paredes e dispôs-se a pôr sua leitura em dia. Tinha passado por cima na leitura de três exemplares do *Extraterrestre*, e já era a hora de ler as aventuras do “Bandido Marciano”, pois, uma vez que tivessem chegado a Marte, todas as histórias sobre o planeta com certeza lhes pareceriam idiotas. Era necessário que as lesse enquanto ainda eram emocionantes.

Várias horas depois, ele ouviu que a porta era aberta. Ao levantar a vista, viu o capitão Vance que entrava e sentava-se em um dos beliches atando-se com os cintos.

- Acabam de me informar que você se escondeu a bordo – disse a Chuck, com voz severa. - Naturalmente, eles me comunicaram de imediato, mas como já passamos da zona que os foguetes da Lua conseguem alcançar, você terá que continuar conosco. Sabe o que isto significa?

- Sim, senhor. Significa que vou para Marte.

- Significa que isto exige que cada um de nós renunciemos a uma sétima parte dos nossos víveres e das nossas probabilidades de vida, para oferecê-la a você. Não pensou nisto, não é mesmo? Pois deveria ter feito. Esta nave foi construída para levar seis homens e não sete! Teremos que levar conosco um homem que não tem função específica a bordo, e você estará preso até que voltemos para a Lua, onde o caso será passado para a Comissão Espacial. Oficialmente eu não posso perdoar a sua conduta, mas nada posso fazer a respeito, de modo que, como você falou, vai para Marte.

Chuck estudou o rosto do capitão, procurando inutilmente por algum sinal de que Vance estivesse brincando. Meditou por um momento e percebeu que o assunto era muito sério. Com efeito, havia diminuído as probabilidades de vida dos outros. Sentou-se em um beliche próximo e continuou em silêncio, pois não lhe ocorria nada para dizer.

Mas logo o capitão sorriu.

- Bem, Chuck, você precisava deste sermão, que foi muito justo. Mas quem você acha que lembrou a Jeff sobre a ocasião em que ele fez o mesmo que você? Quem você acha que optou por enganar o tonto do Red Echols que estava de guarda em

frente da nave? Oficialmente, devemos censurar seu procedimento, mas toda a tripulação queria que você nos acompanhasse, e aqui está você. Se tanto nos preocupassem nossas chances de vida, jamais teríamos nos oferecido para esta viagem.

- Mas a Comissão Espacial...

Vance riu novamente.

- Chuck, provavelmente não há um só homem na Terra ou na Lua que não esteja alegre por você estar indo conosco. Quanto à sua prisão, consistirá em você ficar confinado na nave até que cheguemos a Marte. Para pagar sua passagem, ajudará a quem precisar da sua colaboração. Agora vamos comer.

Chuck ainda não tinha achado uma maneira de agradecer ao capitão, quando chegaram ao diminuto refeitório situado junto à cozinha. Os que ali estavam reunidos receberam-nos com uma exclamação de alegria e o rapaz olhou-os sorrindo timidamente. Lew Wong ria alegremente os outros mostravam-se felizes.

Nat Rothman era um homem que sempre se mostrava preocupado, mas agora mostrava os dentes em um amplo sorriso, semelhante ao de Dick Steele, o gigante negro. Mesmo o diminuto doutor Paul Sokolsky mostrava-se feliz por sua presença enquanto esforçava-se para alisar o cabelo loiro que se desarranjava constantemente devido à falta de gravidade. Foi ele o primeiro a adiantar-se e estreitar a mão do rapaz.

Depois ouviu-se a voz de Ginger Parsons que abafou as dos demais.

- Chuck, era de você que eu precisava. Venha cá e ajude-me a dar de comer a esses vagabundos espaciais.

O rapaz encaminhou-se para a cozinha, onde trabalhava o cozinheiro e fotógrafo da expedição. O feio e simpático rosto do irlandês demonstrava grande preocupação, enquanto suas mãos levavam de um lado para outro as latas que continham os alimentos.

- Para que serve um cozinheiro aqui? Se alguém tentasse cozinhar de verdade aqui, os líquidos saltariam das vasilhas e os sólidos estariam flutuando por todas as partes. Mas como você é meu ajudante, terá que servir-lhes a comida.

A janta foi uma coisa difícil de se ver. Os líquidos eram servidos em pequenos recipientes plásticos dotados de um bico por onde seu conteúdo era sorvido. Todos os outros alimentos deviam ser retidos em pratos providos de tampas e que eram presos rapidamente antes de voltar a fechá-los. Como tudo que não estivesse preso podia ser uma ameaça à tripulação, as mesas eram de metal e os talheres eram imantados, para que ficassem presos a ela. Apesar de tudo isto, aquela foi a refeição mais feliz que Chuck participara em toda sua vida.

Quanto terminou de comer, Vance ficou de pé, pegando em uma das alças.

- Bem, rapazes, isto foi uma festa. De agora em diante iniciaremos a rotina que prosseguirá até o final da viagem. Eu lhes asseguro que a vida a bordo não será nada divertida. Desta vez eu deixei a nave a cargo dos comandos automáticos, para demonstrar que pode ser feito. Isto lhes dará a confiança necessária no *Eros*. Contudo, de agora em diante manteremos guardas regulares. Eu me encarregarei do primeiro turno junto com Parsons, das quatro à meia-noite. Dick, Chuck e o doutor se ocuparão do segundo, da meia-noite até às oito.

Sorriu para Chuck.

- Exceto hoje – acrescentou. - Vi que você está coxeando, de modo que o doutor tratará das suas equimoses e o mandará para a cama.

Chuck havia sorrido para si mesmo, ante a ideia de que a vida na *Eros* pudesse ser rotineira. Mas logo na primeira semana se deu conta de que isto era verdade. A Lua



havia-se transformado em um pontinho quase invisível e Marte era somente uma luz vermelha igualmente distante. As estrelas eram sempre as mesmas, e a eterna escuridão do espaço exterior dava-lhe a impressão de estarem completamente imóveis no meio do Cosmos.

A única mudança na rotina era quando se derramava algum líquido que flutuava em forma de pequenas esferas no meio da nave. Segui-las para conseguir pegá-las constituía o único exercício... embora não fosse muito agradável quando o líquido estava quente.

Mas mesmo isto chegou ao fim quando Vance decidiu fazer a nave girar para que pudessem levar uma vida mais normal. O movimento da *Eros* lançava-os na direção do casco, à maneira de um peso que girasse na extremidade de um cordão. A força centrífuga não era a mesma coisa que a gravidade, mas o resultado era o mesmo. Naturalmente, isto dificultaria na manobra da nave, mas não seria necessário cuidar disto até que tivessem chegado à zona de atração do planeta vermelho.

Chuck ouviu quando as rodas dos giroscópios começaram a girar a uma velocidade de três mil rotações por minuto. Ali no espaço, qualquer movimento em uma direção era automaticamente compensado por outro movimento oposto no resto da nave. Newton havia expressado isto em sua terceira lei: "Toda ação provoca uma reação de igual intensidade, na mesma direção e em sentido contrário".(\*) A roda, com três quilos de peso, tinha que girar dez mil vezes para conseguir fazer a nave, que pesava trinta toneladas, dar uma volta completa, e a *Eros* começou a girar lentamente até que foi adquirindo mais celeridade.

Quando cada um deles pareciam pesar uns dez quilos, Vance regulou a velocidade dos giroscópios e ordenou que mudassem o equipamento de lugar a fim de pudessem usar todo o casco como piso, já que a nave havia sido equipada para tal fim. No duto central da nave continuavam sem peso, mas nas outras partes lhes era possível caminhar normalmente se fossem cuidadosos.

Chuck encontrou um trabalho que o manteve ocupado. A metade das suas horas de guarda, ele passava nas hortas hidropônicas, cuidando das plantas e aparando-as para colocar os restos nos tanques de substâncias químicas que os reduziam a líquido. A bordo da *Eros*, tudo era reutilizado; não havia perda alguma, e sim mudanças dirigidas pela mão humana. Teoricamente, eles poderiam continuar viajando eternamente, desde que houvesse energia suficiente para que os aparelhos e as máquinas continuassem funcionando. No resto das suas horas de trabalho ele dedicava-se a fazer limpeza e ajudar Ginger na cozinha. Ele era cozinheiro, faxineiro e jardineiro.

As comunicações eram feitas durante o turno de Vance, o o rapaz via muito pouco o equipamento de radar. Nas poucas oportunidades em que o gongo indicava a chegada de algum sinal, tratava-se simplesmente de questões puramente técnicas e nunca havia nada muito interessante. Em uma oportunidade, falou durante alguns segundos com seu pai. Ele tinha suposto que sua família não reprovaria sua fuga, e foi agradável constatar que estava certo nesta suposição. Todos eles estavam orgulhosos dele.

Quanto mais se distanciavam da Lua, mais energia era necessária para fazer o radar funcionar, e Vance economizava o máximo possível. O motor atômico poderia funcionar durante anos, mas os geradores sofriam um certo desgaste. Tudo havia sido projetado para pesar o mínimo possível, e havia muitas poucas peças de reposição a bordo.

A maior parte do tempo livre era dedicado a diversos jogos ou à leitura. Ginger havia inventado uma espécie de hockey no duto central, onde a ausência de peso per-

(\*) No original consta, incorretamente "segunda lei" e o enunciado da terceira lei-N.de Espinhudo

mitia que saltassem de uma extremidade à outra da passagem se calculassem bem o impulso inicial. Deste modo, eles se exercitavam e ao mesmo tempo se divertiam um pouco, e logo o jogo converteu-se em parte integrante da vida diária.

Depois eles dormiam. Na hora de ir para seu beliche, Chuck estava cansado o bastante para dormir imediatamente e não despertar até se terem passado pelo menos oito horas.

Três semanas após a partida, apresentou-se a primeira dificuldade, durante um dos períodos de descanso do rapaz.

O insistente ressoar do gongo interrompeu seu sono, despertando-o tão bruscamente que ele caiu do beliche. Antes que pudesse se levantar, sentiu que os foguetes funcionavam com sua potência máxima. Seu corpo foi esmagado contra as placas de aço e ele só salvou-se de sofrer lesões graças á brevidade do disparo.

Depois ouviu a chamada pelo alto-falante:

- Alerta a todos! Meteoros!

## Cap. 6

# METEOROS!

Ao chegar à sala de comando, Chuck viu que Dick e os outros tinham se adiantado a ele. Quase não havia espaço para todos na cabine, mas nenhum deles se preocupou por aquele inconveniente.

- Chuck, para o radar! - ordenou Vance.

O capitão continuou dando ordens, mas o rapaz nem sequer as ouviu. Já estava se instalando no assento que Lew deixara e seus olhos seguiam as linhas que cruzavam a tela a grande velocidade. Mais prático que Wong naquele trabalho, ele era o homem indicado para o posto.

Nat Rothman estava ao seu lado, trabalhando em uma pequena máquina de calcular, enquanto que Vance manejava as alavancas de comando.

Cada uma das linhas que aparecia na tela representava um objeto diminuto que havia mais adiante. O tamanho destes era indicado pelo seu brilho. Chuck dirigiu o olhar para o mostrador e viu que este estava regulado para mostrar os objetos do tamanho de uma ervilha e com uma luminosidade mediana. Outra tela indicava a distância.

- Correlacione-os – disse Rothman.

O rapaz superpôs as imagens – cada uma de uma cor diferente – em uma terceira tela, e começou a girar os controles para descobrir a velocidade provável dos meteoros em relação à nave. Para isto, teria que levar em conta o movimento de rotação da *Eros*.

- Lá! - disse por fim, indicando um que tinha tamanho um pouco maior e que estava muito perto.

Rothman fez um sinal para Vance, enquanto levantava um dedo, e a nave deu um saldo para a frente que durou um décimo de segundo. Aguardaram cerca de um segundo mais, mas não lhe chegou som algum procedente do casco.

- Passou ao largo – disse Vance. - Mas não podemos continuar assim. Este...

Ouviu-se então um som semelhante ao de uma bala de rifle que vai de encontro a uma superfície metálica. Ao primeiro som seguiu-se outro mais agudo. Um dos meteoros, com tamanho superior ao de uma ervilha, havia conseguido chegar até eles, atravessando a nave de um costado a outro. A uma velocidade de muitos quilômetros por segundo, ainda era a partícula mais perigosa. Ao que parece, todos aqueles meteoros eram tão diminutos que não tinham sido vistos do observatório da Lua. O pior é que deveria haver pelo menos uns mil ou mais em volta da nave.

- Consertem – ordenou Vance.

Steele, Lew e Sokolsky partiram correndo. Teriam que achar o primeiro orifício e depois o segundo, fechá-los com chapas de aço e soldá-los antes que o ar contido no casco escapasse.

A chuva de meteoros já não era tão densa, mas Chuck manteve os olhos fixos na

tela e, poucos segundos mais tarde, viu que iam atravessar outra zona na qual abundavam aqueles vagabundos do espaço.

- Aquele primeiro era tão grande como um melão – disse Rothman a Chuck. - O alarme automático começou a funcionar e Lew não teve tempo de preparar as coisas. Foi uma sorte ele não nos ter atingido. O estranho é que há uma possibilidade em cinquenta de se encontrar um meteoro entre este ponto e o planeta Marte. Geralmente estão muito esparsos e nós somos um alvo muito pequeno no espaço.

Embora os meteoros girem ao redor do sol, seguindo órbitas próprias e similares às dos planetas, costumam ser relativamente escassos. Só tinha acontecido um acidente atribuído a eles em todas as viagens feitas entre a Terra e a Lua, mas a *Eros* parecia estar com má sorte.

Agora estavam se aproximando da outra borda da zona percorrida pelos meteoros e estes foram vistos com mais abundância que antes. Algum dia disporiam de máquinas completamente automáticas que calculariam a rota dos meteoros e desviariam a nave do seu caminho. Mas isto era coisa para o futuro. Neste momento a segurança de todos dependia da rapidez com que Chuck fizesse seus cálculos e da habilidade com que Rothman interpretava as poucas informações que obtinham.

- Dois! - gritou o rapaz, e Rothman fez um sinal rápido para o capitão.

Desta vez pareceu que a *Eros* tinha enlouquecido quando foi liberada a potência dos seus foguetes por uma fração de segundo. Mas a manobra não teve êxito, pois, apesar do rápido cálculo do piloto, era muito difícil fazer a nave passar entre aqueles meteoros.

Alguma coisa bateu contra o casco da *Eros* com um grito arrepiante. O objeto passou em frente ao nariz de Chuck, a menos de trinta centímetros de distância, e estava brilhando pelo calor devido à fricção. Bateu então contra o painel de instrumentos, vibrou com um agudo sibilo e desapareceu de imediato, deixando um buraco de quinze centímetros de diâmetro na parede oposta à que lhe servira de entrada.

O ar começou a escapar pelas duas aberturas e Chuck apoderou-se do diário de bordo e colocou-o sobre o buraco maior, onde a pressão do ar o reteve fortemente aderido. Enquanto isto, Vance havia fechado o orifício menor com uma borracha de apagar.

Em seguida apareceram Steele, Lew e Sokolsky. Os três estavam cheios de equimoses por causa das pancadas que receberam quando os foguetes funcionaram, mas nenhum deles parecia dar-se contas deste detalhe. Colocaram rapidamente placas de metal sob os tampões improvisados e puseram-se a trabalhar com o ferro de soldar elétrico portátil. Ao cabo de poucos minutos as aberturas já estavam seladas.

Já não se viam as linhas na tela do radar e Chuck cedeu seu posto a Lew e deu seu informe ao capitão, o qual assentiu em silêncio.

Vance estava observando os destroços causados pelo meteoro no painel de instrumentos. Adiantou-se para o mesmo e pôs-se a testar os botões e alavancas, enquanto que Steele deitava-se no piso para estudá-lo mais de perto.

- A maioria dos comandos para o disparo dos foguetes está danificada e não funcionarão corretamente. E aquele primeiro meteoro causou danos nos giroscópios. Estamos em um grande aperto.

- Sim. Provavelmente estaremos a salvo até que cheguemos a Marte. Mas teremos que fazer muitos reparos se quisermos aterrizar ali sem perder a vida. Chuck, você se portou melhor do que se podia esperar. Não é culpa sua nem de Nat o que aconteceu. Nós passamos muito bem por isto tudo, e agora teremos que ver que tempo será necessário para reparar os danos.

Vance voltou-se para Steele, que sacudiu a cabeça.

- Posso voltar a montar os giroscópios, mas não renderão a mesma velocidade de antes, e não posso assegurar por quanto tempo os eixos funcionarão. Chuck, já que você ajudou a instalar esses painéis, dê uma olhada neles.

O rapaz inclinou-se para examinar os cabos partidos, comprovando que estavam todos na mais completa desordem. Seria necessário desconectá-los e voltar a instalar tudo novamente. O trabalho para estudar os diagramas e fazer as conexões levaria vários meses. Deu seu informe, enquanto Vance procurava os diagramas em um dos armários da cabine.

- Bem – disse por fim o capitão. - Mãos à obra. Por sorte nós dispomos de muito tempo, embora não possamos saber quando iremos necessitar de tudo isto novamente. É provável que não voltemos a ver mais meteoros, mas não é possível afirmar nada a respeito.

Todos os membros da tripulação possuíam uma grande diversidade de conhecimentos técnicos. Vance era capaz de substituir a qualquer deles. Da mesma forma Steele. Além de piloto, Rothman era um geólogo de primeira, muito capacitado para calcular os recursos minerais do planeta que iam visitar. O doutor Sokolsky era tanto biólogo como médico. Graças à experiência adquirida trabalhando com seu pai, Chuck tinha notáveis conhecimentos de engenharia mecânica, enquanto Lew era um aficionado da arqueologia, matéria que conhecia bastante. Até Ginger Parsons, que afirmava ser somente o melhor fotógrafo do mundo e um grande cozinheiro, havia feito estudos adiantados de ciência e mecânica.

Mas o trabalho atual era para somente dois homens, já que não havia espaço para mais. O conserto do painel de instrumentos foi confiado automaticamente a Chuck e Lew Wong. Vance ou Rothman estariam ali com eles para manobrar a nave quando isso fosse necessário, mas os dois rapazes teriam que recondicionar e instalar o painel sozinhos.

Chuck foi buscar seu traje espacial, pois a experiência havia-lhe ensinado que era melhor soldar no vácuo, já que até os fios mais finos podiam ser tocados com os ferros em brasa sem que houvesse perigo de estragá-los. Lew esteve um pouco inábil a princípio, mas uma vez retirado todo o ar da cabine de comando, não demorou muito a acostumar-se.

O trabalho era difícil. A instalação original havia sido feita por partes, empregando-se ferramentas complicadas, e unindo-se então todas as seções para serem conectadas no final do trabalho. Mas agora eles tinham que fazer tudo diretamente, apelando para ferramentas extensíveis para conseguir chegar a lugares inacessíveis, e organizando as coisas de forma a irem terminando cada seção em ordem.

No primeiro dia, Chuck teve que desfazer duas vezes o que já havia terminado, a fim de introduzir partes que tinham-lhe parecido simples nos diagramas, mas que na prática era impossível de adaptar.

Tinham cabos de sobra, e no depósito do duto central havia peças de reposição em abundância, mas não havia bobinas preparadas, pois haviam pensado que poderiam ser preparadas quando fossem necessárias. Em teoria isto era aceitável no caso em que fosse preciso fazer uma ou duas bobinas, mas o trabalho de enrolar tantos fios era tedioso ao extremo.

Tinham tabelas que demonstravam a maneira de formar aquelas bobinas, mas o trabalho manual nunca fica exato. As bobinas tinham que ser testadas com medidores especiais e às vezes tinham resultados satisfatórios, embora que na maioria dos casos se vissem obrigados a acrescentar mais algumas voltas ou tirar outras e unir mais os cabos. Por isto, foi excelente o treinamento que Chuck tivera quando fabricou seu próprio equipamento caseiro. Lew só havia trabalhado com equipamentos

sobressalentes de fábrica e era menos hábil em cortar e manipular como estavam fazendo agora.

Finalmente terminaram uma seção que Vance testou sem perda de tempo. Viram que funcionava, embora tivesse sido preciso muitas horas de prática para calcular uma forma de compensar os erros fracionários que poderia haver nela.

- Sei que está bem instalada, e que todas as partes combinam com o que exigem as especificações – informou Chuck ao capitão. - Deveria funcionar exatamente como o original.

Steele olhou-o sorrindo.

- Chuck, isto se parece com o trabalho no radar. A pessoa se conforma com os resultados obtidos e raras vezes há motivo de queixa. Mas eu já vi os homens instalando esses painéis. Na bancada, passaram pelos testes com resultados excelentes, mas aqui na nave começaram a dar dores de cabeça. A instalação levou muito tempo porque tiveram que refazer o trabalho várias vezes... Os instrumentos estão relacionados uns com os outros e alguns afetam o funcionamento dos que lhe estão mais próximos, de maneira que precisam ser calibrados para compensar as diferenças que porventura houverem.

Chuck deixou escapar um gemido. Steele tinha razão. Quando testou o funcionamento do painel com os medidores, descobriu que seriam necessários vários dias mais para regulá-los de forma que apresentassem informações corretas. Portanto, em outros painéis não se preocuparia tanto com o funcionamento individual das partes. Ocupar-se-ia disto após fazer todas as conexões.

Dedicaram muitos dias mais ao outro painel quebrado, no qual entretanto ainda restavam algumas partes intactas. O terceiro painel controlava o disparo dos sete tubos disparadores do foguete, calculando, ao mesmo tempo, a diferença na potência de cada um e retificando automaticamente essas diferenças para que a nave não se desviasse do rumo. Ao examiná-lo, constataram que este seria o que lhes daria mais trabalho.

Ainda estavam instalando o segundo painel quando Dick Steele apresentou-se e anunciou que os giroscópios já estavam consertados. Chuck abandonou sua tarefa por uns momentos para ir ver o trabalho feito pelos outros.

O aspecto dos aparelhos não era exatamente o mesmo de quando haviam sido instalados originalmente. Dick havia conseguido fundir uma extremidade do eixo quebrado e dar-lhe uma nova forma. Alguns dos eixos de sustentação estavam soldados de uma maneira um tanto rústica, mas isto não influenciaria no bom funcionamento do aparelho.

- Funcionará direito? - perguntou Vance.

- Melhor que o esperado. Tive de desmontar um dos motores para ajustá-lo, mas estou certo de que funcionará por mais tempo que o necessário para a ida e a volta. A única coisa ruim é que teremos que tratá-los com mais cuidado, pois eles não partem nem param com a mesma suavidade de antes. Mas isto não importa... a não ser que tenhamos dificuldade para manter a nave em posição quando precisarmos disto.

Chuck franziu a testa. Sentia-se cansado, e a responsabilidade que pesava sobre seus ombros já estava surtindo efeito.

- Com isto você está querendo dizer que eu tenho que fazer um trabalho perfeito nos painéis de comando?

- Mais ou menos – concordou o negro. - A verdade é que você terá que deixá-los melhor do que os painéis que foram instalados originalmente.

O rapaz olhou para Lew que encolheu os ombros.

- Farei o melhor possível – prometeu então. - Mas se tenho que melhorá-los será

preciso desconectar o painel principal e os comandos dos motores. Tenho que verificar que relações têm entre si cada um deles e como um influencia o outro, para ver se estou certo.

Rothman já ia protestar, mas Steele falou antes dele.

- O garoto tem razão – disse para Vance. - É a única maneira de fazer.

- Mas se nós encontrarmos mais meteoros... - grunhiu o piloto. - Precisaremos dos comandos.

Rothman estava muito pensativo enquanto regressavam ao alojamento da tripulação. Depois encolheu os ombros.

- Bem, Chuck, suponho que Vance e eu teremos que ceder. Se for preciso fazê-lo, assim será.

O capitão também concordou. No mesmo instante desconectou o painel assim que Chuck e Lew terminaram de preparar um sistema que levaria o menor tempo possível. A cabine de comando era um labirinto de ferramentas e cabos, e Vance e Rothman entraram lá, sentindo-se um pouco preocupados por ter que deixar a nave ao acaso por mais de uma hora. O piloto sentou-se no assento do radar e pôs-se a trabalhar de má vontade, enquanto Vance observava tudo. O capitão parecia tranquilo e não fez objeções quando fecharam os contatos. Havia inserido um pequeno microfone em seu capacete e informava ao resto da tripulação sobre o progresso do trabalho. Chuck imaginava que sua versão era sincera, mas com certeza Vance estava demonstrando mais tranquilidade do que realmente sentia.

Haviam finalizado metade dos testes quando ouviu-se pelos auto-falantes a voz de Rothman que dizia:

- Temos sinais no radar. Meteoros!

- Quanto tempo? - perguntou Vance.

- Alguns minutos.

Era muito pouco. Eles não poderiam fazer o painel funcionar em menos de meia hora. Chuck adiantou-se para o visor do radar e reajustou os comandos a fim de obter informações mais precisas.

- Acho que não nos atingirão – anunciou, embora não estivesse certo disto.

Era muito difícil determinar a distância de partículas tão diminutas.

Vance foi observar a tela e voltou para seu assento com aparente tranquilidade.

- Deve ser a linha de frente da chuva de meteoros que o observatório descobriu. Eles tiveram que adivinhar seu tamanho pelos poucos grandes que puderam fotografar. Já era esperado, mas eu achava que estariam mais adiante. Bem, logo sabemos.

Novamente Chuck tentou levar em consideração o movimento rotativo da nave a fim de um dar um veredito mais exato, mas não foi possível melhorar o que já dera desde o começo. Lew ficou observando-o por um momento e logo retomou sua tarefa. Chuck ofereceu-se para ajudá-lo, mas Vance ordenou-lhe que ficasse onde estava.

- Sei o bastante sobre isto, Chuck. Continue observando a tela. Pelo menos você poderá avisar-nos a tempo para que elevemos uma oração antes de morrer.

As marcas na tela agora estavam mais brilhantes. Rothman fazia cálculos com grande rapidez, tinha a testa franzida, mas suas mãos não tremiam. Mas Chuck estava realmente atemorizado e não lhe importava que soubessem. Rothman e Vance pareciam incapazes de sentir medo.

- Acho que não nos atingirão – anunciou o piloto. - Parece que nós passaremos bem a tempo. Um minuto mais e saberemos se estou certo.

Neste momento ouviu-se o som de algo batendo contra o casco da nave. Chuck

parou, estranhando o detalhe: o som não poderia chegar-lhe aos ouvidos na ausência de ar. Depois então compreendeu que os tripulantes lá de baixo deviam ter sintonizado os rádios dos seus trajes espaciais e acabavam de ouvir o mesmo que eles.

O ruído se assemelhava à pancada do gelo em um balde de metal. Vance lançou um grunhido, ordenando:

- Aumenta o volume, Ginger.

Respondeu-lhe uma exclamação de surpresa e em seguida o volume foi aumentado.

- Não é nada mais que pó. Muito pequenos para atravessar o casco – murmurou Vance daí a pouco.

Cessou então o ruído e todos esperaram com grande expectativa, mas não voltou a repetir-se. Talvez se tratasse de fragmentos microscópicos de algum meteoro que tivesse se chocado com alguma coisa e tivessem continuavam em sua antiga órbita. Fosse o que fosse, já havia desaparecido.

As marcas no visor do radar tornaram-se ainda mais brilhantes, mas já não estavam no centro. Depois desapareceram sem deixar rastros. Rothman arriou-se então no seu assento, dando um profundo suspiro.

- Passaram depois de nós. Se não acharmos mais desses, estaremos de parabéns. Que alcance tem esse aparelho, Chuck? Três mil quilômetros?

- Mais ou menos – assentiu Chuck. - A menos que a onda dê em um bem grande.

- Dois minutos de vantagem. Eu continuarei operando. Você volte ao trabalho. gritarei se vir outro sinal.

Chuck e Lew começaram sua tarefa, medindo e comparando os resultados com as especificações. O trabalho era lento e entediante, e já estavam terminando quando ouviram um grunhido de Rothman.

- Que está acontecendo, Nat? - perguntou Vance.

- Não sei... Estou vendo alguma coisa parecida com neve. Não sei se são meteoros ou não.

Chuck fixou-se no soldador que Lew estava usando e sorriu. Deu um pontapé e viu que a alavanca se soltava de onde estava presa.

- Já desapareceu? - perguntou então.

O piloto sorriu, ao mesmo tempo que confirmava.

- Abaixo a teoria, Miles – disse. - Prefiro um garoto cujo pai lhe ensinou mecânica. Não existem tais meteoros.

- E também já não há motivo para desconectar isto – anunciou Lew. - Já terminamos.

Com um suspiro de alívio, Vance moveu as alavancas. Agora, se fosse necessário, a nave poderia se esquivar do impacto de meteoros.

Rothman recolheu então os relatórios e, enquanto Chuck os observava, pegou sua calculadora e fez sinal aos dois rapazes para que o seguissem à cabine da tripulação onde poderiam trabalhar com mais comodidade. Agora tratava-se de teorizar, e nisto Lew e Rothman poderiam adiantar em minutos o que Chuck faria em várias horas.

O rapaz percebeu então que a colisão dos meteoros servira para um propósito definido, já que agora todos trabalhavam em harmonia e como uma equipe perfeitamente identificada, cada um fazendo o que mais sabia sem pensar nisto, e sabendo o que poderia deixar a cargo dos demais que dominavam outros aspectos do trabalho.

Isto era algo que a preparação teórica não poderia tê-los ensinado, e Chuck começou a sentir-se mais otimista que em todas as semanas transcorridas. Estava certo de que a tripulação poderia sair com facilidade de qualquer aperto.



Ouviu que o piloto e Lew discutiam certos pontos e entendeu os resultados obtidos. Depois foi deitar-se em seu beliche. Não lhe pareceu que faltava ao seu dever dedicando-se ao descanso, pois sabia que deste modo estaria preparado para o próximo trabalho, enquanto que outros com mais conhecimento que ele continuavam com a parte que lhes correspondia.

Ao deitar-se entendeu imediatamente que seu pai havia passado anos tentando ensinar-lhe a lição que aqui aprendera com tanta rapidez... Pouco depois foi dominado pelo sono e adormeceu.

## Cap. 7

# Marte à Vista

Viajar de um planeta a outro parece algo simples se a nave tem potência suficiente para completar o percurso. Em outras épocas, a maioria das pessoas achava que bastaria saber onde Marte estaria em um dado momento e dirigir-se para este ponto com todos os foguetes em funcionamento. Afinal as órbitas dos planetas eram perfeitamente conhecidas e não seria muito difícil pilotar a nave.

Na realidade, era requerido um profundo conhecimento de alta matemática para traçar a rota aproximada que se precisaria para a viagem. Esta podia realizar-se diretamente, mas para isto dever-se-ia empregar uma potência incrível, e mesmo com a energia atômica, não existiam foguetes que possuísem um poder tão grande.

Goddard calculou as melhores órbitas nos meados do século vinte, quando os únicos foguetes existentes não eram mais que brinquedos. Descobriu que a rota mais econômica poderia achar-se traçando a órbita da Terra, a cento e quarenta e nove milhões de quilômetros do Sol, e a de Marte, que estava a duzentos e cinco milhões de quilômetros do Sol em seu ponto mas próximo a este. Logo, traçando-se outro círculo que cruze ambas as órbitas, ter-se-ia achado a rota ideal para lançar um foguete de um a outro planeta.

Chuck ficou na cabine de comandos da *Eros* estudando o diagrama da rota com a representação dos dias e das diversas velocidades. Lew estava agachado em baixo do painel arruinado, retirando as partes torcidas e queimadas, mas a carta era o único interesse para Chuck naqueles momentos.

- Para de resmungar – disse-lhe Lew. - Leia em voz alta ou fique calado. Você está me lembrando tudo que eu tinha esquecido com essas cifras que não consigo entender.

Chuck sorriu, ao mesmo tempo em que se esforçava por fazer-se entender. A rota não era simples. Deixava a Terra de um lado do Sol e prolongava-se para o outro antes de encontrar a órbita de Marte. Mesmo na velocidade em que viajavam, levariam duzentos e trinta e sete dias para completar o percurso.

Além disto, a viagem só era possível quando a Terra e Marte estivessem no local mais propício, o que só acontecia em períodos separados por vários anos.

A Terra gira ao redor do Sol a mais de vinte e nove quilômetros por segundo, e a aceleração da nave havia aumentado sua velocidade a mais de quarenta quilômetros por segundo. Agora eles estavam lutando contra a gravidade do Sol, que os atraía poderosamente, obrigando-os a perder velocidade de tal forma que chegariam à órbita de Marte a somente vinte e cinco quilômetros por segundo. Mas era assim que deveria ser, já que o planeta Marte movia-se em sua órbita a esta mesma velocidade.

- Parece simples, Lew?

- Se você descontar a gravidade de Marte – comentou Vance ao entrar na cabine pela câmara especial de compressão que havia instalado. - Dizendo-se assim, tem-se

a impressão de que nos deixamos levar pelo impulso inicial e tocamos o planeta sem mais trabalho algum. Não se esqueça que começaremos a cair para Marte assim que nos aproximemos o suficiente, e teremos que aterrizar com a ajuda dos foguetes, a menos que queiramos nos esmagar ou arder com a fricção quando tocarmos a atmosfera. Por isto será melhor que terminem de arrumar essa instalação.

Chuck assentiu e foi para seu turno com os cabos e Lew saiu para descansar.

Já haviam passado do ponto médio do trajeto e agora começariam a aproximar-se cada vez da sua meta. O Sol havia diminuído bastante, detalhe que se notava à primeira vista.

O rapaz tirou uma caixa queimada entre as ruínas e pôs-se a estudá-la enquanto a comparava com os diagramas. No esquema, ela era representada como uma caixa pontuada ao redor de duas hastes que não chegavam a se tocar: símbolo de um condensador coberto. Mas o aparelho era muito mais complicado que o indicado no esquema.

Pegando o ferro de solda, ele começou a retirar a cobertura retorcida e quase derretida. No interior achou um labirinto de cabos, resistências, condensadores e mais uma coisa que parecia ter sido um retificador de cristal.

- Que tirou a limpo de tudo disto? - perguntou Lew.

- Muito pouca coisa. Agora que percebi o "condensador", estava me perguntando como funcionaria. Vamos ver o diagrama.

Eles o estudaram juntos esforçando-se para entender. Junto à caixa havia um número, como costumava aparecer nas peças de reposição e partes. Lew consultou o livro das peças de reposição e não conseguiu encontrá-lo,

- Bonito! - disse com amargura. - Devem ter instalado um circuito novo antes de imprimirem os diagramas, e algum dos engenheiros incluiu isto, esperando fazê-lo constar mais tarde... e esqueceu-se de fazê-lo. Que será isto? Algum circuito pulsante?

- Deve ser, embora seja possível que sirva para alguma outra função. Deixemo-lo de lado - sugeriu Chuck. - Mas tarde veremos do que se trata. Você que é tão forte em teorias terá que descobrir como está composta a caixa, a menos que entre as peças de reposição tenhamos outra que não conste no livro.

Vance apoderou-se da caixa para examiná-la.

- É importante? - quis saber.

- Não sei, mas suspeito que dela depende o correto funcionamento dos foguetes. Nós estamos fazendo isto mais ou menos às cegas. O comando é quase todo eletrônico, mas tem certos detalhes que eu não conheço.

Vance chamou Steele, mas o engenheiro sacudiu a cabeça ao ver a caixa, após o que pegou os diagramas e ficou estudando-os.

Ao finalizar o exame estava com a testa franzida.

- A única coisa que posso dizer é que é importante, mas trata-se de uma coisa nova da qual não estou inteirado. Quer que façamos um inventário das peças de reposição?

Vance assentiu e o negro saiu de imediato. Foi efetuado um inventário das peças de reposição enquanto Lew e Chuck continuavam armando a instalação do painel de comando, no qual deixaram espaço suficiente para a caixa. Eventualmente, finalizaram a inspeção de todas as peças e os que estavam fazendo o inventário anunciaram que não havia outra caixa similar no depósito.

O tempo urgia, pois já estavam aproximando-se de Marte, o qual já era visível na tela do radar em seu alcance máximo

Chuck continuou testando o painel, enquanto Lew, Rothman e Steele continuavam

se esforçando para interpretar os símbolos e detalhes. Já tinham feito uma ligação de emergência para a Terra, mas saltava à vista de que as especificações que havia no planeta não eram diferentes das deles, já que nelas também não constavam a caixa. Ao que parece, um dos engenheiros havia inventado um novo sistema, que foi incluído no circuito e ao qual fez constar nos esquemas. Mas depois não informou sobre a mudança e, quando o painel foi testado sem que houvesse falhas, instalaram-no sem notar o detalhe. Na Terra estavam procurando o modesto inventor. Finalmente anunciaram que havia descoberto sua identidade... mas o indivíduo havia falecido em um acidente automobilístico, um dia depois de ter finalizado o painel.

Isto explicava a diferença entre os diagramas e a realidade, mas não servia para solucionar o problema. Chuck sugeriu que tentassem achar as notas deixadas pelo engenheiro e vissem se tinham alguma informação.

Passou-se outra semana antes que a resposta chegasse. Havia achado e decifrado as notas. Mas as notas estavam incompletas e os engenheiros não tinham nenhum modelo em que se basearem, mas tão somente ideias gerais que foram transmitidas à *Eros*, soletrando-se cada palavra por três vezes consecutivas a fim de que não fossem perdidas nenhuma das informações.

Transcorreram muitos dias mais enquanto Lew, Chuck e Steele liam as informações recebidas e estudavam a caixa arruinada, tentando desenvolver novamente as teorias do engenheiro morto e tentando ver como poderiam aplicá-las.

Finalmente iniciaram a reconstrução, mas sem maiores esperanças. Chuck sabia que metade do trabalho se baseava em conjecturas, mas sentia-se esgotado demais para se preocupar com isto. Foi buscar as peças que necessitava e começou a preparar a instalação. - Depende - disse, em resposta a uma pergunta de Vance. - Aqui tem uma bobina pouco usual e esperamos ter adivinhado como foi feita baseando-nos no que achamos da original. Além disto, não conhecemos o tamanho dos condensadores. Se isto der resultado, talvez possamos regulá-la como deve ser feito. Se dispuséssemos do tempo necessário poderíamos fazê-la funcionar tão bem como a original, ou talvez melhor.

Vance concordou e deixou-os sós. Quando voltou a aparecer na cabine a caixa já estava instalada e os três faziam os últimos ajustes apressadamente, enquanto tentavam fazê-la funcionar. O problema era que os mostradores dos aparelhos de teste não se moviam de modo algum.

Naquela noite Chuck ficou acordado por muito tempo. Tinha a certeza de que a caixa deveria funcionar. Claro que conhecia a teoria menos que Lew, mas ele tinha ficado muito tempo estudando na biblioteca da nave.

Lá na Lua, havia-lhe parecido muito interessante isso de entrar na nave e partir para Marte, tornando-se assim parte da primeira expedição que visitaria outro planeta. Até havia sonhado em achar seres inteligentes ali. Antes mesmo de pensar em ir com os expedicionários, havia-se dedicado a estudar o problema de como poderiam os homens comunicarem-se com outras raças inteligentes, passando grande partes das suas férias de verão lendo tudo que havia sido escrito a respeito.

Mas agora aquilo tudo parecia carente de importância. Seus músculos doíam de tanto estar trabalhando com os delicados aparelhos, suas costas doíam e sua cabeça dava voltas. Às vezes sentia-se muito mais velho que todos os outros tripulantes... mas logo se dava conta de que seus companheiros deviam estar passando pelas mesmas coisas.

Quando finalmente dormiu, foi somente para descansar uma hora.

Foi despertado por um sonho em que estava seu pai...

Tomando uma súbita decisão, vestiu-se rapidamente e correu para a cabine de comando. Segundo o regulamento, devia pedir permissão para usar o equipamento de radar que servia para as comunicações, mas, devido à emergência, eles haviam deixado de lado esses detalhes. Pôs o radar em funcionamento, ligou o microfone do seu traje com o do transmissor e começou a chamar Luna City.

Na voz do operador com quem se comunicou notava-se a mesma tensão da sua. Com certeza, na Lua estavam tão preocupados quanto eles, ou talvez mais, já que não podiam fazer nada para ajudá-los. Pediu para falar com seu pai e aguardou com impaciência, até que finalmente ouviu sua voz e notou, de imediato, a fortaleza de caráter e a compreensão que sempre a caracterizara.

- Olá, Chuck. Que está acontecendo, rapaz?

O moço teve vontade de chorar quando relaxou a tensão de que era presa. Logo a seguir deu os detalhes ao seu pai, falando apressadamente. Depois aguardou, enquanto a mensagem viajava para a Terra, o autor dos seus dias meditava sobre o assunto e finalmente lhe respondia. Achavam-se distantes o suficiente para que a transmissão – mesmo via radar – levasse alguns minutos para chegar.

- Filho, ou muito me equivoco ou você está na dificuldade mais velha de todos os mecânicos – disse-lhe Svensen. - Concentre-se em ver se todos os cabos estão conectados. Lembro-me que uma vez passei duas semanas procurando uma falha em um trabalho e só encontrei a solução depois que uma servente me mostrou...

Mas Chuck já não o estava escutando. Achava-se no outro lado da cabine olhando fixamente para o painel aberto. Em um canto, sob um labirinto de outros cabos, descobriu a conexão que haviam esquecido de fazer!

Não lembrava se havia cortado a transmissão ou agradecido ao seu pai, embora seguramente o tenha feito. Um momento depois estava acordando o capitão Vance e chamando Lew Wong aos gritos. Logo todos já estavam apinhados ao seu redor, esforçando-se para entender o que ele dizia.

Três horas mais tarde, os medidores indicavam que o painel funcionava de acordo com as especificações.

- Parece que está funcionando bem – comentou Rothman. - Vocês dois se portaram melhor do que se poderia esperar de alguém que não fosse o engenheiro que instalou o painel. Mas até que efetuemos a aterrizagem não saberemos se está perfeito. Se a sorte nos acompanhar, desceremos inteiros. Quando pudermos ver como funciona, saberemos o necessário para fazer as retificações que sejam necessárias.

Acercou-se dos comandos e efetuou um breve disparo dos foguetes, balançando a cabeça positivamente enquanto franzia levemente as sobrancelhas.

- Se é que podemos confiar nos giroscópios... - interrompeu-se ao mesmo tempo que sorria. - De qualquer forma nós poderíamos festejar o triunfo. O que me diz capitão?

Chuck voltou a dedicar-se aos seus deveres de rotina e foram retomados os turnos de costume. Lá ao longe, continuava aumentando de tamanho o planeta para onde se dirigiam, embora a rotação da nave os impedisse de vê-lo em todos os seus detalhes. Vance ordenou que desligassem os giroscópios e Chuck aguardou até que a nave parasse de girar, antes de voltar à cabine de comando. Dali podiam ver brilhar o planeta lá adiante, destacando-se enorme e avermelhado no espaço. A cabine estava novamente cheia de ar e o moço inspirou profundamente.

Os detalhes da superfície de Marte já podiam ser vistos claramente. Ainda era im-

possível saber se eram canais ou outra coisa, mas pôde comprovar visualmente que as fotografias tomadas do observatório lunar eram excelentes e corretas. Aqueles canais não apareciam tão retos como mostravam os mapas de outros tempos, mas não havia nada semelhante a eles na Lua ou na Terra.

Poderia ser obra de seres inteligentes, pensou. Talvez tivesse havido ali uma atmosfera, suficiente para que uma raça privilegiada criasse uma civilização similar à da Terra. No Egito haviam-se construído as pirâmides apesar de uma gravidade duas vezes e meia maior que a de Marte, e na China ainda subsistia a Grande Muralha erigida milhares de anos atrás.

Que encontrariam no planeta vermelho? Talvez não houvesse vida inteligente, ou talvez achariam ruínas que indicariam a derrota de uma raça vencida pela falta de água e de ar. Por sua parte, abrigava a esperança de que ainda houvesse sobreviventes.

Steele, que havia entrado depois dele, também observava o espetáculo. O gigante negro suspirou, ao mesmo tempo em que olhava para o rapaz e fazia um sinal negativo com a cabeça.

- Faz muito tempo que não há uma atmosfera decente. Salvo a pouca que tem, Marte não poderia reter seu ar. É muito pequeno e leve – murmurou como se tivesse adivinhado os pensamentos do rapaz. - Mas é muito difícil afirmar ao vê-lo assim. Não paro de pensar que os habitantes sairão para receber-nos. Talvez eu devesse ter me dedicado à poesia e não à engenharia atômica. Bem, amanhã veremos do que se trata.

- E se houvesse gente?

Steele voltou a suspirar.

- Não sei. Talvez tenhamos guerra ou talvez paz. Quando eu era menino minha avó me contava coisas que tinha ouvido falar da época em que os da minha raça eram escravos. Suas histórias não me fizeram gostar muito das pessoas. Mas não deixe que ninguém lhe diga que o homem é mau, garoto. A raça tem se adiantado muito. Creio que tudo dependerá dos marcianos. Se forem selvagens, é possível que nos odeiem e nos temam. Não se pode ganhar a amizade de quem tem medo de nós.

Depois Steele sorriu, e, mudando de tom, acrescentou:

- Estamos falando besteira, Chuck. Teremos sorte se ainda encontrarmos insetos. Vamos trabalhar nas hortas.

Na tarde seguinte Chuck estava sonhando com marcianos fantásticos que saiam para recebê-lo com flores em uma mão e espadas na outra, quando foi despertado por um leve movimento da nave que virava para dirigir-se rumo ao planeta vermelho.

Engoliu rapidamente seu desjejum de uma lata de rações conservadas e encaminhou-se para a cabine de comando. Ao chegar na porta parou por um instante, mas o capitão lhe fez sinal para que entrasse. Só estavam ali Vance, o piloto e Lew Wong.

A tela situada acima dos painéis mostrou-lhes a superfície do planeta que saía ao seu encontro, aumentando mais à medida que olhavam. Rothman estava muito ocupado com sua calculadora e viam-se gotas de transpiração sobre sua fronte. Vance manejava os comandos, tão sereno como sempre, mas passou-os para Rothman quando este finalizou seus cálculos e foi ocupar seu posto. O capitão separou então dois dos outros assentos e fez sinal a Chuck para que se instalasse em um deles.

Os assentos inclinaram-se para trás para formar colchões horizontais de absorção de gravidade, enquanto os comandos deslizavam de maneira que Lew e Rothman pudessem alcançá-los com facilidade. Vance apertou contra sua garganta o microfone conectado aos alto falantes.

- Um minuto... trinta segundos... quinze... dez... cinco... quatro... três... dois... Ignição!

Era mais fácil resistir à aceleração nos assentos construídos especialmente para tal fim. Eles a suportaram sem afastar os olhos dos visores. Chuck sentiu que partia um gemido dos seus lábios.

A nave não funcionava com a suavidade requerida. O lugar para o qual Rothman apontara agitou-se na tela e a *Eros* inclinou-se para um lado e logo para outro. Quase lhe pareceu ver que as alavancas escapavam das mãos do piloto.

Rothman puxou novamente as alavancas, desta vez com mais força, esforçando-se para dominar a nave. Então estendeu a mão para um dos botões.

- Os medidores! - gaguejou com dificuldade. - Quando descermos, veremos porque estão funcionando mal.

Novamente acrescentou a aceleração pra frear o impulso da *Eros*, até que o mostrador superior registrou cinco gravidades e meia. Chuck teve a impressão de que seus olhos iam sair das órbitas e somente a duras penas conseguiu ver a tela.

A nave diminuía sua velocidade.

- Queda livre? - murmurou Vance.

Rothman não respondeu nada, embora seus dedos tivessem imediatamente cortado a ignição dos foguetes. Do exterior chegou-lhes um zumbido prolongado que indicava a passagem da nave pela atmosfera.

Logo estavam caindo por seu próprio peso, enquanto o piloto tentava governar o movimento com os diminutos lemes instalados nas aletas da nave.

## Cap. 8

# DESASTRE

Os dedos de Rothman voavam sobre as alavancas e seus olhos estavam fixos na tela. Sua voz soou como um rouco murmúrio

- Cuidado com as pancadas.

Vance deixou escapar um risinho quase casual. Chuck olhou para Lew, vendo refletido nos olhos do seu amigo o mesmo temor que sentia.

A nave finalmente ficou na posição vertical. Rothman voltou a tocar nos botões e outro disparo súbito esmagou Chuck contra o colchão. A paisagem abaixo começou a mexer-se, mas Rothman manteve os botões apertados. A superfície do terreno havia deixado de aumentar e Marte distanciava-se novamente.

Haviam perdido toda sua velocidade de avanço e novamente subiam para o espaço. O piloto lutava para corrigir os disparos desiguais dos tubos de escape, detalhe que agravou o estado dos giroscópios. Levou a *Eros* mais para cima e finalmente desligou os motores.

- O número seis é o pior – disse-lhe Vance. - Não pode sincronizar com o número três?

- Eu já tentei. Podíamos conseguir com o dois e o cinco.

O piloto voltou a estender as mãos para o comando e os fez funcionar delicadamente. Os medidores se moveram no painel e Rothman apertou novamente os botões que disparavam os foguetes. Desta vez pareceu que os disparos combinavam, embora não muito melhor.

Chuck se esforçava para interpretar a mensagem dos mostradores. A culpa era dele; se tivesse mais conhecimentos técnicos, talvez tivessem podido evitar aqueles saltos e a terrível incerteza. Se alguma vez chegassem a aterrizar, ocupar-se-ia pessoalmente de investigar onde estava o defeito.

Quando o disparo cessou, Rothman lançou uma olhada para Vance.

- Quer tentar? - disse. - Talvez meus nervos estejam falhando.

- Você está trabalhando muito bem – foi a resposta. - Eu também me sinto um pouco nervoso. Mesmo Foldingchair estaria passando mal em momentos como este. Bem, veja se consegue descer, Nat.

Novamente estavam caindo lentamente, rodeados por uma atmosfera muito tênue. Não se ouvia o som, mas isto era indicado pelas agulhas no painel. Deviam estar na parte superior da capa atmosférica de noventa e cinco quilômetros que envolve Marte.

A nave balançou e Rothman teve que corrigir a queda com rápidos disparos dos foguetes. Depois começaram a tomar velocidade em sua queda e entraram na atmosfera um pouco mais densa, onde as aletas poderiam servir para equilibrar a *Eros*.

A superfície do planeta aproximou-se mais desta vez. Rothman aguardou até que parecessem estar a ponto de cair e imediatamente disparou os foguetes. A nave ran-



geu ante a força do disparo e começou a inclinar-se mais para a esquerda. O piloto empregava mais potência do que a necessária e assim continuou fazendo.

Chuck perdeu os sentidos por uns instantes, pois a pressão era mais do que ele podia suportar. Quando abriu os olhos, a nave estava subindo novamente, os foguetes não disparavam e estavam sendo guiados pelos lemes. Rothman estudou a tela até que chegou o momento oportuno e desligou os foguetes que lhes havia levado novamente acima do limite dos noventa e cinco quilômetros.

Voltou-se então para o capitão.

- Miles, não acho que eu possa fazê-lo. Se lhe parece que tem mais sorte, encarregue-se do comando.

Vance negou com a cabeça.

- Você é o piloto, e eu não poderia fazer melhor... A menos que esteja assustado. O que me diz?

- Estou muito ocupado para ter medo – respondeu Rothman sinceramente.

Vance encolheu os ombros.

- Então faça você. Provavelmente eu ficaria histérico se me encarregasse disso. Nat, se for necessário que caiamos, não se preocupe. Isto está cada vez pior. Dou-lhe permissão para que nos mate a todos se com isto pode se sentir melhor. Mas desta vez aterrise, inteiro ou aos pedaços.

Chuck deu um sorriso, esforçando-se por apreciar o humor das palavras de Vance, mas não conseguiu. O capitão bem poderia estar falando a sério. O importante era descer e seria melhor morrer que continuarem se preocupando. Por sua parte, Chuck preferia continuar preocupado, mas não fez comentários a respeito. Se abrisse a boca não poderia evitar que se lhe escapasse um grito de terror.

O piloto voltou a olhar para a tela.

- Ainda disponho de uns minutos, dê-me um cigarro.

Vance tirou um pacote e uma caixa de fósforos. Acendeu um cigarro e jogou-o para Rothman, que pegou-o no voo entre o polegar e o indicador. Chuck notou que não teria podido fazê-lo um homem que não fosse completamente dono dos seus nervos.

O piloto deu duas tragadas e apagou o cigarro logo a seguir.

- Obrigado – disse. - Bem, rapazes, vamos lá novamente. Se alguém já escolheu um lugar onde gostaria de ser enterrado, é só me avisar.

Novamente o ar gritava ao redor da nave, que agora adquiriu mais velocidade na queda. Chuck tentou fechar os olhos, mas sentiu-se pior por não estar vendo a tela.

Agora o piloto já estava com mais prática no manejo dos lemes. Desta vez eles desciam em linha reta para o ponto colorido marcado nos indicadores do visor. Aumentando a velocidade, o domínio sobre a nave tornou-se mais firme, e já não se notava o balanço de antes. Chuck notou que se os foguetes estivessem uniformes. Rothman teria feito uma aterrissagem muito melhor que qualquer uma que Jeff Foldingchair fizera.

Rothman disparou os foguetes com grande cuidado, mas o balanço se repetiu imediatamente. Tal como dissera Vance, a situação estava piorando cada vez mais. O foguete número seis devia estar quase sem controle. Cessou o disparo após uma breve pausa e a nave continuou descendo, guiada em parte pelas aletas e lemes.

Agora já estavam a menos de quinze quilômetros de altura e continuavam descendo. Rothman calculava entre os dentes e mantendo o rumo até que parecessem achar-se quase no chão. Então apertou os lábios e gritou:

- Agora.

Novamente os foguetes foram ligadas em sua máxima potência, fazendo vibrar

todo o casco da nave espacial. Chuck não conseguiu desmaiar; a tensão em seus nervos era muito grande. Seus olhos continuavam fixos na tela que agora parecia uma mancha borrada.

Cessou o disparo dos foguetes ao comando dos dedos do piloto. Algo sacudiu a nave. Uma das aletas de cauda havia tocado o solo enquanto ainda estava durando o disparo.

Mais uma vez cessou o rugido dos motores e houve um novo e breve disparo.

Mas a cena refletida na tela indicava que não conseguiriam efetuar a aterrizagem. O último disparo havia chegado muito tarde e eles estavam descendo inclinados. Tocaram o solo e subiram um pouco para cair novamente, e as pancadas eram como marteladas no estômago de Chuck.

Houve algo como uma explosão e Chuck perdeu os sentidos.

A primeira coisa que o rapaz sentiu foi que algo úmido lhe tocava a testa. Ao seu lado viu Dick Steele que o olhava enquanto o doutor Sokolsky lhe apalpava o corpo.

- Não houve fraturas. Logo estará como novo.

O rosto de Steele estava coberto de sangue e via-se um corte feio na sua testa. Não obstante, o engenheiro sorriu alegremente para o rapaz.

- Lá em baixo foi melhor, o pior foi aqui em cima. Pode se mover?

Chuck levantou-se com grande dificuldade, sentindo a dor nos seus músculos e mais surpreso que satisfeito. Tinha estado certo de que a queda mataria a todos. Vance e Lew já estavam de pé e o piloto voltou a si um minuto mais tarde.

- Todos vivos e sem maiores danos... graças a um milagre – anunciou Sokolsky. - As cordas de náilon que seguravam os beliches absorveram a maior parte da sacudida. Mas a nave não está em muito boas condições.

Pelo que podia ver, Chuck notou que nenhum deles estava muito bem. Todos coxeavam e mostravam-se doloridos e cheios de equimoses, mas o prazer de estarem vivos compensava todos os outros problemas.

- Quais os danos na nave? - perguntou Vance.

Foi Steele quem respondeu.

- Está bastante mal – disse. - E estamos perdendo ar por uma rachadura na câmara das hortas hidropônicas. Está perto do teto e é muito difícil de ser alcançada. As portas não se fecham e teremos que consertar isto se quisermos viver. Chuck, Nat, Miles, vocês têm experiência com as máquinas. Vamos por mãos à obra.

Em uma emergência daquela natureza, quem entendesse mais do assunto era o chefe. Os outros seguiram imediatamente pelo conduto central. Parte de um dos depósitos estava esmagado e os caixões e recipientes de víveres estavam espalhados por todos os lados, o que dificultava a passagem.

- Creio que a maior parte dos víveres está bem – informou Steele. - Perdemos um tanque de água, a não ser que consigamos recolhê-la de algum modo. E as plantas estão desenraizadas em algumas partes. Mas os motores parecem estar bem, e não creio que os escapamentos dos foguetes tenham sofrido algum dano, pois estão na cauda, onde a queda não foi muito sentida. Ainda não tive oportunidade de constatar a existência de combustível, mas não senti cheiro algum, de forma que não deve haver nenhum vazamento. Vejam, aqui está a parte ruim.

Apontou para cima, na câmara dos tanques hidropônicos, indicando uma rachadura no metal. Uma das costuras havia sido aberta como se fosse a casca de uma noz que tivesse levado uma pancada. Mas agora se via alguma coisa que tapava a fenda.

- Parte de nossa tela para tendas – explicou Steele. - Eu a pus ali com a ajuda de varas. Está retendo quase todo o ar, mas não veda perfeitamente a abertura.

Vance observou a lona durante alguns segundos.

- Parece que você esteve ocupado, Dick. Bem temos chapas suficientes para fazer um remendo temporário e para isto teremos que usar as mais finas. Mas como conseguiremos levá-las para lá?

- Teremos que pegá-las e trepar com elas pelo lado de fora. Poderíamos passar uma corda e subir duas escadas.

O capitão concordou e encaminhou-se para o depósito onde estavam guardadas as chapas para reparos. Provavelmente não seria necessário mais que cinco das chapas mais delgadas para cobrir devidamente a fenda. Dick apoderou-se de duas delas e os outros pegaram uma cada um, bem como o equipamento que teriam que usar. Então encaminharam-se o mais rápido possível para a câmara de compressão que servia para a entrar e sair da nave.

A porta interna abriu-se com facilidade e aparentemente havia suportado bem o golpe. A externa foi diferente, pois se negou a ceder até que Dick e Vance uniram as forças e empurraram-na juntos. Então abriu-se completamente com sonoros ruídos.

Sob a mesma, eles viram uma areia avermelhada que havia tomado a forma da moldura da porta. Dick deixou escapar um gemido.

Chuck pegou uma das chapas com a intenção de tirar a areia e neste momento entendeu o que tinha acontecido. A saída da nave agora estava na parte de baixo do casco. A *Eros* havia caído de lado, pressionando a porta com todo seu peso.

- Teremos que cavar para sair... - começou a dizer.

Mas Vance o interrompeu de imediato

- E faremos isto... mas não agora. Provavelmente nós afundamos um metro ou dois nesta areia tão fina e teríamos que cavar um túnel para o exterior. Olhem como é seca esta substância. Teríamos que ir colocando suportes à medida que avançássemos para evitar que caia em cima de nós. De modo que cavaremos quando tivermos alguns dias livres para dedicarmos a este trabalho. E a porta que dá para a câmara das hortas?

Steele franziu as sobrancelhas.

- As três estão presas. Se pudéssemos fechar hermeticamente a de fora continuaríamos perdendo ar da mesma forma. De qualquer forma, isto de nada serviria para nos salvar, pois deixaríamos morrer as plantas na atmosfera tão tênue deste planeta. E precisaremos delas.

Regressaram à câmara das hortas, deixando o equipamento junto à inútil câmara de compressão. Vance deteve-se para fechar a porta interior, já que o ar se infiltraria gradualmente para fora através daquela areia tão seca.

A tela que cobria a rachadura parecia delgada e transparente, mas cumpria com sua finalidade de conter a pressão do ar. Haviam-na fabricado para ser usada nos desertos marcianos, onde deveria reter a atmosfera individual de cada barraca durante pelo menos vinte e quatro horas. Mas não estava bem assentada sobre a fissura desigual, e a corrente constante demonstrava que o ar se perdia sem cessar.

Chuck ficou imaginando como Dick havia conseguido colocá-la lá em cima, já que a tela era muito fina e difícil de manusear. As varas que usara eram canos normais de alumínio, atados uns aos outros até alcançar um comprimento de uns quinze metros. Provavelmente, nem ele mesmo poderia dizer agora como conseguira levar a cabo o trabalho.

- Ainda temos força motriz? - perguntou o engenheiro.

Steele confirmou e Chuck pôs-se a estudar novamente a posição da tela.

- E temos uma boa quantidade de tinta que seca em cinco minutos. Que lhes parece se carregarmos as bombas com ela e usarmos para pintar a tela?

- Poderia dar certo – concordou Vance.

Quase em seguida transferiram para lá a bomba e a mangueira, enquanto os outros levavam várias latas com cinco litros de tinta cada uma.

- De que é feita a tela? - quis saber Chuck. - Será que a acetona não a amolecerá?

- Não sei, poderia até dissolvê-la completamente. Mas temos que tentar.

Verteram no tanque da bomba uma laca fabricada com base de acetona e testaram o motor, constatando que funcionava perfeitamente. Dick e Nat pegaram a mangueira entre eles, apontaram com ela e fizeram um sinal para os outros. Chuck abriu a válvula

Um fino jorro de tinta saltou para cima e os dois homens o dirigiram cuidadosamente para que atingisse a borda da tela, até que começou a aparecer uma mancha cinzenta. Chuck fechou então a válvula e todos ficaram olhando com grande expectativa.

A princípio nada aconteceu. Depois a tela, que estivera enrugada, esticou-se pouco a pouco aderindo ainda mais ao metal. A pintura estava dando resultado. O risco seria que o efeito se prolongasse muito e que a acetona destruísse a tela. Transcorreram mais cinco minutos e Vance deu um suspiro.

- Boa ideia, Chuck. Vê-se que dá resultado. A pintura seca antes de poder danificar a tela e amolece-a o suficiente para que a pressão a faça aderir bem no metal. Continuem.

Já estavam quase ficando sem tinta quando chegaram à última parte da ranhura. Mas a tela, assim tratada, havia aderido perfeitamente e a corrente de ar foi diminuindo pouco a pouco.

Repetiram a manobra com outra pintura à base de plástico, mas esta pareceu não surtir o mínimo efeito na tela. Isto não importava, já que a estavam usando para fechar bem os poros, para o que esta serviu perfeitamente. Pouco a pouco foram cobrindo toda a tela.

- Vai durar pelo menos uma semana – declarou Dick, com tom aprovatório. Então olhou para os tanques hidropônicos. - Esta pintura não lhes fará nenhum bem.

- As plantas voltarão a crescer, ou então as substituiremos por outras – manifestou-se Rothman. - Por sorte não chegamos a pulverizar nenhuma das hortaliças nem as verduras. Agora já estou um pouco consolado pela confusão em que meti a todos.

Finalmente o doutor conseguiu reter Steele o tempo suficiente para tratar da sua ferida. Sokolsky assentiu ao ouvir as palavras do piloto, mas sua expressão não era de aprovação.

- Magnífico. Se temos que passar aqui o resto das nossas vidas, suponho que seria melhor ter ar, embora eu não esteja certo sobre isto. Algum de vocês notou se foi quebrada alguma das vigas principais que reforçam o casco?

Steele olhou-o com olhos arregalados pela surpresa.

- Não é possível. Essas vigas horizontais são as que resistem ao disparo dos foguetes.

- De lado?

- Não. Suponho que são mais resistentes colocadas assim contra o casco. Espero podermos reforçá-la de alguma forma.

Voltaram-se para Vance, pedindo sua opinião, enquanto seguiam Sokolsky para onde se achava a grande viga danificada. Mas o capitão quase não olhou, e foi para a cabine de comando para voltar pouco depois com uma carta de navegação. Até lá todos já se haviam reunido e Vance dirigiu-lhes a palavra.

- Podemos decolar de Marte. Talvez leve algum tempo, mas parece que temos abastecimento suficiente por um tempo. Constataremos isto mais tarde. Além disto,

não vi danos que não possam ser reparados. Talvez haja alguns que não saltem à vista, mas suponhamos que não haja. O que mais importa é saber quanto tempo demoraremos para concluir todos os reparos necessários.

Steele olhou para os outros enquanto calculava mentalmente os danos sofridos.

- Cinco ou seis meses, capitão – disse por fim.

- Exatamente – Vance mostrou-lhes a carta. - E já gastamos uma quantidade excessiva de combustível para aterrizar. Uma vez que Marte e a Terra já não estejam em conjunção, iremos perdendo terreno e necessitaremos cada vez mais de combustível para o regresso por cada mês que permanecemos aqui. Ou partimos dentro de noventa dias ou teremos que esperar alguns anos até que os dois planetas voltem a estar em posição favorável para a viagem.

Fez um a pausa e acrescentou:

- Vocês terão que decidir. Terão que fazer um milagre... que é do que nós precisamos.

## Cap. 9

# UM NOVO MUNDO

Enquanto levava a pá para a câmara de compressão de entrada, Chuck pensou que ficaria emocionado com o fato de pousar os pés pela primeira vez no solo de outro planeta. Aquela areia que havia na câmara era parte do solo de Marte, mas aquilo não se ajustava ao que imaginara ao pensar na chegada de um explorador ao mundo vizinho da Terra. Lew pediu que o esperasse e daí apouco apresentou-se com outra pá.

Os rapazes eram musculosos mas não muito corpulentos, de modo que podiam trabalhar comodamente naquele espaço reduzido. Cada um deles havia chegado à conclusão de que já era hora de começar enquanto os outros ainda estavam ocupados em verificar o que faltava fazer.

As chapas metálicas ainda estavam na câmara. Chuck calculou o tamanho do recinto e ambos usaram a moldura da entrada inferior para dobrar as folhas metálicas e dar-lhes a forma necessária. Estas folhas não suportariam uma pressão muito grande, mas talvez pudessem impedir que a areia deslizesse por baixo.

Aquela substância avermelhada era tão fina como as pedras pulverizadas que vira em algumas crateras lunares. Escorria das pás como se fosse água quando levantavam-na para jogá-la no interior.

Lew interrompeu o trabalho para observar seu companheiro por um momento e então foi embora sem dizer nada. Chuck não o censurava; a tarefa parecia inútil. Mas o operador do radar voltou ao cabo de poucos minutos com um par de folhas menores de metal delgado, as quais prendeu contra a moldura da porta. Após muito manobrar, conseguiu dar a uma delas a forma de um cubo não de todo fechado que serviria até para carregar água.

- Ferramentas terrenas em Marte – murmurou, indicando as pás. - O que acontece é que você é que muito acostumado a uma gravidade mínima e esquece da grande quantidade desta areia que pode entrar.

Assim dizendo, introduziu o cubo na areia fina até enchê-lo. O cubo não dispunha de pegadores, mas ele pôde levantá-lo com toda facilidade e e levá-lo para o corredor vazio.

Chuck sorriu, ao mesmo tempo em que se punha a fabricar outro cubo do mesmo tipo. Era verdade, as pessoas levavam consigo seus hábitos terrestres e se acostumavam muito rapidamente à escassa gravidade da Lua e de Marte. Uma vez passada a novidade de acharem-se em um planeta de menor massa que a Terra, mudavam suas antigas maneiras de fazer as coisas. Aqui eram mais pesados que na Lua, mas ainda assim pesavam somente três oitavas partes do seu peso normal, que tinham no planeta que os vira nascer.

Assim puderam adiantar mais o serviço. Chuck passou pela porta uma das chapas grandes que dobraram, introduzindo-a na areia o máximo possível. Após retirar cada

cubo cheio, voltava a levá-la mais para diante. Assim foi abrindo um espaço bastante amplo além da porta. Agora achava vantajosa a finura da areia, já que não lhes era necessário cavar nem subir, pois a substância ia deslizando para eles e estava sempre ao seu alcance.

Vance deve ter sabido da tarefa a que estavam entregues, pois se apresentou lá quando eles colocavam a segunda chapa dobrada debaixo da primeira. Ao ver os resultados, deixou escapar um assovio.

- Muito bem! Vejo que se adiantaram. Querem uma ajuda?

Os braços lhe doíam, mas Chuck compreendeu que não havia outro trabalho que pudessem fazer melhor do que aquele. Já havia testado o radar, constatou que não funcionava, de modo que não dispunham de meios para informar a Terra.

Inclinaram para cima a segunda chapa dobrada, fazendo pressão contra o costado do casco. Vance voltou para onde estavam os outros e Lew o acompanhou para conseguir mais chapas de metal que usariam para formar um piso, já que cada passo que davam afundavam-se até os tornozelos na areia fina. Com o piso, o túnel começou a adquirir um aspecto mais sólido e permanente.

Ginger levou-lhes algo para comer e a mensagem de Vance de que não se apressassem muito. Mas tarde voltou para retirar os pratos e adverti-los de que não deixassem escapar o ar do casco. Os rapazes tinham estado muito entretidos para pensar naquilo.

- Então traz nossos trajes atmosféricos, Ginger. Além disso, poderia fechar as portas que dão para a passagem?

- E aquela areia lá? - interveio Lew. - Já tem muita. Seria bom que alguém a fosse tirando à medida que a jogamos lá.

Ginger assentiu e daí a pouco ouviram-no fechar as portas. O cozinheiro estava de volta ao cabo de alguns minutos com seus trajes, outro cubo improvisado e sua câmara fotográfica. Às costas, trazia pendente seu traje espacial.

- Deixem-me tirar uma foto como recordação e eu mesmo tirarei a areia – disse sorrindo.

Agora a areia começou a ser varrida graças à pressão do ar que saía da câmara. Chuck inclinou-se para pegar a terceira chapa dobrada e empurrou-a para a frente. A princípio encontrou uma certa resistência, mas logo a seguir a chapa saiu na superfície. Apareceu então um buraco pelo qual deslizou uma grande quantidade de areia para o túnel.

Lá fora reinava a noite. Chuck chamou Lew para que saísse com ele e ambos saíram pelo buraco que era bastante amplo para caber um homem. Chuck sintonizou seu rádio na onda comum que também afetaria os alto falantes distribuídos pela nave.

- Capitão! - chamou então.

Vance respondeu de imediato.

- Já terminamos e podemos ver a superfície. Se quiser mandar alguns homens para que retirem a areia que empilhamos no corredor e para que soltem as sustentações, já teremos uma saída permanente.

- Muito bem. Eu não esperava que terminassem tão rápido. Venham para cá e eu me encarrego do resto – informou Vance em tom animado.

Mas Chuck tinha outra ideia.

- Não poderia deixar-nos sair e explorar um pouco? - pediu. - Temos oxigênio e baterias novas para as luzes.

- E armas? - perguntou a voz de Sokolsky - Não, não creio que encontrem nada que ande por aí durante a noite. A temperatura deve ser de trinta graus abaixo de

zero.

- Vão então – consentiu o capitão - Mas não se distanciem mais que um quilômetro da *Eros*... e tenham cuidado. Voltem logo, assim poderão dormir e repor as forças para amanhã

Chuck lembrou-se de que após aquela noite teriam um dia verdadeiro. O dia em Marte durava somente trinta e sete minutos mais que na Terra. Após os dias e noites artificiais da Lua e da *Eros*, parecia-lhe estranho voltar a uma espécie de normalidade. Agradeceu a Vance e já ia desligar o transmissor, quando chegou aos seus ouvidos a voz de Steele

- Deixe o rádio sintonizado, garoto, queremos escutá-los. E não esqueçam da cerimônia regulamentar. Para isto temos uma bandeira lá na câmara.

Ginger levou-lhes a bandeira, sorrindo-lhes alegremente.

- Vamos ver se ficarão elegantes quando cravarem a bandeira, rapazes. Já estou com a câmara pronta. "Os primeiros homens que põem os pés em Marte, o primeiro dos planetas conquistados pela Terra". Estas fotos os transformarão em heróis

Chuck estirou a língua para expressar sua opinião a respeito, mas aceitou a bandeira. Lew havia aumentado a abertura e ambos saíram juntos para a fria superfície do planeta vizinho da Terra. Às suas costas viu-se o brilho da lâmpada de flash da câmara fotográfica de Ginger. Voltou-se ao ver o brilho, quando Chuck inclinou-se para cravar a bandeira no chão.

- Reclamo este planeta e o coloco sob a proteção das Nações Unidas, segundo as leis e regulamentos prevalecentes na Terra.

Era um momento histórico e uma cerimônia solene, mas o rapaz sentiu-se um pouco tonto. Teria sido mais lógico que Vance tivesse levado a cabo a cerimônia.

Mas imediatamente deu-se conta de toda realidade da situação. Estava em Marte! Neste mundo houve uma vida que não teria podido desenvolver-se na Terra. Acendeu imediatamente a luz do traje para olhar o terreno onde pisava. Não era mais que uma extensão arenosa e árida. Mesmo àquela temperatura tão baixa não se via o menor sinal de gelo no solo.

Desgostoso e cheio de fadiga, já ia regressar para a nave quando viu que Lew havia-se adiantado alguns passos mais e o seguiu mecanicamente. Ele teria ficado satisfeito em ver um só tom verde, mas o Saara era um paraíso comparado àquilo

Chamou Lew aos gritos, mas atmosfera era muito tênue para transportar o som por uma distância maior que dois metros.

Lew abaixou-se então para recolher algo. Era um objeto de uns cinco centímetros de comprimento e que parecia um pedaço de corda. Chuck pegou-o sem o menor interesse... mas logo deu um salto. O objeto não era mineral, disto estava certo. Só podia ser parte de uma planta, a menos que se pudesse acreditar que se tratava de uma coisa tão improvável como um fio de papel retorcido, pois tinha até o mesmo aspecto que este.

À luz do seu capacete não pôde ver maiores detalhes. Tentou desfazer a coisa entre os dedos, mas era muito dura, embora conseguisse dobrá-la um pouco. Depois notou que dela sobressaíam uns fios tão finos como cabelos e achou que deveria ter sido a raiz de alguma planta em outros tempos.

Ficou olhando ao seu redor, enquanto a voz de Lew murmurava alguma coisa ali perto. Somente depois que o outro bateu no seu capacete foi que se deu conta de que havia desligado o rádio durante vários minutos, embora não estivesse lembrado de ter movido a alavanca. Com certeza estava muito decepcionado e tinha desligado sem pensar. Rapidamente voltou a ligá-lo novamente.

- ...planta – dizia Lew. - Ouve, Chuck, que te parece?



- Deve ter sido uma planta em outros tempos – admitiu Chuck.

Então vibrou um grito em seus ouvidos e então ouviram a voz excitada de Sokolsky.

- Esperem rapazes, não a percam. Talvez seja nossa única evidência de vida vegetal. Pode ser que estejamos rodeados de plantas, mas também é possível que essa raiz tenha dez milhões de anos e tenha se conservado graças à secura do ambiente. Não a soltem, eu já estou indo!

E assim foi. Sokolsky saiu daí a pouco pelo túnel, com o capacete no lugar mas ainda não preso de todo. Suas mãos ajustavam os fechos enquanto ele corria aos saltos para os dois rapazes.

- Ouvi sua descrição, Lew. Deve ser uma planta. Mostre... Ah!

Profundamente emocionado, Sokolsky ficou examinando a raiz sob a luz do seu capacete. Logo depois pegou um microscópio que levava pendurado no pescoço e estudou o objeto detidamente.

- E então? - perguntou Chuck após um momento.

O doutor levantou a vista com expressão embaraçada.

- Células verdadeiras... Claro que estão mumificadas, mas isto já teve vida em outros tempos. Existem mais? Onde a encontraram?

Lew indicou um lugar mais adiante e Sokolsky saiu correndo, sua luz pulando à sua frente. Não parou e continuou correndo até que sua silhueta perdeu-se no outro lado de uma elevação arenosa, atrás da qual devia haver uma cavidade.

Então ouviu-se um grito súbito ao que se seguiu um silêncio sepulcral.

Os dois rapazes correram para lá, enquanto Chuck ia imaginando todos os monstros raros que poderia haver no planeta. Quando viram o doutor, a princípio seus temores se confirmaram, já que Sokolsky estava estendido no solo, completamente imóvel.

Lew gritou e ambos se adiantaram correndo, mas o doutor voltou-se então totalmente tranquilo mostrando-lhes algo que tinha na mão. Era um objeto que formava uma bola apertada com uma superfície dura e cerosa, mas que começou a abrir-se ao receber a luz dos capacetes. Não restava a menor dúvida: sua cor brilhante era o que caracterizava toda a vida vegetal.

- Há muitas mais, milhões... e uma dúzia de variedades – informou Sokolsky em tom de profunda emoção. - Aterrizamos em um terreno árido, mas olhem...

Seguiram a direção do seu olhar, comprovando que ele não havia exagerado. Toda a vegetação parecia formar bolas compactas. Provavelmente esta era uma característica especial de todas as plantas do planeta, que deste modo não perdiam calor durante as frias temperaturas da noite. Grande parte delas estava quase inteiramente sepultada no solo, e havia pelo menos um acre de terreno coberto profusamente pelos objetos verdes.

- Olhem – disse-lhes o doutor. - A parte externa é dura como vidro. A planta secreta uma espécie de cera que a ajuda a secar. E olhem como as folhas são grossas. Elas devem armazenar água e ar em grande quantidade pra o que é o planeta. Com isto nós poderemos estudar uma nova ciência: A evolução relativa!

Chuck achou uma das diminutas plantas semelhantes a repolhos e puxou-a, e viu que saía do solo uma raiz fina de pelo menos doze metros antes de soltar-se totalmente. Ao olhá-la, notou também que esta planta abria-se lentamente sob o reflexo da luz.

- Todas elas se movem assim, doutor?

- Elas têm que fazer isto, pois necessitam de toda luz que possam receber, mas não lhes é possível ficarem abertas quando o sol se põe. Muitas plantas da Terra

também se abrem e se fecham, mas estas devem fazer isto muito melhor. Olhem que raiz formosa! Provavelmente se afunda até onde haja um pouquinho de umidade que nós nunca descobriríamos.

Neste momento a voz de Vance soou nos fones:

- Já basta, rapazes. Já está na hora de voltarem.
- Mais dez minutos – rogou Solilsky. - Há mais uma coisa que quero ver, capitão!
- Cinco minutos então, mas não mais que isto – concedeu Vance. - Mais tarde poderá procurar todas as plantas que queira.
- Sokolsky meditou por um momento.
- Dez minutos e eu lhe mostrarei uma cidade marciana – disse então.
- Se usar dez minutos terá que mostrar-me uma – respondeu Vance irritado.
- Obrigado, capitão – riu o doutor.
- Ele falou sério – murmurou Lew. - Será melhor que voltemos.

O homenzinho de cabelo vermelho sacudi a cabeça dentro do capacete e voltou a rir entre dentes.

- Eu já sei, e se vocês apontarem as luzes para lá verão a cidade. Têm dez minutos para visitá-la... e eu tenho que descobrir se estas plantas seguem os mesmos princípios que as da Terra.

Chuck achou que o doutor estava brincando e já estava disposto a voltar para a nave, mas neste momento a luz do seu capacete desviou-se para o horizonte e seus olhos se arregalaram.

Com efeito aquilo parecia uma cidade, não do tipo muito adiantado, e sim como outras, cujas ruínas ele havia visto na Europa. Havia sido construída com pedras que estavam quase desfeitas e das quais só restavam fragmentos.

Dirigiu-se para lá, de imediato, com Lew ao seu lado. Com certeza as supostas ruínas não eram outra coisa senão pedras naturais que tinham sofrido a erosão dos ventos, mas mesmo assim não pôde deixar de visitá-las.

Chegaram ao local ao cabo de uns poucos minutos, comprovando então que realmente se tratava de uma cidade de pedra, com suas correspondente ruas e paredes baixas que ainda conservavam a forma das casas a que pertenceram. Ainda viam-se as aberturas das portas e do outro lado de uma delas eles descobriram um banco de pedra junto a pedaço de parede na qual estava incrustada uma estrela de sete pontas de cor diferente do muro. Chuck podia imaginar certos seres humanos sentados no banco e olhando para a estrela. Mas aquilo tudo devia ter acontecido a muito tempo atrás. Naquele planeta, onde não havia chuva, com certeza teria sido necessário um milhão de anos para desgastar as pedras até convertê-las nos restos que se viam agora.

- Terminaram os cinco minutos – disse a voz de Vance.
- Capitão, aqui existe uma cidade! - respondeu Chuck. Então abaixou-se para recolher um pedaço de alguma coisa que parecia ser porcelana, com um diminuto desenho que o rodeava formando um círculo perfeito na sua borda.
- Existem ruínas – acrescentou.
- Não me interessa nem que tenham encontrado marcianos fumando o cachimbo da paz. Já se passaram os cinco minutos, e se não voltarem mandarei Dick buscá-los.

Chuck já ia jogar o fragmento no chão quando Lew o conteve.

- Acalma-te Chuck. Eles nos querem de volta, e o que pensamos é menos importante que a ordem que nos deram. Vamos buscar o doutor.

Não deu trabalho achá-lo. Sokolsky já se encaminhava de volta para a nave, sorrindo muito satisfeito. Balançou a cabeça ao vê-los e mostrou-lhes três plantinhas em

forma de repolho.

- Já decifrei o enigma – informou-os. - Existem *três* sexos entre as plantas. Um deles produz um tipo de pólen e o outro um tipo diferente, enquanto que o terceiro parece ser o que germina. Não importa se não pudermos regressar, a única coisa que me interessa é que vocês consertem o radar para poder informar isto à Terra.

Depois deu um suspiro, ao mesmo tempo em que mostrava uma carranca.

- Claro, eu espero que aqui não haja males que afetem o homem. Terei que examinar bem as feridas que tivemos ao aterrizar.

- Encontramos as ruínas de uma cidade – informou-lhe Chuck, muito intrigado, ao notar a mudança operada no médico. - Vimos casas verdadeiras, embora fossem tão antigas quanto estas colinas.

Sokolsky balançou a cabeça afirmativamente.

- Isto eu já tinha percebido. Mas eu tive sorte com as plantas e por isso deixei a cidade para vocês. Aqui há o suficiente para todos, e... sabem, rapazes, há mais de dois anos que eu não me entusiasmava tanto com algo assim.

Quando chegaram à câmara de compressão, viram Steele que já estava colocando o capacete. As expressões do engenheiro denotavam estranheza e preocupação. Não fez comentário algum, mas apontou para a passagem com um gesto e precedeu-os no caminho para o refeitório.

Ali achavam-se reunidos os outros, com Vance à cabeceira da mesa. O capitão levantou a vista ao mesmo tempo em que baixava a mão na direção dos joelhos para levantá-la logo a seguir, armada de uma automática calibre 45.

Fingindo não ver a arma, Chuck colocou o fragmento sobre a mesa.

- É verdade que encontramos ruínas, senhor. Encontramos isto entre elas.

Houve um movimento geral e todos adiantaram-se para ver, mas a mão livre de Vance pegou no fragmento e o pôs de lado.

- Muito bem disse o capitão com voz taxativa. - Encontraram ruínas. Desta vez passaremos por cima da sua desobediência, mas de agora em diante não haverá exceção no que se refere aos regulamentos e às ordens que forem dadas. Proclamo a lei marcial, a qual farei respeitar, utilizando a pena de morte caso seja necessário.

Encostou-se na cadeira, sem soltar a pistola, enquanto os outros o olhavam atordoados.

## Cap. 10

# NÁUFRAGOS DO ESPAÇO

O olhos de Chuck fixaram-se nos outros buscando alguma explicação para a cena. Os rostos de todos mostravam-se inexpressivos, e as mãos feridas e sujas permaneceram imóveis sobre a mesa. Todos esperavam que Vance continuasse e depois risse da sua brincadeira.

Mas o capitão não riu. Ficou esperando até estar certo de que seria ele quem continuaria falando. Então estendeu a mão lentamente para o fragmento.

- Talvez isto seja importante – murmurou. - Não sei. Pode ser que as plantas de três sexos de Sokolsky sejam mais importantes que nós, e pode ser que estejamos mortos e que isto aqui seja um inferno criado por nossa imaginação. Não vou dizer que eu saiba.

«Mas enquanto vocês estavam descobrindo estas coisas, eu ouvi tudo. Por isto a lei marcial é necessária.

Jogou a pistola no centro da mesa.

- Não acho que eu seja um líder. Se houver outro melhor que eu, escolham-no, ou escolham a mim se julgarem necessário. Mas o que se encarregar do comando terá que usar a pistola como símbolo de que sua palavra é lei. Não podemos perder tempo com discussões derivadas de uma autoridade dividida. Não podemos permitir que os homens fiquem fora por dez minutos, seja qual for a razão, quando eu ordenara que voltassem em cinco. Aqui está a pistola; que todos que estejam dispostos a aceitar a responsabilidade ponham sua mão sobre ela. Então votaremos pelo que queiramos escolher.

Esperou por algum tempo mas ninguém estendeu a mão. Por fim estendeu a sua para colocá-la novamente sobre a automática.

Não houve nenhum que se opusesse e Vance suspirou ao empunhá-la novamente.

- Muito bem, amanhã iremos ver essas ruínas. Precisamos de um dia de descanso, embora nos sintamos culpados por faltar ao que consideramos que é o nosso dever. E de agora em diante, ninguém sairá da nave sem permissão. Retirarão os rádios dos trajes quando estiverem aqui dentro, e me chamarão antes de fazer alguma coisa por sua conta, a menos que seja o trabalho que lhe foi designado.

«A verdade é que a situação está pior do que pensávamos. Já sabem que uma viga foi quebrada, que há uma costura aberta no casco e que alguns víveres se estragaram. Alguns de vocês se dão conta de que temos entre as mãos a tarefa quase impossível de voltar a colocar a nave sobre as aletas da cauda. Quase ninguém perguntou como é que vamos endireitar a armação torcida antes de soltá-la, mas é evidente que teremos que fazer isto tirando a areia de baixo de algumas partes e levantando outras que teremos que cortar e soldar novamente.

«Eu estive calculando o tempo. Quatro de nós teremos que cumprir pelo menos cem dias de trabalho. Uma parte deste trabalho não pode ser feita por outros além

desses quatro, de modo que os restantes estarão ocupados talvez na metade desse tempo. Rothman, Steele, Chuck e eu sabemos manejar os soldados, de modo que estaremos constantemente atarefados. Calculamos que seria necessário cem dias de trabalho com vinte horas de jornada diária... mas temos que terminar isto em menos de noventa dias.

«De outra forma, ficaremos aqui como náufragos do espaço... e não poderemos sobreviver até que se apresente outra oportunidade de regressar à Terra. Isso é tudo.

Esperou que alguém contestasse, enquanto Chuck olhava para os outros e assentia lentamente. Os demais concordaram com silenciosos movimentos de cabeça.

O capitão então sorriu, ao mesmo tempo em que retirava o carregador vazio da pistola e o jogou sobre a mesa.

- Bem. Se aceitaram a ideia, é evidente que não foi necessária a ameaça que usei para convencê-los da seriedade da situação. Vão dormir e amanhã visitaremos as ruínas.

Levantou-se lentamente, deu três passos para a frente e desabou completamente no chão. Sokolsky correu imediatamente para atendê-lo.

- É a tensão, a fadiga e a perda de sangue – informou o doutor daí a pouco. - Não lhes disse que ele cortou uma artéria do braço quando aterrizamos. Com um pouco de repouso estará como novo.

Chuck seguiu Steele até o dormitório. Ia pensando no fato de que Vance tivesse pintado com cores tão vivas o desagradável que seria o comando de um somente. Com certeza havia feito deliberadamente, a fim de que protestassem os que assim o desejassem. Como ninguém o tinha feito, o capitão agora estava certo de que o obedeceriam.

- Fale sinceramente, Dick – pediu, - que chances nós temos?

O negro deixou-se cair em seu beliche e fechou os olhos. Sua voz soou tão fatigada quanto a de Vance.

- Uma em um milhão, Chuck. Provavelmente menos. É melhor que enfrentemos a realidade e admitamos a situação... Mas não temos porque nos rendermos sem lutar. Agora durma.

Chuck quase ouviu estas últimas palavras, pois já estava adormecendo. Nem mesmo toda uma cidade marciana cheia de vida o faria levantar do seu beliche nesta hora.

O desjejum foi uma refeição improvisada. Ginger obedecia à ordem de não trabalhar neste dia sem saber se fazia bem ou mal, embora decidido a seguir as instruções do capitão. Todos só despertaram quando não conseguiram mais dormir, e foram ao refeitório, onde acharam um cartãozinho escrito por Ginger: "Sirvam-se do que quiserem". Chuck foi um dos primeiros a chegar. Em pouco tempo achou uma lata que continha um concentrado de vitaminas, proteínas e minerais e despejou uma parte em uma substância mole e pôs em uma tigela, calculando que aquilo era uma comida equilibrada. A verdade é que a combinação tinha um gosto bom e vários dos outros imitaram seu exemplo, embora alguns tivessem preparado simplesmente uma salada com verduras das hortas.

Então Vance se apresentou, ainda fraco, mas quase refeito. Sorriu para todos e disse:

- Lamento pelo drama de ontem, rapazes. Devo ter ficado um pouco louco. Mas continuou insistindo no que falei. O que temos para comer?

Aceitou o conselho de Chuck e comeu o preparado do rapaz, acompanhando-o

com uma xícara de café.

- Que pensam em fazer? Quem irá a essa cidade que você encontrou?

Ao que parece todos queriam ir. O capitão ordenou a Chuck que os guiasse e eles saíram da nave no meio da manhã.

Nos arredores via-se a mesma areia estéril de antes, e o pequeno afundamento em que assentara a *Eros* os isolava do resto do planeta. No alto via-se o céu de um tom púrpura acentuado e viam-se nele nuvens muito tênues.

- Podemos respirar este ar – comentou Steele. - Quer dizer, desde que seja comprimido e umidificado suficientemente. Assim como está, é tão seco que nos desidrataria em poucas horas. Temos oxigênio e nitrogênio e mais ou menos os mesmos gases que na Terra, embora em quantidade insuficiente.

Virou-se para mostrar a parte traseira do seu traje. Em lugar dos costumeiros tanques de oxigênio, havia um jogo de baterias e uma bomba automática.

- Na nave há um equipamento para cada traje, Eu mesmo os conectarei.

A inovação era muito vantajosa. As baterias pesavam muito menos e durariam muito mais que os tanques de ar. Além disto eles não consumiriam sua provisão de oxigênio.

Pouco depois chegaram ao alto da duna e Chuck prendeu a respiração diante do espetáculo que se apresentava à sua vista. As plantas haviam se abrido para recebera luz do sol e cobriam o terreno quase que completamente. Não havia flores visíveis, embora Sokolsky insistisse em que havia algo similar na extremidade de cada folha. Não obstante, o brilho lustroso das folhas verdes possuía uma beleza especial.

Sokolsky percorreu o lugar examinando as folhas, que se enrolavam imediatamente ao contato da sua mão. Regressou daí a pouco balançando a cabeça.

- Não encontrei insetos. Esperava que houvesse.

- Seriam comestíveis estas plantas? - perguntou Vance.

O doutor negou com a cabeça.

- É pouco provável. Não tive muito tempo para verificar, mas as provas que fiz indicam a presença de venenos a que não estamos acostumados. Seja como for, as folhas são secas demais embora pareçam suculentas.

Rothman apontou para o norte.

- Para lá eu vi um canal, a uns quarenta quilômetros daqui, mas existe muito terreno deserto daqui até lá. Onde está a cidade, Chuck?

À luz do dia, e com este sol fraco e distante que só elevava a temperatura até uns dez graus ao meio-dia, a cidade era menos imponente que durante a noite. A partir de uns trinta metros de distância ela não parecia outra coisa mais que um monte de pedras.

Chuck conduziu o grupo até lá. Havia talvez umas trezentas edificações, todas de primeiro andar, a maioria com somente um quarto. Uma delas, de teto inclinado, estava quase intacta.

Os térreos foram os que mais interessaram aos expedicionários. Muitos deles tinham inscrições em quadradinhos semelhantes a mosaicos. Em outros viram desenhos geométricos, e em um deles havia desenhos de animais estranhos que pareciam búfalos com cabeças de gato. Mais foi no meio da cidade, onde estava a casa com o teto intacto, que encontraram o tesouro mais importante.

No centro via-se algo desenhado que se assemelhava a uma árvore. Limparam parte da sujeira e escombros que o cobriam para examiná-lo melhor e Sokolsky deu um grito.

- Humanoides!

Com efeito era assim. Desenhados ao redor da árvore, via-se uma dúzia de criatu-

ras de forma vagamente humana. Mantinham-se erguidas, possuíam uma cabeça redonda, dois braços e duas pernas. Sokolsky enfatizou que as articulações do cotovelo e do joelho eram similares às dos homens, um extraordinário caso de evolução paralela.

- Provavelmente eles não tinham este aspecto. O que vemos aqui são silhuetas pintadas de forma mais ou menos tosca. Mas ainda assim são mais semelhantes a nós do que teríamos esperado. Ei, que é isso? Uma lança?

Eles estudaram o objeto enquanto Ginger tirava uma infinidade de fotos. Nenhum deles chegou a uma conclusão. Lew pegou um canivete da bolsa de ferramentas e já ia extrair um dos mosaicos, mas Vance o conteve de imediato.

- Deixe-o aí. Se alguém há de destruir tudo que aqui se vê para que as futuras gerações não tenham nenhuma prova de tudo isto, não seremos nós que iremos começar. Podemos levar as fotos, se é que regressaremos, mas não tocaremos em nada.

Não havia ídolos ou alguma outra evidência de religião, a menos que a árvore fosse um objeto que os marcianos teriam adorado. Poderia ser assim, mas Lew opinou que provavelmente tratava-se de outro desenho que demonstrava uma certa relação entre as pessoas ou entre as tribos.

Tampouco encontraram alguma coisa que lhes esclarecesse o que havia acontecido com os marcianos, que podiam ter desaparecido ou se deslocado para outros lugares. Steele, que não aceitou esta última opinião, indicou o desgaste das pedras.

- Esta cidade deve ter sido construída a pelo menos dez milhões de anos. Estas pedras são muito duras e o desgaste só foi feito pelo vento e pela areia. Acho que devem estar extintos. Talvez aquela baixa era o depósito que retinha os últimos restos de água, e, quando esta se esgotou, eles não puderam adaptar-se.

Caía a noite enquanto voltavam. Agora sabiam tanto quanto antes, salvo que a raça original poderia ter sido vagamente humana. Mas Vance estava certo quanto à sua decisão: o dia do descanso deixou todos muito animados e melhor preparados para o trabalho que tinham em perspectiva.

Ginger condescendeu em dizer-lhes que havia várias latas de bife em conserva escondidas, e eles fizeram uma espécie de piquenique cozinhando-os sobre pranchas elétricas. Os tomates e a alface da horta não haviam sofrido maiores danos, e Vance ocupou-se em preparar a salada.

Somente Rothman parecia não ter ficado animado com o dia de descanso. Sempre preocupado, afastou-se na direção da cabine de comando. Ao vê-lo dirigir-se para lá, Chuck o seguiu de imediato. Fazia tempo que pensava em sua família, e o equipamento de radar podia ser consertado mais facilmente que o restante das máquinas danificadas. De qualquer forma era um trabalho verdadeiro, já que a eletrônica sempre havia sido seu hobby.

Encontrou Rothman examinando o equipamento transmissor. O piloto levantou a vista ao ouvi-lo chegar e Chuck franziu as sobrancelhas ao ver o ele estava fazendo.

- Você não trouxe instrumentos de teste? - perguntou.

O outro encolheu os ombros.

- Eu paguei meus oito anos de universidade desenhando esses aparelhos para as fábricas de instrumentos eletrônicos. A pessoa adquire um sexto sentido sobre o que está acontecendo com eles, embora não seja capaz de fazê-los funcionar devidamente. Está faltando uma válvula de vidro.

Chuck se perguntou que outros conhecimentos possuiria o piloto, mas não fez mais que assentir.

- Bem, veremos se há uma reposição para substituí-la e que não tenha sido danificada.

Localizou a reposição e viu que a bem embalada caixa que continha a válvula não parecia ter sofrido danos. Era lógico que a tivessem empacotado tão bem, já que seu valor superava os quatro mil dólares. Se fosse um diamante do mesmo tamanho não seria mais precioso. Entretanto, em seu próprio equipamento usava uma que podia ser adquirida na Terra por apenas dois dólares. A diferença principal estava em que sua válvula media mais de dez centímetros de altura, enquanto que a do equipamento da nave ocupava menos de dois centímetros de espaço. A economia de peso era o que a fazia custar tanto.

Inseriu-a com a ferramenta apropriada e ligou o aparelho. Imediatamente a luz acendeu-se e ouviu-se um zumbido característico.

- Eros chamando – anunciou meia dúzia de vezes, antes de baixar a alavanca para a recepção de mensagens. A mensagem demoraria vários minutos para chegar na Terra e outros tantos para que a resposta os alcançasse, embora fossem emitidas a trezentos mil quilômetros por segundo, velocidade com que se movimentavam as ondas de luz e de radio.

- Queres mandar alguma mensagem?

O piloto assentiu.

- Diga que estou bem... Minha esposa...

Viu a surpresa refletida nos olhos de Chuck e confirmou novamente.

- Eu me casei três dias antes de partir. Não menti à Comissão ao afirmar que era solteiro. Foi ela quem insistiu, e suponho que agora não importa que todos saibam.

Vance chegou à cabine no momento em que recebiam a resposta da Terra, que os havia dado como mortos. Chuck deu um informe breve e tranquilizou o operador antes de pedir uma ligação imediata com a Comissão Espacial. Depois passou o transmissor para Vance, que forneceu os dados e cifras necessários. Estavam com sorte, já que havia muito pouca estática.

Os outros se entretinham fazendo uma coisa ou outra. Após ter passado o efeito da fadiga e o choque, não se poderia esperar que se abstivessem completamente de trabalhar quando viam por toda parte coisas que deviam ser feitas de imediato. Mas tiveram cuidado em não se fatigarem e Vance pareceu aceitar aquela fórmula intermediária entre o descanso e o trabalho.

O capitão desceu mais tarde e uniu-se a eles no refeitório, que era o recinto preferido de todos. Havia sido armadas duas ou três cadeiras desmontáveis de plástico e a mesa ficava em seu nicho na parede. Não foi possível transformar em um ambiente familiar as dependências utilitárias da nave, já que haviam sido projetadas de forma que qualquer das suas seis paredes pudessem servir de piso. Mas aquela sala era melhor que as reduzidas cabines onde estavam instalados os beliches.

- Estão calculando a margem de combustível restante – anunciou Vance. - Nós levaríamos dias para chegar a um resultado aproximado, mas eles nos avisarão esta noite mesmo.

Deixou-se cair em um banco, fazendo uma careta de cansaço, embora estivesse muito melhor que no dia anterior. Sokolsky esteve a ponto de aproximar-se, mas mudou de ideia. Com certeza Vance se preocuparia mais quando estivesse na cama que levantado.

Chuck por sua parte decidiu não participar da melancolia geral e foi para o seu beliche deitar-se para meditar ou dormir. Subitamente soou na cabine um som agudo e penetrante que parecia estar chegando de fora da nave. O rapaz sentiu que seus pelos da nuca se eriçavam e saltou para a parede para colocar a orelha contra ela, enquanto que os outros iam chegando e seguiam seu exemplo.

Durante uns minutos não houve nada, mas logo voltou a repetir-se o som que foi



se elevando até adquirir uma acuidade extraordinária para logo em seguida parar completamente.

Todos se olhavam com expressão alvoroçada.

- Veio lá de fora – disse Chuck.

Os outros concordaram, enquanto que Sokolsky ria nervosamente.

- É o vento. Deve existir alguma pedra oca pela qual está passando. Não existem pulmões potentes o bastante para produzir um som assim nesta atmosfera.

- Não há vento – disse-lhe Vance. - De lá da cabine eu vi a areia completamente imóvel.

- Pois então deve estar soprando lá fora, embora não sople aqui. Deve ser o vento.

Ninguém podia discutir tal afirmação, embora Chuck se perguntasse que força precisaria ter o vento para produzir aquele som.

Vance levantou-se e regressou à cabine de comando, enquanto que Chuck o seguiu após um instante de hesitação. O rapaz chegou a tempo de ouvir o receptor do radar que começava a funcionar. Houve um longo preâmbulo sobre a dificuldade de obter os resultados exatos e enfim ouviu-se a informação que interessava.

- Vocês têm combustível suficiente para chegar à Terra se partirem dentro de setenta dias. De outro modo, terão que usar combustível demais para alcançar-nos e não poderão aterrizarem.

Vance desligou o aparelho e apagou as luzes, e ficou olhando para o deserto, enquanto Chuck girava sobre os calcanhares e voltava silenciosamente para o dormitório.

Setenta dias para completar um trabalho que não poderia ser concluído em cem! E se não pudessem fazê-lo, teriam que esperar meses e meses até que as provisões se esgotassem para finalmente morrerem de inanição.

Então ergueu-se da beliche, murmurando baixo alguma coisa. Com seis bocas para alimentar, poderiam completar a longa espera se fosse necessário. Mas sua presença ali e o fato de que tivessem sido perdidos alguns víveres trabalharia contra todos. Então recordou o sermão de Vance quando o descobriram escondido na nave. Ele não tinha o direito de estar em Marte. Os outros tinham sido enviados, mas ele roubou seu posto e não merecia o alimento e a água que consumiria.

Finalmente dormiu, embora não tenha sido um sono tranquilo. Em seus pesadelos via seis tumbas que se destacavam no deserto marciano. Deveria haver sete, mas alguém havia construído um patíbulo do qual pendia sua imagem feita com palha. Sobre a imagem havia sido escrito uma acusação com os detalhes do crime que cometera contra seus companheiros.

Enquanto olhava para ela, o homem de palha ganhou vida e começou a correr em sua perseguição lançando alaridos tão agudos que seus ouvidos não podiam suportar.

## Cap. 11

# OLHOS NA NOITE

Eram exatamente seis horas quando Chuck foi despertado pela chamada do gongo. Aborrecido pelo som do gongo, o rapaz voltou-se para o outro lado, mas o gongo continuou soando e já lhe era impossível continuar dormindo. De muita má vontade desceu do beliche, vendo que os outros faziam o mesmo.

Quando o gongo cessou de soar, ouviu-se a voz potente de Vance que ordenava:

- Para cima, todos! Vamos trabalhar!

Ginger estendeu as mãos para suas roupas, murmurando maldições e procurando as calças que tinham se perdido.

- Isto é um abuso. Ninguém me disse que teríamos que nos levantar tão cedo em Marte.

- E ficará pior, Ginger – assegurou-lhe o capitão. - De agora em diante você se levantará uma hora mais cedo para preparar o desjejum dos outros. Desta vez fui eu quem preparei.

Foram todos para o refeitório e engoliram um abundante desjejum constituído por omeletes de ovos desidratados, toucinho frito e torrada. Pelo menos Vance não pensava em matá-los de fome, comentou Steele.

O capitão sorriu ao ouvir a observação.

- Isto será mais tarde, se é que não terminaremos a tempo. Agora espero que trabalhem até ficarem esgotados e continuem um pouco mais. O alimento é necessário para sustentá-los. Dispomos de menos de setenta dias para empreender o regresso para Luna City... Meus cálculos estavam errados.

- Impossível – objetou Sokolsky. - Os homens não são máquinas e não podemos fazê-los trabalhar vinte e quatro horas por dia.

- Dezoito – retificou Vance. - E eu não esperaria que as máquinas trabalhassem como vocês vão fazê-lo. Deixaremos de lado o que não seja imprescindível, o que possa ser arranjado depois que estivermos viajando, ficará para essa oportunidade. Temos que endireitar a *Eros* e repará-la. Doutor, você, Lew e Ginger formarão uma equipe de escavação. Tenho aqui um desenho de onde quero que cavem. Usem o metal que precisarem, mas vão com cuidado. O resto de nós se ocupará em cortar os lugares que marquei com giz. Dick, você me ajudará durante meia hora para conferir meus cálculos. Você tem mais experiência que eu nessas coisas.

Ao fim de meia hora indicou a cada um o seu posto e voltou para pegar ele mesmo um dos soldados. Os equipamentos de oxigênio eram as ferramentas mais pesadas que tinham a bordo e havia quatro deles. A Comissão Espacial havia insistido em que seriam necessários pelo menos quatro homens para reparar alguma rachadura provocada por meteoros no espaço, e essa precaução agora lhes era muito proveitosa.

Ao meio-dia, quando o gongo voltou a soar, Ginger saiu com o almoço para todos. Vance deu o exemplo, comendo o seu com uma mão enquanto continuava cortando

vigas com a outra. Houve uma pausa durante a tarde, quando também comeram um bocado, e logo voltaram a trabalhar até as dez da noite.

- Para a cama – ordenou o capitão, passando uma mão no rosto ao mesmo tempo que sorria. - Hoje fizemos mais que o esperado... mas amanhã teremos que fazer ainda mais.

Após três dias de intenso labor, finalizaram a tarefa de cortar, e Vance mandou toda a tripulação cavar o solo, deixando de lado apenas Rothman e Steele, que estavam improvisando guinchos pra levantar a parte da nave que havia se inclinado.

Após várias horas, Chuck sentia que seus braços estavam inchados e constantemente se dizia que o ser humano tem um limite para os esforços que possa resistir. Pensando nisto, voltou o olhar para Vance que parecia decidido a render mais que todos os outros, e então deu-se conta de que o capitão estava certo. As máquinas não poderiam fazer o que eles eram capazes de fazer.

Inclinou-se para a frente, esforçando-se para render ainda mais. Ao seu lado, Lew trabalhava com tanto afã quanto ele.

Naquela noite eles terminaram com a areia, embora tivessem de ficar cavando até as duas da manhã. Vance enfatizou que bastaria uma tormenta para tornar sem efeito a metade do trabalho se eles não o completassem, razão pela qual eles prosseguiram até terminá-lo. Todos resmungavam baixo e alguns protestaram em voz alta, mas nenhum deixou de fazer a sua parte.

Por fim Chuck ergueu-se e encaminhou-se para a entrada da nave. Viu então que Vance conferenciava com Rothman e Steele, e que estavam fazendo funcionar os grandes guinchos que elevariam a parte do meio. O capitão estendeu a mão para uma das alavancas, mas Chuck adiantou-se a ele. Vance já estava cambaleando e não protestou por sua intervenção.

- Tem razão, garoto. Sou um idiota. Se eu ficar debilitado não servirei para nada. Mas cinco centímetros, Dick, depois vou para a cama.

Dick ficou olhando-o, enquanto sacudia a cabeça. Os três homens trocaram um olhar e continuaram movendo as alavancas. A nave foi erguendo-se centímetro a centímetro, ficando por fim de pé. A *Eros* estava em muito más condições, mas agora descansava bem nivelada sobre os suportes e a areia, pronto para ser consertado.

Chuck tinha esperado que aquele trabalho levasse mais de uma semana, entretanto eles o terminaram em quatro dias. Não obstante, sabia que não lhes seria possível continuar assim. E mesmo se conseguissem, jamais terminariam os reparos no tempo devido.

Dando um profundo suspiro, deixou-se cair na areia e adormeceu. Meio adormecido, sentiu quanto Dick o levantou nos braços e foi levá-lo para seu beliche, mas não teve energias para protestar.

Vance levantou-se na hora de costume na manhã seguinte.

- Hoje teremos um trabalho mais fácil, pois estamos todos muito cansados. Faremos um único turno de dez horas e nos dedicaremos a soldar as vigas. Os três que não farão este trabalho irão examinar os víveres e se dedicarão a separar o que está bom do que está em más condições. O que não servir mais podem jogar fora, pois não precisamos de mais peso.

Sorriu-lhes então, como se desafiando-os a acusarem-no de não ser bondoso com eles. Mas ninguém disse nada, embora muitos abrigassem opiniões pouco lisonjeiras para com o capitão.

Levaram uma semana para por a *Eros* em boas condições no que diz respeito à armação e ao casco. Mas se descobriram então uma série de rachaduras e vigas soltas

que necessitariam de pelo menos cinco dias de continuas soldagens que não tinham sido levadas em contas ao serem feitos os primeiros cálculos. Os orifícios foram tapados temporariamente com o que restava da tela das barracas, as quais foram cobertas com uma camada de pintura, mas isto não duraria muito.

Vance não deu sinais de que o detalhe houvesse alterado seus planos. Quando sentaram-se para comer, aproximou-se de cada um dos seus homens, apontando defeitos no trabalho e sugerindo a melhor maneira de corrigi-los. Mesmo o seu trabalho, ele criticou tão sinceramente como aos dos outros, demonstrando assim ser perfeitamente justo.

Depois expressou:

- O descanso é tão importante como o trabalho. Eu aprendi isto há muito tempo. Chuck, você e Sokolsky estarão livre amanhã. Eu sugeriria que explorassem um pouco, já que assim descansarão mais que ficando aqui ociosos. Apresentem-se na manhã seguinte. Mesmo para os que acham que não renderam o suficiente, eu darei uma folga da mesma forma... mas ficarão no fim da lista.

Pela primeira vez ouviu-se um murmúrio de aprovação e todos sorriram quando o capitão levantou-se. Este voltou-se antes de sair.

- Obrigado pelo sorriso. Eu também precisava de uma folga depois de tantos protestos. Vão dormir.

Todos sorriram quando Vance saiu, e Steele comentou logo a seguir:

- Me parece que na próxima semana teremos que trabalhar mais. Mas não me desagrada isto de tirar um descanso de vez em quando.

Levantaram-se então e foram deitar-se. Já não havia retardatários quando chegava a hora de dormir. Só ficou Sokolsky no refeitório, fazendo sinais para que Chuck não saísse

- Você consegue caminhar? - Perguntou. - Agora?

Chuck assentiu com expressão intrigada. O doutor ruivo parecia muito entusiasmado.

- Eu não posso, mas apesar de tudo penso em fazer. Vance já havia me avisado com antecipação e tenho tudo preparado: baterias de reposição, trajes, víveres colocados nos capacetes, de forma que os tenhamos ao alcance da boca, e água. Quero averiguar o que são esses canais de que tanto se fala. Você pode vir comigo ou ficar aqui, mas eu parto agora mesmo.

Chuck pensou em uma maldição, dispondo-se a se negar, mas então vacilou. Se regressassem para a Terra sem haver achado a solução do enigma, jamais deixariam de zombar deles. Esta era uma das razões principais da expedição. Então riu entre os dentes; a verdade é que ele era mais o interessado no mistério e o que pensassem na Terra não lhe interessava em absoluto.

- Vamos – concluiu.

Vance estava saindo da cabine de comando quando eles terminavam de se vestir. Ao se despedir, entregou sua pistola automática ao doutor.

- Desta vez está carregada. Além disto, poderiam levar esta bússola. Ela está orientada mais ou menos para o norte.

Depois disto Vance foi deitar-se e os aventureiros encaminharam-se pela passagem para a saída.

Era uma noite tipicamente marciana: o ar tênue e frio fazia as estrelas brilharem debilmente, muito baixas no horizonte. No alto, no céu, via-se Fobos, o satélite mais próximo, quase invisível devido ao seu diâmetro de somente quinze quilômetros. Nenhum dos expedicionários ainda havia visto Deimos, o outro satélite.

Sokolsky encaminhou-se para o norte, rodeando as ruínas da cidade. Marchava a

passo rápido e Chuck viu-se obrigado a esforçar-se para acompanhá-lo.

- Uma tragédia – comentou, apontando para as ruínas. - Tenho vindo aqui algumas noites para estudar tudo isto. Em outros tempos houve uma civilização mais ou menos rústica no planeta, mas que não contavam com o fogo ou com os metais. Notou isto?

- Não. Como você sabe?

- Porque não encontrei um só pedacinho de metal. Claro que sem fogo não poderiam ter metal... Talvez um pouco de cobre, se tivessem sorte, mas nada mais, e aqui em Marte seria difícil encontrar cobre. Procurei em todos os lugares onde pudessem ter acendido fogos. Você sabe que as pedras se racham como o calor. Não há lareiras nem chaminés, e nos pisos não se vêem sinais de rachaduras produzidas pelo fogo. Analisei até esse pedaço de vaso que se parece com porcelana. É uma boa argila, mas a cozinham no sol. Devem ter tido algum meio de concentrar os raios de sol. Mas o importante é que não foi queimado por chamas, e este brilho é uma espécie de laca que aplicaram por cima. Não tinham ar suficiente para manter o fogo aceso, nem mesmo na época em que construíram esta cidade. Sabe porque eles caíram?

Chuck negou com a cabeça e o doutor continuou explicando.

Eles não tinham força motriz. Os ventos daqui não têm potência, e além disto eles não dispunham de correntes d'água bastante forte. Não há carvão; nunca houve umidade suficiente para que tivesse ocorrido uma idade carbonífera. Não existem plantas bastantes grandes para obter-se lenha, mesmo que tivessem disposto de oxigênio suficiente para fazer fogo com elas. Não contaram com nada mais que seus músculos, e as civilizações necessitam de força motriz. Cada passo adiante requer mais e mais força. Assim que descobriram coisas agradáveis e quiseram obtê-las, se deram conta de que era impossível. Podiam consegui-las unicamente sacrificando o que tinham de poupar para o futuro, e no futuro morreram de fome. Uma tragédia.

A explicação parecia tão razoável como qualquer outra que pudesse ter ocorrido a Chuck para justificar o desaparecimento... se é que realmente os marcianos haviam desaparecido. Mas não havia forma de averiguá-lo. Não haviam encontrado rastros de escrita, e se a raça teve uma literatura com certeza as provas se perderam com o passar dos séculos.

Pensou em algum dos marcianos encontrando a nave espacial e se maravilhando ao pensar na raça que a havia construído para desaparecer depois. Talvez tentasse explicar o estranho fenômeno com alguma ideia igualmente fantástica como a de Sokolsky.

Novamente lhe ocorreu a ideia de que se tal coisa chegasse a acontecer, seria porque ele havia viajado como passageiro clandestino, privando os outros seis de uma parte de suas chances de salvação. Ninguém tinha mencionado nem parecia pensar naquilo, mas ele não podia evitar de lembrar disto constantemente. Não tinha o direito de empregar o combustível que gastava ao comprimir e umedecer o ar que respirava, nem tampouco a consumir o alimento que comia. A verdade era que não devia estar no planeta Marte.

A cidade havia ficado para trás e a areia macia do deserto dificultava-lhes o avanço. Sokolsky apontou para a frente murmurando alguma coisa entre os dentes. Ao que parece ele tinha uma teoria a respeito da distribuição das plantas que resultou ser bem sucedida. Acharam uma zona onde as raízes davam uma certa firmeza ao terreno e para ela se encaminharam. Não avançavam a mais que oito quilômetros por hora, o que era pouco para Marte, mas Sokolsky parecia satisfeito.

- Andaremos até cobrir a metade do trajeto e então nos deitaremos para dormir.

Alguma vez você já dormiu dentro do traje atmosférico? Não? Pois eu lhe asseguro que não é muito desagradável. Eu o fiz uma noite na Lua somente para ver se podia, e pensando que alguma vez me seria útil saber. Não recomendo, mas assim poderemos dormir em qualquer parte.

Continuaram andando enquanto o doutor ria, muito contente por aquela oportunidade de sair e explorar.

Bem ao longe ouviu-se um débil grito agudo. Chuck havia sentido isto duas vezes mais desde aquela primeira noite, mas mesmo assim não conseguiu conter um estremecimento.

- Ainda continua pensando que é o vento? - perguntou.

Sokolsky assentiu vigorosamente.

- Que outra coisa poderia ser? Mas não é nenhuma rocha natural. Deve ser na cidade, pois ali eu ouvi mais de perto, embora não tenha podido localizar. Esta antiga raça deve ter construído uma espécie de trompa que funciona com muito pouco vento e eu a encontrarei. Tem que ser isto.

Chuck desejava estar tão seguro como o médico. Aqueles gritos tão estranhos recordavam-lhe todos os contos de fantasmas que Ginger costumava contar-lhe.

Novamente seu companheiro o guiou por outro trecho arenoso e achou outra zona coberta pela vegetação que lhes facilitava o avanço. Pelo progresso que fizeram, poderiam dormir ao cabo de meia hora. Chuck começou a lamentar-se por haver saído com aquele homenzinho tão entusiasta e enérgico.

De repente sentiu que alguma coisa tocava em suas pernas. Deu um salto ao mesmo tempo em que dava um grito, e começou a examinar o terreno e viu que se tratava simplesmente de uma longa raiz rasteira que se estendia uns trinta metros sobre o solo. Enquanto a observava, notou que ela se movia de forma brusca.

O rapaz dirigiu sua luz para a outra extremidade e por um instante teve a impressão de ver algo que se afastava rapidamente. Voltou a cabeça para seguir seja o que fosse, mas o objeto do seu interesse já havia desaparecido. A raiz estava imóvel agora, enquanto suas folhas fechadas se esforçavam para sepultarem-se na areia de onde a tinham tirado.

- Viu alguma coisa? - perguntou a Sokolsky.

O doutor negou com expressão natural e Chuck ficou muito intrigado. Mas estava cansado e nervoso, e aquele grito distante o havia afetado novamente. Desta vez teve que admitir que se tratava de uma ilusão de ótica e que provavelmente foram seus próprios pés que moveram a raiz. Contudo, acreditava que estava completamente imóvel e olhando para o outro lado quando sentiu que a planta lhe tocava.

Sokolsky adiantou-se um pouco mais até chegar a outra zona árida, onde pôs-se a remover a areia com as botas a fim de cavar uma espécie de trincheira pouco profunda.

- Aqui estamos, Chuck – anunciou. - Dormiremos até o raiar do sol, pois sempre acordo com sua luz. Depois retomaremos a marcha bem cedo.

Chuck observou a areia com expressão de dúvida.

- E se houver uma tempestade de areia durante a noite e ficarmos sepultados?

- Bobagem! Se fosse algo serio, seríamos despertados com o ruído da areia batendo nos nossos capacetes e iríamos procurar outro lugar mais conveniente. De qualquer forma, eu ainda não vi um vento forte em Marte. Minha opinião é que essas tempestades de areia de que tanto falam foram exageradas por quem comentou o fato. O vento levanta o pó mais fino e leva-o consigo e se alguém que está na Lua olha para cá com um telescópio e vê que a visão fica obstruída, como acontece quando neva, sabe que não é água e acha que a areia daqui é como da do Saara.. e

começa a falar de terríveis tempestades de areia. Talvez fiquemos um pouco sujos, mas não acredito que sejamos sepultados na areia.

Meditando sobre tudo isto, Chuck teve que concordar com seu interlocutor. Mesmo com a escassa gravidade de Marte, seria preciso um vento com uma força terrível para dar àquele ar tênue uma grande potência.

Deixou-se cair na areia junto ao doutor e acomodou-se. O isolamento do seu traje espacial o protegia facilmente da baixa temperatura. Além disto, a areia devia ser uma boa capa isolante, uma vez que as plantas pareciam considerar assim ao se introduzirem nela durante a noite.

Ficou de costas ao notar que o doutor havia desligado seu rádio. Isto era uma atenção da sua parte, já que ele roncava muito.

Chuck desligou o seu e preparou-se para dormir, mas então ouviu que algo se movia nos arredores. Sentou-se e o som desapareceu imediatamente, mas quando seu capacete voltou a tocar na areia o som se repetiu com mais força. Teve a impressão de que era produzido por passos cautelosos na areia.

Sentou-se imediatamente e aproximou seu capacete ao de Sokolsky.

- Doutor... Está ouvindo?

- Claro que sim! É a areia que está assentando sob nosso peso.

Chuck lembrou de outras camas que costumavam fazer ruído sob o feitiço do movimento rítmico da respiração da pessoa adormecida. Podia ser isto... mas não acreditou. Ao deitar-se novamente, fez um esforço para prender a respiração durante um momento.

Desta vez os ruídos estavam muito mais perto.

Sentou-se novamente e ficou imóvel. Além de Sokolsky, a uns quinze metros de distância, viu dois enormes círculos luminosos que brilhavam na escuridão. Não se tratava de alucinação, pois muitas vezes tinha visto o brilho de olhos de gatos nas sombras e aquilo era a mesma coisa. Cautelosamente, moveu uma mão para tocar no doutor, esforçando-se para fazê-lo voltar a cabeça para aqueles olhos reluzentes.

Agora havia quatro, separados em dois pares.

Subitamente Sokolsky sentou-se e, sacando a automática, disparou um tiro cujo brilho iluminou fugazmente os arredores. Para os ouvidos de Chuck, a detonação soou como se procedesse de muito longe.

Os olhos desapareceram e Sokolsky tocou seu capacete no do rapaz.

- É verdade, Chuck, eram olhos. Naturalmente eu disparei para o ar, pois não seria conveniente matar a nenhum animal marciano. Se tivesse sido um fenômeno natural, teria permanecido ali, mas desapareceu tão logo ouviram o tiro, o que prova que se trata de seres vivos. Talvez você tenha razão sobre esses gritos que vem ouvindo. Humm! Estarão nos seguindo para atacar-nos ou será somente curiosidade.

- Que pensa fazer a respeito? - perguntou Chuck

O doutor encolheu os ombros.

- Nada. Estamos com nossos trajes espaciais que nos protegem. Durmamos.

Um momento depois o som rítmico da sua respiração confirmou essa intenção.

Chuck voltou-se devagar... e viu três pares de olhos que brilhavam na noite. Desapareceram quando ele olhou, mas isto não o tranquilizou nem por um instante.

## Cap. 12

# OS CANAIS MARCIANOS

Sokolsky cumpriu sua palavra: aos primeiros raios do sol estava levantado e já despertava Chuck. Abrindo os olhos, este olhou para o lugar onde vira aqueles arrepiantes pontos luminosos que se multiplicaram durante a noite, mas já não havia nada lá.

Chuck examinou a areia a fim de achar pegadas, mas não viu nada. Se houvesse alguma marca o vento deveria tê-las apagado.

Sokolsky estava regozijante.

- Claro que os vi e admito que eram olhos de algum ser vivo. Mas não estamos equipados para seguir-lhes o rastro, e não podemos fazer mais nada a não ser avisar nossos companheiros. Claro que eu gostaria de estudar um desses seres. Talvez tenham três sexos, como as plantas... Mas a pessoa deve-se limitar a fazer o que pode. De qualquer forma, eles não nos perturbaram. Logo que ouviram o disparo da automática...

Levou a mão para o coldre e retirou-a sem sacar nada. Olhou-a por um instante, muito intrigado, e começou a apalpar as roupas e logo procurou no lugar onde tinha dormido. Não havia sinal da pistola desaparecida.

- Mas isto é impossível. Tenho o sono muito leve e eles não poderiam tê-la tirada do coldre sem que eu sentisse. Claro, eu posso tê-la deixado na areia... - balançou a cabeça lentamente. - Deve ter sido isto, deixei-a na areia... Mas para que um animal iria querer uma arma?

Chuck não tinham qualquer opinião sobre aqueles animais, ou sobre a psicologia geral dos animais marcianos. A única coisa que sabia era que a pistola havia desaparecido. Por outro lado, os animais marcianos pareciam ser inofensivos. Durante a noite tinha ficado observando até ver mais de vinte pares de olhos, que desapareciam assim que olhava para eles. Mas ao observar de viés, viu que aumentava o número destes. Uma quantidade tão grande poderia tê-los dominado facilmente.

Entretanto não houve ameaça alguma de ataque. Se Sokolsky tinha o sono tão leve como afirmava, eles o teriam despertado ao se aproximarem e o tocarem com suas garras ou focinhos.

O rapaz encolheu os ombros e tentou esquecer o detalhe, dedicando-se a fazer o desjejum com os insípidos cubinhos de alimentos concentrados que Sokolsky colocara em um recipiente especial abaixo do seu queixo. Comprimindo-se uma pequena alavanca, um dos cubinhos saltava de modo que podia ser alcançado com a boca. Tinha também ao seu alcance o tubo que lhe provia de água, mas não quis beber mais que o indispensável, já que serviria também para umedecer o ar marciano. Um exame final indicou que ainda restava muita carga nas baterias do compressor.

Sokolsky falava entre os dentes quando iniciaram a viagem para os misteriosos canais. Continuava intrigado com o fato de que um animal tivesse lhe roubado a pisto-



la.

Depois pareceu animar-se ao achar uma explicação plausível.

- Mas temos o exemplo das pegas, que roubam sem motivo, da mesma forma que outros animais. E não sabemos o que exerce atração para um animal deste planeta.

Chuck sorriu. Agora que havia encontrado um ponto de apoio para sua teoria, Sokolsky voltava a sentir-se feliz. Até se pôs a assobiar baixinho quando reiniciaram a marcha. Mas Chuck imediatamente se deteve olhando fixamente para o chão.

- Doutor!

- Hein? Ah, vejo que encontrou algo.

Tratava-se de uma pegada de um pé ou de uma pata. Viram quatro projeções semelhantes a dedos, sendo as externas mais curtas que as interiores. Na parte de trás via-se parte de um calcanhar e a pegada tinha mais ou menos a metade do tamanho de um pé humano.

- Quatro dedos... e pela simetria deve ter quatro patas. Uma pena que a parte de trás está quase apagada. - Sokolsky estudou a marca com uma profunda atenção. - Muito interessante, embora na realidade não nos diga nada. Se houvesse várias pegadas, poderíamos calcular o número de patas, o peso do animal e outros detalhes importantes. Mas não há mais que uma e mesmo assim incompleta. Ainda assim, me alegro por saber que a natureza criou aqui um ser com patas de quatro dedos.

Havia uma grande variedade de plantas que nenhum deles tinha visto até então, inclusive uma maior, semelhante a uma couve-flor, embora com folhas mais grossas e do tamanho de um repolho grande. Tinha um tom púrpura escuro em lugar do verde habitual e havia outras semelhantes. Sokolsky examinou-as com muito interesse, sorrindo satisfeito.

- Também têm três sexos, embora sejam de uma espécie diferente. Poderia conjecturar, sem medo de errar, que todos os vegetais de Marte têm três sexos.

Passaram-se mais duas horas e Sokolsky começou a ficar nervoso e preocupado.

- Já deveríamos ter chegado aos canais. Rothman disse que viu um a cerca de cinquenta quilômetros para o norte, não foi?

Chuck assentiu.

- Nós já avançamos uns quarenta e cinco. Talvez tenhamos que andar mais um pouco.

O doutor concordou com isto mas sem mostrar-se mais animado. Acelerou o passo e logo estava correndo. As pernas de Chuck continuavam doendo por causa do intenso trabalho da semana, mas fez um esforço para não ficar para trás.

Pouco depois chegaram a uma elevação do terreno, de onde olharam para os arredores. Não havia sinal algum de que ali existira uma vala profunda nem o leito seco de algum rio escavado a um milhão de anos atrás quando havia água no planeta.

Não obstante, o doutor mostrou-se mais animado.

- Vê aquela faixa mais escura? Deve ser ali.

Novamente acelerou o passo e Chuck teve que segui-lo. Mas como se achavam a menos de três quilômetros de distância, percorreram o trajeto em poucos minutos. Sokolsky apontou com a mão, acelerando o passo, enquanto Chuck olhava ao seu redor sem ver o que era que lhe havia chamado a atenção.

Não via nada mais que uma grande massa de plantas de folhas muito grossas e do tamanho de abóboras. Mas não tinham asperezas, eram lisas e brilhantes, e de uma cor verde escuro que à distância parecia negra.

- Onde está o canal? - perguntou o rapaz.

Sokolsky apontou pra as plantas.

- Aqui mesmo, Chuck. Esta é a melhor explicação que poderia pedir-se para este

mistério. Olhe para elas.

Chuck adiantou-se até ficar no meio das plantas, notando que eram muito diferentes. Jaziam sobre o solo e comunicavam-se umas com as outras através de um tubo cinzento similar a uma raiz, como as que cresciam no lado, e que eram filamentos verdes escuros e um pouco menores. Mas a retidão dos tubos e a exatidão com que estavam distribuídas chamaram a atenção do rapaz. Pareciam fileiras de cordas de estender roupas, com aquelas folhas estendidas para secar nelas. Ou talvez se assemelhassem a linhas telegráficas que são vistas quando se viaja pelo campo, com seis ou oito cabos que se estendem de um poste a outro.

- Perfeitamente retas – observou o doutor. - Olhe até onde lhe alcance a vista... Não, perto da cabeça de uma das plantas... Isso. Olhe, agora o que está vendo?

- Uma fileira de plantas perfeitamente reta... e suponho que todas estejam unidas desta forma.

- Assim parece. Venha aqui e corte uma.

Chuck inclinou-se, ao mesmo tempo em que tirava seu canivete da bolsa. O tubo de união era bastante duro, mas finalmente conseguiu cortá-lo e viu que caíam do mesmo três gotas de um líquido transparente.

- Um dos primeiros casos em que um planta marciana segrega um fluido – informou Sokolsky. - Agora observe o que acontece.

O tubo contraiu-se, lançando um filamento de cada parte cortada até o talo principal. O filamento alcançou sua meta e um segundo mais tarde caíram por terra as duas metades do tubo cortado. Na planta do norte acabava de aparecer um rebento no ponto onde estivera o tubo e na outra havia uma leve depressão.

- Veja – exclamou Sokolsky. - Eles se conectam assim. Se cortamos um tubo e este fica seco, ela o descarta por completo e em seu lugar crescerá um novo a partir desse rebento que apareceu no lado oposto. Diga-me uma coisa: o que disse Lowell que eram os canais?

- Dizia que eram canais construídos para transportar a água das calotas polares para o resto do planeta, quando elas se fundem na primavera.

- E aqui os temos... talvez. Note que se estendem em linha reta. Não sei que largura têm, mas aqui deve ter vários quilômetros, segundo podemos ver. Cada um desses tubos leva um pouco de água à planta seguinte. É todo um sistema de canais, com um bomba a cada cinquenta centímetros, que é onde cresce a planta. E note a diferença que há entre a folhagem destas e a das outras. Provavelmente aparecerão nas fotografias de uma maneira muito diferente, e darão a impressão de que são canais.

Chuck voltou a olhar para as fileiras de plantas em ambos os lados. Por toda extensão que sua vista alcançava, estendiam-se em perfeita ordem e em linhas regulares.

- Talvez eu seja um idiota, mas eu esperava que fossem obra de seres inteligentes.

- E como sabe que não são? Acha que as plantas não podem ter inteligência? Poderiam os homens projetar um sistema melhor e mais efetivo para distribuir a pouquíssima quantidade de líquido que se acumula nos polos? Não esqueça que é uma capa de neve de não mais que cinco centímetros de espessura e que apenas umedece o solo que cobre. Entretanto estas plantas a transportaram para todas as da sua espécie por todo o planeta.

Sokolsky fez uma pausa, admirando aquela obra da natureza.

- Eis a solução perfeita do mistério e um exemplo perfeito de inteligência ou de adaptação – acrescentou.

- Mas não era a esta inteligência que eu me referia – objetou o rapaz.

- Você se refere à inteligência animal e em especial à dos homens. – o doutor voltou-se para olhar o grande “rio” vegetal e a terra ao lado. - Não sei. Talvez nunca cheguemos a sabê-lo.

- Porque?

- Note que a terra aqui é mais baixa. Nós passamos por um morro, descemos uma encosta e achamos isto. Do outro lado parece ser igual. Talvez sejam antigos leitos de rios, embora eu não entenda porque são tão retos como admitem até os mais relutantes astrônomos. Talvez sejam canais escavados por alguma raça que viveu aqui. Pode ser que as plantas tenham sido colocadas por esses seres para fazer face à crescente escassez de água.

Fez uma pausa, ao mesmo tempo em que sacudia a cabeça.

- Aqui em Marte estamos no verão. Se estas plantas produzem algum fruto, é possível que não apareçam senão após alguns meses. Afinal de contas, o ano marciano tem seiscentos e oitenta e sete dias. Talvez sejam, ou tenham sido, tanto alimento quanto bebida para os marcianos. Mas nesta viagem nem sequer poderemos comprovar o que realmente são. Podemos dizer que resolvemos o mistério dos canais, mas não é assim. Deixamos um milhão de problemas sem solucionar,

Chuck continuava decepcionado, embora a lógica lhe dissesse que aquela resposta era muito mais satisfatória do que poderia esperar encontrar.

Pararam para comer e descansar. O rapaz tinha achado que Sokolsky queria seguir os canais o máximo possível ao regressar para a nave, mas o doutor negou-se a fazer isto. Não poderiam averiguar mais do que já sabiam, e a única coisa que restava era tirar uma série de fotografias quando estivessem voltando... se é que conseguiriam deixar a *Eros* em condições para isto.

Deitou-se na areia olhando para o alto.

- Gosta dos mistérios, não é mesmo? - comentou. - Bem, pense um pouco no seguinte: Nós achamos provas de que em outro tempo viveram aqui seres semelhantes ao homem, e talvez um animal parecido com o nosso búfalo, ambos de grandes dimensões e muito desenvolvidos. Mesmo as criaturas cujos olhos vimos durante a noite eram de tamanho e desenvolvimento consideráveis. Mas não existem insetos nem outra forma de vida pequena, segundo pude comprovar. A que se deve isto?

- À exterminação – conjecturou Chuck. - Espere... Isto indicaria a existência de um nível muito alto de civilização. Nós ainda não exterminamos todos nossos insetos daninhos.

- Não tivemos as razões que podem ter tido os marcianos. Se não podiam subsistir sem se livrarem da concorrência, até uma raça de inteligência mediana teria que dar um jeito para eliminar seus rivais.

Chuck trocou as baterias do seu compressor e levantou-se. Já estava farto de mistérios no momento.

Empreenderam o regresso medindo os passos, voltando pelo mesmo terreno percorrido durante a ida. O fato de estarem distantes da nave havia-lhes reanimado muitíssimo, e Chuck começava a sentir-se com mais energia que antes.

- Acho que devemos voltar a dormir ao ar livre – Sugeriu.

O doutor concordou após pensar um pouco. Se tivessem cuidado no consumo, teriam rações concentradas suficientes, e era possível que chegassem um pouco sedentos, mas isto não seria muito inconveniente. As baterias respondiam muito bem e tinham sobressalentes para trocá-las. Da mesma forma que Chuck, Sokolsky era da opinião de que quanto mais tempo ficassem afastados do Acampamento do Desespero – como chamava – melhor se sentiriam.

Pararam novamente para descansar ao sol e observar o movimento das plantas

que procuravam mais luz, enquanto as folhas de outras trepavam sobre elas. A viagem havia-se iniciado como uma busca de informações, transformando-se assim em um descanso agradável e reparador. Teriam que recomendá-la aos outros.

Finalmente o doutor levantou-se.

- Seria conveniente que nos aproximássemos a mais ou menos um quilômetro da nave – sugeriu. - Assim teremos tempo de chegar bem, fazer o desjejum como se deve e cumprir com nosso horário de trabalho.

A sugestão pareceu muito sensata para Chuck, de modo que reiniciaram a marcha lentamente e quase sem falar. O rapaz achava que todos os naturalistas costumavam de colecionar exemplares, mas Sokolsky assegurou-lhe que tal tarefa era inútil agora. Não poderiam manter as plantas devidamente, e outras expedições posteriores fariam isto muito melhor, ou então as colônias que se instalariam com laboratórios bem equipados. Para que alimentar falsas teorias? Com dois ou três exemplares e algumas fotografias poderia completar sua informação.

Chuck meditou sobre as possíveis futuras colônias. Provavelmente seriam as plantas que lhes seriam mais úteis. Marte oferecia muito pouco, mas Sokolsky havia-lhe dito que aqueles vegetais pareciam conter todo tipo de drogas estranhas. Havia testado uma delas em um corte que fizera na mão para ver se atacava a carne mas, pelo contrário, a ferida já tinha se fechado. Se o exemplar que pensava levar consigo fosse o que parecia, logo haveria um comércio florescente entre a colônia marciana e a Terra.

Passaram pelo lugar onde haviam acampado anteriormente e continuaram viagem. O doutor era partidário de que deveriam dormir nas ruínas da cidade, mas Chuck não quis aceitar a sugestão. Se os chilreios procediam dali, sentir-se-ia muito mais tranquilo no meio do deserto.

Finalmente acomodaram-se na areia, a um quilômetro das ruínas. O sol já começava a declinar e a ideia do descanso era muito agradável depois do breve sono da noite anterior e a longa caminhada. Novamente o doutor desligou seu rádio e deitou-se, dormindo quase que de imediato. Chuck deitou-se ao seu lado, meditando sobre tudo o que conversaram. Não sabia se Sokolsky era o mais inteligente dos expedicionários, ou se ele simplesmente gostava de expressar suas teorias. Fosse como fosse, teve que admitir de que pelo menos ele era um indivíduo interessante.

O cansaço que o oprimia logo cortou suas meditações e finalmente adormeceu.

Subitamente achou-se sentado na areia, tremendo violentamente ao ouvir as notas finais de um grito lamentoso que acabara de soar perto dali.

Olhando ao seu redor, viu um círculo de olhos brilhantes que os rodeavam completamente. Os pontos luminosos desapareceram quando ele olhou, mas voltaram a brilhar quando fingiu fechar os olhos. Era evidente que fatalmente o viam.

Estendeu-se novamente, pensando em esperar um momento e surpreendê-los. Nas escuridão começou a vibrar um som semelhante ao canto dos grilos, embora mais regular e mais suave. Não ouvia grilos desde a infância e o som era muito agradável e induziu-o ao sono. Pouco depois renunciou à ideia de permanecer desperto e fechou os olhos.

De manhã foi despertado por Sokolsky que apontava para a bolsa.

- Você não tinha um canivete?  
- Claro que sim. Foi com ele que eu cortei o tubo da planta.  
- Exatamente. E nossos amigos animais devem ter visto quando você fazia isto. Durante a noite vieram buscar o canivete... como eu já achava que fariam. Agora

vejo que desapareceu.

Chuck procurou em vão pelo instrumento. Estava em sua bolsa, a qual ele tinha fechado quando se deitou. Mas o canivete já não estava em seu lugar.

Aqueles animais marcianos pareciam ser muito inteligentes.

## Cap. 13

# DE GUARDA

O desjejum estava sendo servido, quando Sokolsky e Chuck entraram. Vance fez-lhes um sinal aprovador assim que os cumprimentou.

- Muito bem, vocês parecem muito mais dispostos. Digam aos próximos da lista como conseguiram isto tão rapidamente.

Depois, voltando-se para os outros:

- Não me importa como aconteceu. Se algum de vocês a usou para trocá-la por algum produto nativo, diga-me. Uma máquina de soldar com seu equipamento completo não pode esfumaçar-se no ar. Não consigo entender.

Falava em um tom bastante veemente. Chuck olhou para Sokolsky, que lhe fez um sinal negativo com a cabeça ao mesmo tempo em que perguntava:

- De que se trata?

Foi Steele que respondeu-lhe:

- Falta um dos soldadores, assim como várias outras ferramentas que perdemos em vários lugares, embora não tenhamos prestado atenção no momento. Mas uma máquina de soldar é uma coisa que não se perde assim... e sem ela estamos num aperto.

Chuck admirou-se ao ver que a depressão dominava os outros e ficou olhando para as expressões fatigadas de todos, assim como o desespero refletido no rosto de Vance.

- Muito bem – disse por fim o capitão. - Sei que ninguém a roubou, não havia razão para isto. Sei que os encarregados de soldar não são dos que ocultam as ferramentas para não trabalhar, e sei que não foi perdida. Como ficamos então?

Rothman encolheu os ombros:

- Pois nos falta uma máquina de soldar, dois pares de pinças, uma pá, uma folha de alumínio, quatro latas de carne cosida...

Os outros levantar-se e retornaram ao trabalho, enquanto Vance punha a cabeça entre as mãos e ficava pensando. A máquina de soldar era um aparelho imprescindível, mas ele nada podia fazer a respeito.

- Temos uma perda de ar – anunciou com toda calma de que foi capaz. - Não é uma costura aberta, pois já a soldamos bem ontem e a perda está em outra parte. Passamos meio dia andando de um lado para o outro com as velas de fumaça, e não há quase nenhum ponto do casco que não tenha escapamento de ar, rebites saltados, costuras frouxas e tudo o mais. Nossa pressão tem piorado, mas podemos compensá-la com o ar marciano, mas não poderemos sair para o espaço até que tudo esteja consertado. Precisamos deste soldador muito mais que antes, mas acho que Chuck terá que se arrumar com a elétrica portátil e percorrer a nave e fechar todas as pequenas aberturas que marquei com giz ou com fumaça.

Sokolsky tocou no ombro do capitão.

- Eu acho que sei o que aconteceu com a máquina de soldar, Miles. Nós não somos os únicos seres vivos deste planeta. Há nas cercanias uma raça de ladrões que...

Ato seguinte relatou os incidentes ocorridos com a pistola e com o canivete, dando ênfase especial à sua teoria das pegas. Os animas adoravam qualquer coisa que viam e eram muito inteligentes.

- Guardem tudo trancado a chave – sugeriu então. - Pelo menos poderemos evitar que outras coisas se percam.

Vance sacudiu a cabeça.

- Seria melhor fazermos uma armadilha. Se descobirmos para onde levaram a máquina, poderíamos recuperá-la. Prepararei a emboscada para esta noite e deixarei Ginger de guarda. Vale bem a pena perder uns dias de trabalho para recuperá-la.

Chuck foi ocupar-se do seu trabalho, descobrindo então, com assombro, a grande quantidade de defeitos que havia no casco. Havia várias aberturas grandes que não era possível fechar com o soldador portátil, mas andou de um lado para outro, apressadamente, testando as perdas de ar com uma vela de fumaça. Aquilo requeria pelo menos dois dias de trabalho intenso, ou talvez até três ou quatro

Quando a noite chegou, os efeitos do passeio já se haviam desvanecido. Viu Vance que postava Ginger fora da nave com um par de chaves reluzentes que eram usadas todos os dias mas que não eram essenciais. O cozinheiro havia dormido quase a tarde toda e estava em perfeitas condições para montar guarda.

O capitão fez um anuncio na hora da refeição:

- Deixaremos de lado todo o trabalho de solda que não seja imprescindível. Vamos tratar de descarregar a nave. É necessário tirar tudo que não esteja fixado, e até tiraremos os tanques hidropônicos e o combustível. Assim vazia, calculo que podemos diminuir umas cinco toneladas de peso da nave, escavaremos sob a parte posterior e elevaremos o resto com guinchos. Será muito difícil acharmos um ponto de apoio, mas talvez consigamos se afundarmos bastante a popa. Descarregada, a proa é muito mais leve, o que nos será vantajoso.

Todos gemeram mas ninguém protestou. Era a tarefa que temiam e uma das mais necessárias. A nave não poderia partir e continuar seu voo se não estivesse com a proa virada para o céu Mas mesmo que não fosse difícil descarregá-la, voltar a carregar tudo pela entrada seria quase impossível.

Vance afirmou que já que havia uma possibilidade de recobrar a máquina de soldar, seria possível fazer o resto. Poderiam fazer uma abertura no casco e fechá-la logo depois. Se o soldador aparecesse, economizariam tempo fazendo um trabalho que envolveria a todos.

Chuck foi para a cama sem pensar muito nisto. Seu trabalho com o soldador portátil continuaria como então. Depois teria que sair e cavar com os outros, mas só se preocuparia com isto quando chegasse o momento.

Em certa oportunidade, se perguntou como Ginger estaria passando, sentindo uma certa inveja ao pensar que o cozinheiro era o que tinha o trabalho mais leve de todos.

Pela manhã Ginger informou com certo desgosto que não havia acontecido nada. Uma vez tivera a impressão de que alguém olhava para ele, mas atribuiu isto à sua imaginação sobre-excitada As ferramentas continuavam em seus lugares, tal qual as tinham deixado. Era necessário que voltasse a montar guarda?

Vance assentiu em silêncio, abstraído com outros problemas, e Ginger tirou da sua bolsa uma pesada automática 45.

- É sua, capitão? - perguntou. - Encontrei-a esta manhã a uns quinze metros do

meu posto e achei que teria caído de você durante a noite.

- Obrigado. Fiquei surpreso ao não encontrá-la. - Vance pegou a automática sem hesitação, dizendo em seguida: - Sokolsky, Chuck, não saiam.

Quando ficaram a sós, o doutor sorriu.

- Não gostam deste tipo de ferramentas, Miles. Ou talvez tenham um senso de humor muito desenvolvido. O fato de terem-na devolvido me chama a atenção.

- Arrá! - Vance tirou o carregador, notando que estava vazio. - Ficaram com os cartuchos! São inteligentes. Mas, por que não ficaram com a pistola para usá-la como arma?

- São inteligentes – reconheceu Sokolsky, dando um sorriso. - A evidência me convence, e eu os acho interessantes. Recarregue-a novamente e me dê. Gostaria de fazer a guarda com Ginger esta noite. Creio que é o mais conveniente, se é que vamos tirar o conteúdo da Eros. De passagem lhe diria que seria melhor tirar primeiro o combustível e os tanques hidropônicos que não estão sendo usados. São volumosos e acho que não lhes interessa muito. Quanto ao resto... Enfim, nos preocuparemos com isto quando virmos o que acontecerá esta noite.

Vance concordou sem vacilar e franziu as sobrancelhas ao ver que Sokolsky estava pondo o traje espacial a fim de sair para trabalhar com os outros. Evidentemente, ele tinha achado que o doutor aproveitaria a desculpa da guarda para não trabalhar o dia todo.

Neste dia reinou uma tensão maior que nos anteriores. O trabalho foi fatigante e difícil. Os tanques eram bastante pequenos para serem passados pela câmara de entrada, já que, por experiência, haviam descartado os grandes por serem pouco práticos. Claro que as conexões entre eles e as grandes válvulas dificultavam seu manejo, além do que gotejavam em todos. A capa isolante dos trajes espaciais protegia bem aos homens contra os efeitos do líquido corrosivo, mas eles tinham que trabalhar com muito cuidado a fim de que algumas partes da nave não fossem danificadas. Por outro lado, já havia corrido à voz solta a notícia sobre as ferramentas desaparecidas e todos tinham medo de serem atacados por uma raça inteligente e pouco amistosa.

Chuck cruzou com eles quando estava ocupado finalizando os retoques com o soldador, e os viu tocando os capacetes para conversar em particular sem apelar para o rádio que todos poderiam escutar.

Sokolsky também parecia preocupado pela primeira vez desde que começaram a estudar a vida do planeta, mas mesmo assim sorriu para Chuck e não deu importância para o fato de que perderia seu período de descanso ao montar guarda. Parecia ser um homem incapaz de suportar as maiores penúrias, embora Chuck tivesse imaginado a princípio de que ele seria o primeiro a dobrar-se ante os rigores da expedição.

O jantar não foi nada feliz. Já tinham conseguido colocar os tanques no exterior, tanto os de combustível como os hidropônicos que não estavam em uso. Aquilo representava o resultado da jornada de trabalho e prometia um trabalho ainda maior quando tivessem de tornar a colocá-los de volta.

Sokolsky e Ginger saíram daí a pouco. Desta vez empregaram como chamariz algo de verdadeiro interesse para os marcianos. Em um semicírculo bem à vista colocaram todas as ferramentas que atraíram os nativos, exceto a máquina de soldar. Ginger e o doutor abriram um buraco na areia, debaixo da nave, e postaram-se ali para vigiar os arredores.

Não deu resultado e não houve visitantes.

Sokolsky falou com Chuck quando ia se deitar por algumas horas.



- Olhos abertos para todo lado, Chuck.

Mas nenhum mordeu a isca. Eles não fizeram nada mais que permanecer ali sentados a uns cem metros de distância.

O garoto assentiu com a cabeça e foi para os tanques com a intenção de idealizar um meio de acumular mais plantas em um número menor de recipientes, enquanto se ocupavam em consertar a nave. Jogou fora algumas das plantas que eram usadas somente para repor o ar, mas não pode fazer outra coisa mais.

Tendo terminado isto o melhor possível, iniciou-se no trabalho de escavação, que para Chuck era o pior. O garoto franziu o cenho ao imaginar o grande círculo que deveriam cavar até uma profundidade de três metros.

O pior disso tudo era o desespero que oprimia os expedicionários. Já estavam atrasados no programa e se atrasavam ainda mais a cada dia que passava. Vance não podia dar-se por vencido, mas os outros já estavam se rendendo.

Antes de deitar aquela noite, o rapaz aproximou-se e viu que o chamariz continuava no seu lugar de costume e que os guardas achavam-se em seus postos, desta vez melhor ocultos que antes. Havia convencido Sokolsky a usar a arma, enquanto Ginger manteria seu rádio ligado a fim de dar o alarme assim que os animais aparecessem.

Ainda não era hora de se deitar e Chuck sentia-se inquieto, de modo que colocou o capacete e passou pela câmara de compressão com a ideia de substituir Sokolsky por algumas horas a fim de que o doutor pudesse dormir um pouco.

Mas vacilou e ficou parado ali por um momento, meditando e escutando uma voz interior. Por fim girou nos calcanhares e foi deitar, adormecendo de imediato.

Sokolsky e Ginger não estavam comendo quando os outros se apresentaram no refeitório. Vance lançou uma maldição ao mesmo tempo em que olhava por uma das escotilhas da cabine de comando. Seus dedos tremiam quando apontou para o lugar onde haviam deixado o chamariz.

A maioria das ferramentas continuavam no lugar, mas havia desaparecido a máquina de soldar que eles tinham acrescentado na noite anterior para melhor atrair aos marcianos.

Quando colocaram os trajes espaciais e saíram, acharam os dois guardas profundamente adormecidos. Nenhum deles havia se inteirado da perda.

O grito que Vance lançou pelo transmissor de rádio despertou-os bruscamente. Ginger sacudiu a cabeça, ainda meio adormecido, mas o doutor sentou-se logo em seguida, sorrindo confiadamente. Chuck notou que brilhava um raio de sol no lugar onde até então estivera sua cabeça, e lembrou-se da afirmação de Sokolsky no sentido de que a luz do sol sempre o despertava.

Ginger continuou bocejando mas logo fechou a boca, mostrando-se sobressaltado. O doutor, que era mais esperto que o cozinheiro, voltou-se para as ferramentas distribuídas na areia.

- Está bem, Miles – disse então. - Eu mereço e não tenho desculpa. Pode aplicar a lei marcial por eu ter dormido enquanto montava guarda.

- A culpa é minha. Eu não tinha o direito de exigir tanto – respondeu Vance, mostrando-se mais intrigado que colérico. - Ginger, você estava descansando e bem adormecido, então vá preparar o desjejum e depois vá cavar. Depois falaremos sobre isto... Que aconteceu, Doutor?

Sokolsky maneou a cabeça.

- Nada. Eu estava sentado aqui quando vi Chuck sair. Pensei que se aproximaria, mas ele voltou a entrar. Estava um pouco sonolento até aquele momento, mas esse

detalhe me despertou totalmente. Lembro que vi a porta da câmara de compressão sendo fechada... e isto é tudo.

- Talvez tenha notado que Ginger estava adormecido e não pôde dominar-se depois de tanto trabalho e falta de descanso, que tal?

O médico voltou a negar com a cabeça. Era evidente que estava muito intrigado. De sua parte, Chuck tampouco conseguia entender. Admitia que o doutor adormecera por um momento, mas ele não era dos que continuam dormindo quando estava de serviço e ainda mais com o sol no rosto. Alguma coisa o havia narcotizado... Entretanto não era possível narcotizar alguém que estivesse vestindo um traje atmosférico.

- Os compressores! - exclamou, vendo finalmente a luz. - É isto que narcotiza os guardas. Acreditamos que uma pessoa vestida com um traje espacial está a salvo de qualquer coisa... mas não esqueçamos que estamos respirando o ar marciano comprimido e umedecido.

O médico ruivo fez uma careta rendendo-se à evidência.

- Eu me sinto um pouco tonto - admitiu. - Não muito, mas não estou tão descansado como deveria estar após uma noite de descanso. Bem, então esta deve ser a razão. Voltemos a usar os tanques de oxigênio nos trajes dos guardas e voltaremos à normalidade.

Pôs-se de pé e se espreguiçou.

- O que há no programa? Continuamos cavando?

Vance assentiu muito pensativo. Em seu rosto pintavam-se dúvida e esperança.

- Sim, continuaremos cavando, e convém que comecemos já. Bem, esta noite eu porei Dick Steele de guarda com seus tanques de oxigênio em lugar dos compressores. Mas não vou correr risco com outra máquina de soldar, eles terão que se conformar com outro chamariz.

O poço aumentava lentamente. A areia tão fina deslizava para baixo não bem a retiravam e tinham que firmá-la constantemente com chapas de metal. Chuck olhava aquela substância avermelhada com sinais de desagrado, enquanto que Rothman, que trabalhava junto a ele, franzia a testa como sempre.

- Desisto - disse então o piloto. Ao ver o olhar de Vance, confirmou com um movimento brusco de cabeça: - É sério, Miles. Não vejo razão para cavarmos tanto quando um bom disparo do foguete número um faria bem mais do que podemos fazer em cinco dias.

Como costuma acontecer, o mais óbvio havia escapado à atenção de todos.

Quinze minutos mais tarde, todos estavam olhando para um poço de mais de três metros de profundidade como Vance havia pedido. O capitão mostrava-se mais animado do que estivera quando caíram no planeta. Admitiu que aquela ideia os tinha adiantado tanto quanto tinham precisado.

Durante o resto do dia trabalharam sem se esforçar muito, cavando diretamente abaixo da cauda, onde o disparo do foguete não havia chegado. Mas à noite já estavam prontos para iniciar o trabalho de armar os guinchos mecânicos e endireitar a gigantesca nave espacial.

Por sua parte, Steele já estava acomodado em um novo esconderijo, observando as ferramentas que deixaram à vista para atrair as feras marcianas.

Todos os demais deitaram cedo, sentido-se satisfeitos com o trabalho feito durante a jornada. Até Ginger foi perdoado... e foi-lhe dado a entender que não tinha sido culpado de negligência.

Eram duas da manhã quando foram despertados pela voz de Dick Steele, que soava nos alto falantes.

O negro entrou um minuto mais tarde, tirando o capacete.

- Eu adormeci... embora não mais que dez minutos. Despertei então muito inquieto e vi que alguma coisa se afastava a toda pressa. Cortaram o fechamento de tela da parte de baixo e será necessário consertar a abertura o mais breve possível, pois estamos perdendo ar.

A informação não era exata. A tela não estava cortada, pois os marcianos haviam soltado cuidadosamente ao redor da abertura do casco e entrado na nave mesmo contra a corrente de ar que devia ter sido terrível. Depois saíram pelo mesmo caminho, fechando a cobertura improvisada o melhor possível. A perda de ar não era muito importante.

Mas a perda da terceira máquina de soldar era uma catástrofe de primeira magnitude.

## Cap. 14

# AS BOAS VINDAS

Todos já conheciam os detalhes, mas ninguém podia dar a menor explicação para o mistério. As drogas não podiam afetar quem estivesse dentro de um traje espacial completamente isolado, mas Dick havia perdido consciência mesmo enquanto estava acordado e consciente do que estava acontecendo. Para piorar ainda mais as coisas, Steele era imune ao poder hipnótico. Chuck havia pensado no chilreio semelhante aos dos grilos que ouvira perto das ruínas, perguntando-se se este detalhe não seria o responsável por ter adormecido e também por sua indecisão à entrada da nave quando Sokolsky estivera de guarda.

Mas um homem imune ao poder hipnótico não podia ser hipnotizado.

Chuck desistiu de compreender, e nisto não estava sozinho. Ninguém podia oferecer uma teoria. A máquina de soldar havia desaparecido e isso era tudo. Não restava mais que uma, a que servira para fechar a grande abertura da popa.

Naquela manhã foram servidas rações mínimas, o que era uma prova palpável de que Vance estava perdendo as esperanças e estava se dando conta de que teriam que permanecer ali até que as circunstâncias fossem mais favoráveis... ou até que todos morressem.

Ninguém fez comentários a este respeito. Chuck levantou-se lentamente, deixando a metade das suas rações sobre a mesa, e saiu com a última máquina de soldar. Antes ele não tinha tanta certeza da ameaça que pairava contra todos e não importava o detalhe do alimento e do ar que fora consumido. Agora era quase certo que eles teriam que ficar em Marte indefinidamente.

Isto significava também que sua presença ali encurtaria a vida dos outros em um mês por cada semana que se passassem. Era uma verdade inegável, e o rapaz não quis se enganar a respeito.

Pôs-se a trabalhar apressadamente, unindo as bordas da abertura para soldá-las, mas seus movimentos eram puramente mecânicos. Entretanto, não passava um minuto sem que voltasse a olhar sobre seu ombro, como se temesse que algum monstro marciano se aproximasse silenciosamente dele para arrebatá-lo a última ferramenta.

Fez um pausa enquanto eram instalados os guinchos e entrou na nave para completar seu trabalho. Ainda estava soldando quando a nave começou a inclinar-se para cima. O poço mais profundo, aberto pelo escapamento ígneo do foguete, havia facilitado enormemente o trabalho. A nave elevou-se até um ângulo de quarenta e cinco graus e o rapaz sentiu a força constante dos guinchos que a elevavam mais e mais.

Depois então terminou de fechar a abertura, deixando assim o casco perfeitamente hermético. Faltava ainda um mês para reforçar e consertar as grandes vigas de sustentação para que a *Eros* estivesse novamente em condições de saltar para o espaço, mas já não havia mais orifícios por onde os marcianos pudessem entrar.

Enquanto a proa se elevava, guardou a máquina de soldar em um lugar seguro. Então segurou-se no apoio mais próximo e assim ficou esperando.

A nave havia chegado ao ponto crítico e agora começou a balançar. Na realidade deveria haver guinchos em ambos os lados para mantê-la erguida, mas tinha sido impossível instalá-las, pois não existiam. As únicas de que dispunham eram necessárias para elevar aquele tremendo peso.

A *Eros* ficou parada durante um segundo e então inclinou-se para o outro lado, balançando um pouco até que finalmente se imobilizou em posição quase perfeitamente vertical.

Chuck soltou-se do apoio e encaminhou-se com dificuldade para a câmara de saída. Pouco depois deslizou pela escada para o solo, enquanto que Vance se aproximava da câmara, rindo dele porque não os tinha avisado que se achava dentro da nave.

Chuck respondeu sorrindo:

- Não foi nada mais que um balanço, e somente assim pudemos terminas os dois trabalhos ao mesmo tempo.

Virou-se para olhar para a nave e para o poço abaixo. As aletas da cauda não estavam totalmente firmes, mas a nave repousava novamente sobre seus próprios pés.

- Está pronto – disse Vance. - Nós a carregaremos novamente com cuidado.

Em lugar de se mostrar animado, parecia presa da preocupação.

- Eu estou me perguntando quando perderemos a outra máquina de soldar – acrescentou.

- Tenho uma teoria – expressou-se Chuck. - Creio que o esconderijo está nas ruínas. Somente ali poderiam estar as ferramentas, e como não existe nada na superfície, eles devem ter um meio de entrar debaixo da terra. Parece-lhe lógica minha suposição?

Nos lábios do capitão apareceu instantaneamente um sorriso.

- É possível. Qual sua opinião, doutor?

- Eles têm hábitos noturnos, e já comprovamos que eles só perambulam à noite – disse Sokolsky. - E este detalhe concordaria com uma forma de vida desenvolvida sob a terra. Além disto, ouvi dizer que esses gritos tão agudos provêm de alguma parte da cidade.

Steele apoderou-se de um pesado pedaço de cano, enquanto Rothman o imitava.

- Que faremos agora, Vance? - inquiriu o engenheiro. - Ainda nos restam três horas até a noite. Não gosto de sair por aí matando gente, mesmo que sejam marcianos, mas quando a questão é matar ou morrer, prefiro conservar minha vida. De qualquer forma, é possível que eles não lutem se atacarmos de frente.

- Alguem terá que ficar – sugeriu Vance. - Sei que eles não têm atacado durante o dia e não quero que o façam. Dois homens. Deste modo, em plena luz do dia, os demais poderão percorrer a cidade. Chuck, não quer ficar com Dick? - os dois indicados trocaram um olhar com o capitão, que assentiu. - Bem, estamos de acordo. Levaremos as armas que pudermos, mas deixaremos a automática com vocês. Se acontecer alguma coisa gritem por nós. Não falaremos nada pelo radio se a não ser numa emergência.

Qualquer coisa era melhor que não fazer nada. Os expedicionários afastaram-se em busca de paus e pedaços de metal e voltaram quase imediatamente. Depois os cinco se dirigiram para a cidade, deixando Dick e Chuck junto à nave. O engenheiro estava com seus tanques de oxigênio e Chuck com o compressor de ar. Fosse qual fosse o método empregado pelos marcianos, eles se veriam em apuros ao ter que se haverem com os dois tipos de equipamento ao mesmo tempo.

Durante o dia o deserto arenoso não oferecia nenhum refugio ou esconderijo, mas

Dick e Chuck já haviam perdido a fé naquelas ideias que antes pareceram boas. De comum acordo, sentaram-se junto à escada que se subia para a entrada da *Eros*, apoiaram-se costas contra costas, e se dispuseram a vigiar. Deste modo estariam seguros de que não aconteceria nada à nave. Chuck deu um suspiro e inclinou a cabeça para trás a fim de que seu capacete tocasse no do negro.

- Se eu vir pelo menos um grão de areia se movendo, darei um grito e você dispara – disse. - Avise-me se você vir alguma coisa também.

- Deveríamos ter feito as guardas assim desde o princípio – manifestou-se Steele. - O que acontece é que a urgência nos fez perder mais tempo que o necessário.

Apoiaram-se um contra o outro, deixando somente o espaço mínimo necessário para o compressor de Chuck. Não falariam de agora por diante, pois qualquer som que passasse pelo rádio seria uma advertência para os que estavam nas ruínas. Chuck tocou na alavanca de contato a fim de se assegurar de que estava conectado ao aparelho.

Não havia movimento algum. A sombra da nave foi-se alongando à medida que o sol declinava no horizonte. Uma vez Chuck sentiu que alguma coisa se movia na areia e deu um salto, mas viu logo em seguida que fora apenas Dick que havia mudado de posição. Soprava um vento leve que agitava a areia ao redor na nave-foguete, empurrando pequenas quantidades para o poço.

O rapaz se moveu um pouco e Dick teve um sobressalto, então voltaram-se e riram, mas de imediato voltaram as cabeças para a posição anterior para não descuidar da vigilância. Aquilo era como estar sentado com uma serpente venenosa adormecida nos joelhos.

Neste momento ouviram algo pelos receptores.

- Ali há um! Lá! Dobrou a esquina da casa grande!

Seguiu-se uma babel de vozes, enquanto Chuck franzia as sobrancelhas e esperava. Finalmente ouviu-se a voz de Steele que perguntava:

- Que aconteceu, Miles?

- Não sei, deve ser alucinação de alguém. Provavelmente eles viram a sombra de um companheiro. Não é nada, e não encontramos sinais de entradas subterrâneas. Como andam as coisas por aí?

- Muito tranquilas – respondeu Chuck, que ouviu logo a seguir o riso de Dick.

Depois voltou a reinar a calma. De vez em quando moviam-se ao sentir a areia deslizar sob seus corpos, e os trajes espaciais não eram tão cômodos como deveriam ser, mas já estavam acostumados a isto e não prestaram atenção ao detalhe.

Chuck bocejou logo a seguir o que o fez lembrar que o maior perigo estava no tédio. Voltou a bocejar, e notou então que o compressor já não fazia o ruído de costume. Talvez o bocejo tivesse limpado os canais auditivos... Ficaria contente quando Vance voltasse. Os guardas tinham razão em terem adormecido. Agora já não podia censurá-los...

Uma vozinha interior parecia querer adverti-lo de alguma coisa ao sentir que o traje se tornava úmido e que o ar era impossível de respirar. Talvez fosse o compressor, embora ele ainda estivesse funcionando.... Ou seria...?

Abriu a boca para dar um grito de advertência, mas seu esforço foi em vão...

A voz de Vance soava em seus ouvidos e o garoto murmurou alguma coisa, ao mesmo tempo em que reagia. Havia estado a ponto de fazer alguma coisa, embora já não lembrasse o que. Depois seus pensamentos clarearam e as palavras que ouvia chegaram ao seu cérebro com mais clareza.

- Dick! Chuck! Chuck!

- Sim?

Foi-lhe difícil articular a resposta, mas o esforço serviu para devolver-lhe a lucidez por completo.

- Vance! Que aconteceu?

- Isto é o que eu quero saber! Espere que já estamos indo. Meu Deus!

O rapaz voltou-se lentamente, vendo Dick estendido no solo ao seu lado. Inclinou-se para seu companheiro e sacudiu-o, conseguindo despertá-lo um pouco. Depois compreendeu o que diziam pelo rádio e Chuck voltou-se para a nave.

A *Eros* jazia novamente de lado, embora que desta vez a entrada estivesse um pouco acima da superfície do terreno. Ao cair, deixou a descoberto parte do poço, mas preenchendo-o abaixo, onde tinha sido necessário cavar. Além disso, era provável que se tivessem produzido outras rachaduras pelas quais o ar escapasse.

Chuck avançou para a nave, quase sem se dar conta do que fazia. Vance e os outros já estavam chegando pela última duna e desciam. Todos se detiveram em frente a nave, olhando-a sem compreender

Por fim Vance deu as costas sacudindo a cabeça.

- Tudo bem, acho que não será demasiadamente grave... a menos que o casco tenha voltado a se rachar. Está parecendo mais que a baixaram do que tenha caído. Amanhã faremos uns disparos de foguete para afundar o poço. Prefiro isto à perda desta última máquina de soldar.

- Vance! - gritou então Rothman.

Todos voltaram-se para o piloto, que se achava ao lado dos guinchos, apontando-os com a mão.

Aquilo era um desastre. Alguém havia derramado o conteúdo de um dos tanques de combustível sobre os aparelhos. O ácido corrosivo havia corroído os cabos por completo, deixando a descoberto também os rebites e arruinando tudo. Agora não serviriam nem para sustentar o seu próprio peso.

O interessante do caso é que nenhum deles fez o menor gesto, pois já haviam aprendido a não culpar ninguém pelo que acontecia. Chuck ficou parado onde estava, fazendo força para conter os soluços que afloravam à sua garganta, e compreendendo que teria sido melhor que todos tivessem se voltado contra ele.

Mas logo voltou-se surpreso quando chegaram aos seus ouvidos um soluço inconsolável. Dick Steele achava-se junto aos guinchos, observando a ruína das máquinas que eram como uma parte integrante da sua vida e compreendendo que, de certo modo, era responsável pela perda. Não havia fraqueza alguma naquele pranto, era mais como uma válvula de escape para sua raiva varonil.

Chuck ficou imóvel por mais um tempo. Depois encaminhou-se com passos inseguros para a nave caída, achando que agora não poderiam voltar a levantá-la. Ele tinha-lhes faltado por completo, já que a ideia foi sua. Era ele o responsável pelo que aconteceria a todos.

- Não se preocupe – disse-lhe então Vance. - Temos metal de sobra e, se for necessário, poderemos colocar novos rebites e cortar canos para improvisar outros guinchos. Isso levará tempo, mas o faremos. Ainda nos resta uma máquina de soldar.

Chuck dirigiu-se à câmara de compressão para então passar para o corredor. Havia guardado a máquina de soldar em um lugar seguro. Abriu o armário e viu que o soldador já não estava ali. Seus passos eram mais firmes quando voltou o rosto para as ruínas e caminhou nesta direção com movimentos quase mecânicos.

Vance o seguia, mas o rapaz continuou andando até que o capitão o reteve com força.

- Não existe mais máquina de soldar, capitão. Eles levaram a última. Desceram da

nave, queimaram os guinchos e escaparam com ela.

- Eu já sei. - Vance o fez voltar-se para conduzi-lo de volta para onde estava o grupo. - Todos nós já sabíamos quando você saiu. Acho que já estamos adivinhando essas coisas. Soldaremos tudo com o soldador portátil e cavaremos um poço mais profundo para meter a *Eros* dentro até a metade. Você controlará os comandos para que se equilibrem, os instrumentos servirão para isto. Depois disto, não importa se partimos em linha reta ou oblíqua. Sobrevivermos até onde possamos chegar com nosso combustível, ou partiremos para a Terra e avisaremos que nos mandem o necessário em foguetes pequenos. E se for preciso nos deixaremos cair sobre Luna City!

Fez uma pausa para tomar fôlego e voltou-se então para os outros.

- Vocês não acreditam e eu tampouco já não acredito, mas faremos isto, porque somos homens e em Marte não há quem possa conosco.

Chuck olhou para os seus companheiros. Nenhum deles achava que fosse possível fazê-lo, já não havia ninguém enganando-se a si próprio. Mesmo assim seguiriam adiante com o trabalho.

- Entremos para ver os danos que causaram à nave – sugeriu Dick com voz serena.

Assim o fizeram, e começaram a andar de um lado para outro com velas de fumaça. Mas não acharam sinais de que houvesse novas rachaduras ou orifícios. Restavam algumas infiltrações mínimas ao longo das costuras, mas não tinham grande importância. A *Eros* havia sido baixada suavemente por meio dos guinchos e era por isto que os cabos continuavam instalados no lugar sem terem sido arrancados pela força do golpe.

- Eles a viram direita e decidiram que não estava bem e por isto voltaram a deitá-la – comentou Ginger.

- Por que? - perguntou Rothman. - Isso não faz sentido. Se eles queriam matar-nos, poderiam ter esperado pela noite para baixá-la cortando os cabos. Por que não fizeram isto?

Sokolsky encolheu os ombros.

- Isto salta à vista. Não é que queiram nos matar. O que eles desejam é que fiquemos aqui. Isto é uma espécie de boas vindas. Por eles nós poderemos ficar o tempo que quisermos. Faz tempo que poderiam ter matado a todos nós, mas se vê que simpatizam conosco.

- Por que? - repetiu o piloto.

- Porque nós temos todos esses brinquedos bonitos que eles ambicionam. Nós lhes trouxemos presentes que eles não sabem como empregar. Estão nos espreitando na areia, enterrados nela, onde não podemos vê-los, e nos observam usar os brinquedos. Depois, quando descobrem para que servem, eles vêm para levá-los. Por que haveriam de nos matar quando podem reter-nos aqui para que os ensinem como nossas coisas são usadas? Senhores, eles estão nos domesticando!



## Cap. 15

# OS MARCIANOS

Chuck dizia para si mesmo que somente por um de dois métodos os marcianos poderiam fazê-los dormir assim. Achavam-se todos no refeitório, mas ninguém falava muito. Agora já não era necessários se deitarem cedo. Teriam tempo de sobra para consertar a nave, se é que podia ser consertada. Ao fim de um período mais ou menos longo as provisões acabariam, mas disporiam de tempo suficiente.

Voltou a meditar sobre o mistério, analisando-o até seus últimos detalhes e voltou a chegar à mesma conclusão de que devia tratar-se de uma das duas coisas.

Levantou-se, cumprimentou os outros e foi para a câmara de compressão onde estava seu traje espacial. O capacete pendia ao lado com seu diminuto rádio no interior. Ficou olhando-o por um segundo e então foi para a seção do depósito. A única coisa que precisava era de uma chave de fenda pequena, um tubo de metal e outro jogo de tanques de oxigênio.

Quanto voltou para onde estava o traje, já estava com tudo. A chave de fenda serviu para retirar o pequeno aparelho de rádio do interior do capacete, e os tanques de oxigênio substituíram o compressor que usara até então. Estudou o equipamento por uns minutos achando que faltava algo.

No depósito de ferramentas localizou um cabo fino e uma lanterna pequena, objetos com os quais começou a trabalhar de novo. Desta vez retirou por completo o conduto de plástico e inseriu o cabo em seu interior, prendendo-o com um pouquinho de cimento. Deixou o tubo plástico, soldou um cabo isolado de metal e conectou-o com a bateria, estendendo-o até a lâmpada da lanterna que instalou dentro do capacete. Fez uma conexão extra, unido os contatos ao tubo de plástico por meio de outro cabo fino. Por fim voltou a colocar o tubo de metal no de plástico e apertou-o com os dedos, sorrindo satisfeito ao ver que a lâmpada se acendia.

Vestiu então o traje, baixou o capacete e apoderou-se do soldador portátil, com o qual saiu da nave.

Por um momento moveu-se junto ao casco e o soldador reluziu na escuridão, lançando sua chama contra o metal. Novamente continuou andando sem prestar atenção aparentemente a nada que não fossem os diminutos orifícios que parecia encontrar no casco.

Desta vez não se sentia entediado e sabia que o sono não ia lhe dominar. Talvez tivesse sido o rádio. Não parecia possível, mas talvez houvesse algum método de interferir na onda, com outra semelhante, que afetara seu cérebro. Não lembrava de nenhum caso em que alguém tivesse adormecido tendo o rádio desligado. Sokolsky havia adormecido, mas de maneira natural, até que usou o rádio enquanto esperava. Foi aí então quando os dominaram.

Mas não acreditava que tivesse sido isto, e ao descartar seu aparelho de rádio o fez somente como uma precaução extra.

Transcorreu mais uma hora e ele se aproximou mais da proa da nave. Sabia que eram os nervos que o sustentavam. Enquanto durasse seu estado de sobre-excitação não sentiria o cansaço.

Então viu piscar a luz do interior do capacete, e finalmente a lâmpada acendeu-se completamente. Algo estava pressionando o tubo que conduzia o ar dos tanques para o seu capacete. Era o truque dos marcianos. Chuck não se atrevia a voltar-se, embora imaginando um ser capaz de ficar enterrado na areia e levantar-se em um dado momento para comprimir o conduto do ar. Ao ser diminuída a passagem do ar, ninguém notaria até que já não tivesse forças para fazer alguma coisa. Se o guarda estivesse com um compressor, não seria difícil colocar alguma obstrução sobre a abertura do fole que aspirava o ar da atmosfera.

Soltou o soldador e deixou-o cair no chão, enquanto sacudia a cabeça como se estivesse com sono. Depois caiu de cara na areia, ouvindo logo a seguir o chilreio parecido a grilos. Através do capacete chegavam-lhe sons furtivos. As criaturas já estavam saindo dos seus esconderijos, falando em sua língua.

Mas não se atreveu a levantar a cabeça até que os sons tivessem se distanciado um pouco. Tampouco podia esperar muito. Devia agradecer ao tubinho de metal o fato de ainda estar acordado, mas o objeto já havia cumprido sua finalidade.

Aspirou profundamente, elevando o nível do oxigênio em seu traje e levantou-se de um salto a mesmo tempo em que acendia o refletor superior do capacete.

Havia calculado bem. Os marcianos achavam-se ali adiante, perto da parte superior da duna. Encolheu seus músculos terrestres e partiu com toda rapidez de que eram capazes suas pernas. Os marcianos afastavam-se com a velocidade de gamos, mas a forma de locomoção de Chuck era como a de um canguru de uma pradaria aberta.

Estudou-os então com interesse. Eram mais o menos da metade do tamanho de um homem adulto, e ainda mais humanos em sua forma do que esperara, embora fossem de uma magreza extrema. Com braços e pernas semelhantes aos seus, possuíam um pescoço sobre os ombros tal como o dos humanos, embora um pouco mais longo. Não viu sinais de orelhas nem de cabelo na cabeça. Em troca, todo o corpo estava coberto de uma pelagem castanha dourada bastante longa a julgar pela forma como os pelos se agitavam ao vento. Seus tórax eram amplos, embora não muito. Observou-os com mais atenção e viu que era o ritmo acelerado da sua respiração que os permitia sobreviver naquela atmosfera. Seus peitos se inflavam à razão de umas duzentas aspirações por minuto, ou seja, seis vezes mais que a dos homens.

Já não era possível duvidar da direção que seguiam. Pela primeira havia-os surpreendido no momento de cometer o delito e eles fugiam para as velhas ruínas, onde com certeza se achava seu refugio.

Chuck acelerou mais sua corrida, conseguindo aproximar-se deles. Um dos marcianos voltou-se para olhá-lo sobre o ombro e o rapaz viu que ele não tinha nariz. Ao que parecia a boca servia para tudo. A fronte se curvava para trás bruscamente, mas era bastante alta, e os olhos, conforme ele bem lembrava, tinham três vezes o diâmetro dos seus e eram perfeitamente circulares, achando-se muito separados entre si.

Agora estavam muito perto das casas e os fugitivos se dispersaram rapidamente, enquanto Chuck fixava sua atenção no que levava o soldador. O peso do aparelho lhe impediria de desenvolver toda sua velocidade, e era certo que desejaria levar o tesouro para a vivenda comum. A criatura deixava escapar contínuos sons que denotavam sua agitação. Com certeza pensava que se violariam todas as regras da sua vida

se um ser tão grande e pesado como Chuck podia alcançá-la.

O rapaz achava-se a poucos metros do fugitivo quando o mesmo entrou no que devia ser a rua principal. Estava para lançar-lhe a mão quando o outro desviu-se subitamente para o interior da casa na qual recordava ter visto o interessante mosaico que adornava o piso. Perdeu-o de vista por um segundo ao passar batido pela entrada, mas ao voltar sobre seus passos viu-o muito ocupado apertando os ramos da árvore incrustada no piso.

Levantou-se então o centro do mosaico e o marciano arrojou-se pela abertura.

Chuck deu um grande salto, conseguindo segurar a tampa antes que esta votasse a se fechar. Puxou-a fortemente para cima e a tampa cedeu com facilidade e sem produzir o menos ruído. Ficou segurando-a enquanto se lamentava por não ter sido esperto o suficiente para deixar o rádio instalado em seu capacete. Com um meio de comunicação ele poderia ter chamado os outros expedicionários; e uns poucos terrestres poderiam derrotar facilmente centenas daquelas criaturas tão delicadas.

Procurou por alguma coisa que pudesse deixar como sinal para qualquer um que sentisse sua falta ou fosse procurá-lo, mas até a sacola tinham-lhe tirado quando fingiu estar sem sentidos. Teria que trabalhar por sua conta, mas...

Talvez fosse uma loucura, mas era necessário que deixasse algum sinal. Deu uma puxada brusca e arrancou o refletor superior do capacete e o pôs no chão, apontando para a tampa do orifício que servia de entrada. Se chegasse alguém da nave, não poderia deixar de ver aquela luz tão potente.

Ainda contava com a lâmpada do interior do capacete, que servira para adverti-lo que era atacado e de que forma se efetuava o ataque. Abrigou a esperança de que a bateria fosse nova. Já a lâmpada era fraca e não tinha refletor e além disto estava colocada de tal forma que grande parte da luz se difundia dentro do capacete e dava contra seus olhos, mas era melhor que não ter nada.

A porta alçapão baixou imediatamente, nem bem ele tinha passado pelo buraco. Bateu suavemente contra o seu capacete, sem muita força, mas com insistência crescente. Era muito fina, embora ele lembrasse que havia suportado o peso de todos eles sem ceder nem um milímetro.

Vacilou antes de deixá-la cair completamente e por fim soltou-a, vendo-a ajustar-se sobre a abertura. Quando fez pressão contra ela, notou que levantava sem a menor resistência. Ao que parecia, ele poderia voltar a sair, detalhe sobre o qual não tivera a menor certeza até então.

Agora achava-se envolto em trevas e imediatamente imaginou que ali haveriam centenas de marcianos prontos para cair-lhe em cima. Levantou uma mão para o conduto de ar e apertou-o suavemente, acendendo assim a lâmpada. Piscou, a fim de evitar que ofuscassem seus olhos e daí a pouco descobriu que podia obstruir o reflexo afastando a lâmpada um pouco.

A fraca luz lhe permitia ver claramente até um metro e meio de distância, e compreendeu que estava em uma galeria que descia. Ao baixar a vista, descobriu degraus de um metro e meio de altura, ideais sem dúvida para uma raça tão ágil em um mundo de escassa gravidade. Deixou-se cair sobre o segundo e logo sobre o terceiro, ficando assim a quatro metros e meio sob a terra. Ali ele viu uma rampa inclinada que se prolongava suavemente para maiores profundezas.

Tentou escutar, apertando seu capacete contra as paredes, mas não ouviu outra coisa mais que um confuso murmúrio que não conseguiu interpretar. As paredes do túnel pareciam ser de argila, embora até então nunca tivesse visto aquela substância em Marte, exceto o fragmento de louça que encontrara.

Não lhe preocuparam as possíveis portas armadilhas do piso nem outros dos su-

postos perigos que ameaçam o explorador das profundezas subterrâneas. Era evidente que aqueles seres não tinham tais inimigos, e sua economia devia ser muito simples para que houvesse guerras entre eles. De qualquer forma eles não haviam previsto sua visita, de modo que avançou com confiança, com uma mão sobre a parede e mantendo a lâmpada apagada quase que o tempo todo, a fim de economizar sua bateria.

Chegou então a um ponto em que o túnel fazia uma curva para a direita. Ao acender a lâmpada, viu que ali havia uma bifurcação na galeria e que um dos ramais tomava a direção da esquerda e o outro ia para a direita. Escolheu o da esquerda, já que era ele que parecia continuar sob a cidade, enquanto que o outro devia levar para o exterior.

Muito ao longe viu piscar uma luz mais fraca que a sua. Não a teria visto se neste momento a sua lâmpada não estivesse apagada. A luz desapareceu quase em seguida, mas isto o convenceu de que estava na pista certa.

Estava preocupado com um detalhe: nenhum dos outros que fugiram dele haviam descido pela passagem, então deveriam ter seguido ao primeiro ou entrado após ele.

Olhou para seu relógio de pulso. Com certeza era a hora em que seus companheiros iam se deitar. Era provável que Lew descobrisse sua ausência e ao procurá-lo veria que seu traje não estava na câmara de compressão.

Saberiam onde procurá-lo? Pensou por um momento, chegando à conclusão de que assim seria. Em várias ocasiões havia falado da cidade e para ela partiu ao descobrir a desapareição da última máquina de soldar. Com certeza compreenderiam que ele estava decidido a recuperá-las dos marcianos que supunham que ocupavam as ruínas. Se os outros não adivinhassem, Sokolsky os convenceria. A luz do refletor duraria muitas horas e quando a vissem não demorariam em forçar a entrada da passagem.

Devia ter deixado sinais da sua passagem. Depois olhou para baixo e sorriu ao comprovar que o havia feito. As pesadas botas espaciais marcavam profundamente o caminho e somente um cego deixaria de ver suas pegadas.

Chegou então a outra passagem lateral, sentindo-se agora menos seguro do caminho a seguir, contudo não tinha dúvidas de que a luz que vira estava muito mais adiante.

Seguiu adiante, agora contando seus passos, a fim de calcular onde se encontrava. Já devia estar fora dos limites da cidade. Estava também a uma profundidade maior do que havia querido alcançar. Notou então que a descida já se nivelara, o que indicava que finalmente chegara à parte habitável das cavernas. Agora teria que ser muito cauteloso, embora duvidasse que eles pudessem fazer-lhe alguma coisa enquanto estivesse usando o traje espacial.

Novamente tentou escutar. Já devia ter achado alguma coisa que lhe indicasse que seguia na direção correta. Os marcianos deviam ter tido grandes dificuldades para carregar os tanques de oxigênio das máquinas de soldar que roubaram. Teriam que ter deixado sinais no solo, mas ele não conseguia ver nada.

Novamente brilhou aquela luz, agora mais brilhante, e o rapaz partiu correndo para ela, notando que desaparecia de imediato. Tropeçou então em alguma coisa e caiu de bruços. Durante uns segundos foi tomado pelo temor, até que testou a lâmpada do seu capacete e viu que acendia. Olhou então para trás, descobrindo no solo uma lata de carne com a etiqueta meio arrancada. Tinham-na esmagado em parte com algum objeto pesado, mas sem conseguir abri-la.

Com certeza aquele objeto tinha-lhes chamado a atenção. Ou talvez seus espiões descobrissem que os humanos punham aquelas coisas na boca. Afastou-a com um

pontapé, certo agora de que estava no caminho certo.

Mas o constante avanço pela escuridão começava a afetar-lhe os nervos. Talvez fosse melhor deixar o marciano escapar e regressar à nave em busca de ajuda. Que diferença faria o atraso, se ele sabia como entrar nos subterrâneos? Naturalmente ele poderia voltar sobre seus passos, mas sua teimosia o impediu de fazê-lo agora que estava tão perto da sua meta.

Novamente a luz brilhou adiante, agora mais perto e menos brilhante.

Aquela luz começava a intrigá-lo. A atmosfera daqueles corredores não era mais densa que a da superfície, e não era possível que uma chama ardesse com tão pouco oxigênio. Os marcianos deviam possuir alguma luz de origem química, similar às que possuem os bichinhos luminosos, mas não podia ser tão brilhante como a vira a princípio.

Novamente acendeu-se, com um resplendor avermelhado e apagado. Alguma coisa se moveu em frente dela, levando, ao que parecia, o objeto do qual a luz emanava, por outro ramal do túnel. Aquelas cavernas subterrâneas deviam se alargar em alguma parte, mas Chuck não estava tão interessado neste detalhe e sim em achar os habitantes e a luz lhe oferecia uma pista fácil de seguir.

Deixou escapar um grito, esquecendo que ali era inútil fazê-lo, e seguiu correndo pelo túnel, mantendo a lâmpada acesa a fim de não tropeçar em nada.

Lá adiante soaram os chilreios que já lhe eram familiares e seguiu-se então um daqueles alaridos ululantes que tanto o tinham feito estremecer nos dias anteriores. Desta vez pôde suportá-los bem, porque conhecia sua procedência.

Com sua lâmpada acesa ficava difícil ver a outra luz, mas descobriu-a quando se distanciava por outra das curvas da passagem. Desta vez saltou atrás dela sem se preocupar com os perigos que pudessem. Se tropeçasse iria se lamentar, mas se a sorte o acompanhasse, acharia o que buscava.

Logo após a curva viu outro trecho reto e avistou o marciano um pouco mais perto. E resplendor da luz se esparzia debilmente ao seu redor à medida que o ser avançava. Chuck saltou para diante, esforçando-se para não bater com o capacete no teto da galeria. O marciano deixou escapar outro chilreio ao mesmo tempo em que soltava o objeto luminoso. Ato seguido, desviou-se para uma galeria lateral e desapareceu como que por arte de magia.

Chuck continuou avançando até chegar à luz e se deteve de imediato. Ao brilho da sua lâmpada viu no solo o refletor do seu próprio capacete, o que havia deixado na entrada da galeria. Seu filamento ardia muito fracamente, indicando que havia um curto circuito. Mas não havia a menor dúvida de que era o seu. O amassado na parte superior serviu para identificá-lo de imediato.

Agora seria muito mais difícil que seus companheiros da *Eros* pudessem achá-lo.

## Cap. 16

# PERDIDO NA CAVERNA

Chuck ficou olhando o refletor inutilizado por um momento. O achado não lhe deixava outra alternativa senão girar sobre os calcanhares e seguir suas próprias pegadas para o exterior, regressar à nave e pedir ajuda. Com luzes suficientes e um número adequado de homens, não lhes seria difícil encontrar a pista dos marcianos e localizar as ferramentas roubadas.

Voltou a acender temporariamente sua luzinha a fim de calcular quanto restava da bateria. Não viu sinal algum de que a bateria estivesse se esgotando, mas compreendeu que seus olhos poderiam estar se acostumando à mudança. Na realidade isto não tinha muita importância. Ele se limitaria a acendê-la de vez em quando a fim de se assegurar de que estava no caminho certo. Bastaria que acendesse uma vez a cada cinquenta passos. Usando-a assim, de maneira intermitente, a bateria duraria muito, mesmo se não fosse nova. Estava certo de que não seria difícil achar o caminho para a saída.

Ao ouvir que soava outro dos estranhos gritos, perguntou-se se não seria algum sinal advertindo sobre sua presença. Pois bem, que viessem pegá-lo, pelo menos não teria o trabalho de ir até eles.

Aquela fanfarronada foi seu primeiro sinal de medo. Reteve suas meditações ao mesmo tempo em que tentava analisa-las, mas não achou razão alguma que a justificasse. Somente sabia que o medo o dominava de novo.

Após dar uma nova olhada no solo em busca das suas pegadas, distanciou-se túnel abaixo a trote rápido, contando cinquenta passos. Novamente acendeu a luz, constatando que estava na rota. Avançava a maior velocidade que ao descer. As pegadas se viam claramente, sem o menor sinal que indicasse que outros pés haviam pisado o mesmo terreno depois dele.

Havia examinado o terreno pela vigésima vez e dado mil passos, sentindo que o temor já o abandonava. Afinal era um homem civilizado que pertencia a uma raça capaz de ir de um planeta a outro. Os marcianos eram seres primitivos, pequenos humanoides que declinaram pelo longo caminho descendente até chegar a um nível mais baixo da civilização que o da raça humana.

Novamente contou mil passos e desta vez parou para descansar. Devia ter contado seus passos desde que entrara e assim poderia saber quanto terreno faltava-lhe percorrer para chegar à saída.

Consultou seu relógio, vendo que continuava marcando doze horas. Havia parado e não era possível introduzir a mão no punho plástico do traje espacial para dar-lhe corda. Devia-se este inconveniente ao fato de que ele frequentemente esquecia este detalhe

Suas pegadas terminavam bruscamente.

Desta vez fez sua luz brilhar um pouco mais, até que lhe chamou a atenção algo

que havia atrás. Ao voltar-se viu que era a lata de carne cozida amassada. Estava certo de não ter dobrado nenhuma esquina perto dali. Entretanto terminavam ali as pegadas e o túnel se desviava bruscamente para a esquerda. A parede se prolongava sem interrupção, mas suas pegadas seguiam para ela e ali terminavam.

Jogou o peso do seu corpo contra a parede enganosa, mas não sentiu que cedesse nem um milímetro. Parecia tão sólida como todas as demais. Deixou-se cair de joelhos, procurando alguma ranhura com os dedos mas não achou nada.

O temor voltou a dominá-lo, agora mais assustador que antes. Desejava ter luz suficiente para dissipar o medo que o aprisionava, de modo que apertou o tubinho de plástico e assim o segurou, vendo que as pegadas seguiam por ali terminando na parede.

Subitamente, um chilreio vindo do outro lado da parede obrigou-o a levantar-se. Enquanto olhava, a parede que parecera sólida até então afastou-se para trás, enquanto aparecia outro painel que fechou a passagem da esquerda. Os chilreios também se afastaram nessa direção para se apagarem pouco a pouco.

Em frente a ele estava o caminho que devia seguir, já que se prolongava reto e sem curvas ou ramais secundários, tal como se recordava. Contudo ele não viu ali a continuação das suas pegadas. Não obstante, adiantou-se pela passagem, pois estava certo de que havia passado por ali antes. Logo se encontrou em uma rampa que subia e novamente achou que estava na pista certa. Não tardariam em aparecer os degraus e por fim conseguiria sair desse labirinto com suas estranhas portas secretas.

A rampa continuava subindo sem interrupção, e o rapaz começou a estranhar a ausência das passagens laterais que vira antes. Provavelmente eles os tinham fechado agora com aquelas portas corrediças.

Mas logo viu que o caminho começava a descer.

Então parou e voltou sobre seus passos. Mas não era possível que tivesse ido para outro lado. Ou teria dobrado uma esquina no início da sua exploração? Tinha se dirigido à direita... Não, para a esquerda, pois não queria distanciar-se das ruínas. Então agora deveria dobrar pra a direita se quisesse sair dali.

Retrocedeu um pouco mais, batendo na parede da direita com a esperança de que alguma diferença de som lhe indicasse onde estava a abertura. Agora avançava lentamente, colocando seu capacete contra a parede e batendo na mesma com o punho. Mas não notou a menor diferença e nenhum lugar. As batidas soavam como se a parede fosse inteiramente sólida.

Estava incomodado pela sede e era-lhe impossível satisfaze-la, pois não tinha pensado em demorar muito, de modo que esqueceu de encher o tubo após retirar o compressor do traje. Chupou na extremidade do tubo e teve uma agradável surpresa ao descobrir que ainda restava um pouco de líquido.

Novamente começou a bater na parede, embora agora tivesse menos esperança que antes. A inclinação devia ser mais longa neste ponto que na entrada.

De um ponto às suas costas chegou-lhe um pouco de luz que não era um resplendor fugaz, mas um brilho constante. Foi até lá, alegre por poder fazer alguma coisa definida. Provavelmente havia cem saídas daqueles túneis, e bem poderia ser que aquela luz fosse a luz do dia que se filtrava por alguma abertura. Por certo que já havia transcorrido tempo suficiente para que a noite tivesse terminado.

Mas a abertura estava na parede e não no teto. Aproximou os olhos dela para olhar, conseguindo ver um recinto do outro lado. A fraca luz ali provinha de vários lugares. Naturalmente não era produzida pelo fogo, parecia mais ser alguma coisa que cobria as paredes as as fazia brilhar. Mesmo fraca como era, permitiu-lhe ver todos

os detalhes com grande clareza.

A primeira coisa que chamou sua atenção foram as máquinas de soldar que haviam desaparecido. Uns vinte marcianos achavam-se agrupados ao redor delas, parecendo discutir veementemente, já que seus chilreios sucediam-se com grande rapidez e sem pausa alguma. Um outro agitava o tubo de soldar de uma das máquinas, talvez tentando demonstrar como os terrestres a usavam.

Um deles, que dava a impressão de ser maior que os outros, embora sua pelagem não se diferenciasse da dos demais, batia no chão e castanholava com os dentes. Era impossível dizer se estava concordando ou divergindo da opinião dos seus companheiros.

O que mais interessou a Chuck foi o que se achava no centro do grupo. O ser apontava para cima e para a máquina de soldar. Fez outro gesto demasiado complicado para que o rapaz interpretasse, embora parecesse indicar que estava procurando alguma coisa.

O velho voltou a fazer seus dentes castanholarem, bateu novamente no solo e endireitou-se. Isto pôs um ponto final à reunião e todos começaram a separar-se. Um deles avançou para as paredes e fez alguma coisa com as seções luminosas. O brilho apagou-se lentamente e o recinto ficou às escuras.

Chuck ficou em guarda. Antes que toda a luz houvesse apagado de todo, havia visto o ser que fazia os gestos indo direto para ele. Então esperou, retrocedendo cautelosamente pelo túnel até um ponto onde não poderiam surpreendê-lo se alguma das portas se abrisse. Apertou então o capacete contra a parede e ouviu um ruído sibilante e o som de passos.

A criatura passou quase junto a ele, chilreando constantemente, como se falando consigo mesmo. Chuck bendisse sua boa sorte quando se pôs a andar atrás dele em silêncio e prestando atenção aos sons que o marciano proferia. Havia interpretado seus gestos como uma oferta para ir à superfície e trazer mais algumas coisas que se achavam tão ao seu alcance.

Quando alguém não conhece o caminho, sempre convém que siga alguém que sabe aonde vai, disse para si mesmo Chuck. Aguçou o ouvido, tentando assegurar-se de que o indivíduo não se desviava para uma passagem lateral, deixando-o ali extraviado.

O marciano continuou andando sem pausa e sem pressa. Chuck esperava ver a luz do dia a qualquer momento e, com efeito, não demorou muito em descobrir uma luz um pouco mais adiante... mas não parecia ser a luz diurna.

Não era. O marciano se destacava então contra a luz de uma abertura retangular iluminada a qual voltou a fechar-se às suas costas. Perto da porta havia outra ranhura como a que Chuck vira antes, e que talvez fossem respiradouros.

No amplo recinto que se apresentava à sua vista, descobriu outras duas máquinas de soldar, mas a cena era muito diferente da outra. Ali nenhum deles chilreava ociosamente nem batia no solo. Uns vinte marcianos estavam ocupados em diversos trabalhos perto do centro da caverna. No canto mais afastado havia um grupinho compacto rodeando a um dos anciãos que traçava linhas no chão. Outro grupo observava com atenção e era evidente que velho estava desenhando algo e que se esforçava para fazê-los entender o que ele queria dizer.

Naquele recinto havia outros tesouros provenientes da nave, assim como alguns objetos estranhos de manufatura local. A caverna parecia ser uma espécie de oficina.

Chuck observou o chilreador que seguira, embora não deixando de vigiar os outros também. Talvez o marciano tivesse feito uma parada aqui antes de continuar com a tarefa que talvez o levaria à superfície. O rapaz não podia fazer mais nada, de modo



que olhou a criatura que andava pelo recinto até parar em frente a um compressor que pendia da parede e ali fazer gestos pomposos.

Não faltava compressor algum quando Chuck saiu da nave. A aquisição era recente e não concordava com o que fizeram os marcianos até então. O detalhe recordou a Chuck outra coisa pouco agradável: o traje que estava usando estava equipado somente com tanques de oxigênio, os quais não durariam tanto como o jogo de baterias do compressor e com certeza a provisão não demoraria a acabar.

O marciano chilreador continuava fanfarroneando em frente ao compressor, mas agora sentou-se no solo e apoiou as costas contra a parede. Pouco depois fechou seus enormes olhos como se fosse dormir.

Ele não tinha uma viagem projetada para cima, somente havia-se limitado a fanfarronear sobre uma viagem já feita. Chuck errou ao segui-lo pelo labirinto e estava tão distante da saída como antes; talvez mais, se é que as cavernas de trabalho se achavam localizadas abaixo das saídas, como parecia ser o caso.

Afastou-se da luz que provinha da ranhura e apertou o tubo. Desta vez não deixou de notar que a lâmpada brilhava com menos intensidade que antes. Contudo projetou luz suficiente para ver o indicador dos seus tanques de oxigênio. Restavam-lhe quinze ou vinte minutos a mais em um deles... enquanto que o outro já estava vazio.

Recordou-se do clássico adágio que aconselhava o homem condenado ao inevitável e que aceitara seu destino com coragem, mas também veio-lhe à mente o comentário que fizera seu pai a respeito:

"Quando você se achar no fim da corda, será prudente se sentar e esperar pelo final, mas viverá mais se agarrar-se à corda e trepar por ela, embora não saiba onde está amarrada".

Havia ali três passagens. Uma conduzia ao recinto em que vira o chilreador pela primeira vez. O segundo ao recinto onde se achava agora o indivíduo. Ambas eram becos sem saída. A terceira prolongava-se até um ponto desconhecido, talvez para a saída daquele labirinto. Provavelmente não conseguiria chegar até a nave, a menos que fosse a saída que dava para as ruínas, mas, com um pouco de sorte, talvez pudesse chegar perto o bastante para deixar uma mensagem traçada na areia.

Encaminhou-se para a terceira passagem, já sem se preocupar em economizar a carga da sua bateria ou tropeçar em algo. Daí a pouco pôs-se a correr e em seguida assaltou-lhe o medo de morrer, como se o tivesse provocado pelo fato de apelar para a corrida. Seu peito agitou-se e teve uma má sensação no estômago, mas já não tinha tempo para pensar nisto. Teria que ser agora ou nunca.

A passagem prolongava-se, descrevendo uma curva suave que finalizava em uma bifurcação de caminhos. Escolheu um dos túneis ao azar e prosseguiu correndo por ele. Parecia subir um pouco embora não estivesse certo disto. Precisava ir tocando na parede para guiar-se, pois a lâmpada do capacete brilhava muito fracamente.

Desta vez, ao ver a luz, não quis abrigar esperanças, não obstante o temor acomeceu-o novamente e não pode deixar de correr para ela, parando finalmente junto a outra das ranhuras na parede.

Ao ver a cena do outro lado, notou de acabara de dar uma volta completa e que estava novamente em frente à oficina, e então ficou em ponto de enlouquecer. Por um lado estava alegre, já que não voltaria a ser uma carga para os seus companheiros. Por outro, se preocupava com o sofrimento que passariam seus pais por causa da sua temerária aventura. Mas o que mais o desgostava era a ideia de morrer ali inutilmente, sem que um só amigo soubesse o que lhe havia acontecido.

Então, tão rapidamente como chegou, o desespero do medo o abandonou. O alívio deixou-o fraco e tremendo, mas já estava voltando a ser dono de si mesmo. Apoiou-

se então contra a parede, respirando ofegante.

A válvula dos tanques começou a abrir e fechar, esforçando-se para enviar ao conduto uma provisão do ar que já havia se esgotado. Ainda lhe restavam dois ou três minutos a mais e talvez pudesse resistir com o ar do traje por alguns minutos até que se esgotasse todo o oxigênio.

- Bem – disse em voz alta. - Vamos à carga.

Imediatamente bateu na ranhura com o punho e chutou a porta pela qual entrara o chilreador. Viu que os marcianos se voltavam bruscamente, mas sem disposição de irem para a entrada. Voltou a chutar a porta, agora com mais força.

Desta vez teve resultado. Um deles levantou-se e foi para a porta, que abriu com um movimento incompreensível das mãos.

Então Chuck entrou, afastando o marciano antes que este pudesse proferir o menor som. Adiantou-se então pelo recinto em direção ao compressor que estava pendurado na parede. Imediatamente elevou-se um coro de chilreios e gritos, mas eles não lhes prestou a menor atenção. Primeiro faria o que mais interessava.

Já estava com uma mão sobre o compressor antes que os marcianos reagissem. Depois foi o chilreador que se pôs de pé e soltou um dos alaridos ululantes que crispavam os nervos de quem os ouvia pela primeira vez. Chuck afastou-o com um empurrão, voltando a estender a mão para o compressor. Sua outra mão pousava sobre a correia que segurava os tanques de oxigênio. Inspirou profundamente e se preparou para fazer a troca.

Os marcianos jogaram-se em cima dele todos de uma vez, fazendo-o soltar o compressor que caiu no chão. Mas não conseguiram segurá-lo. De gatinhas, seguiu em direção ao compressor que lhe daria o ar necessário para os seus pulmões. Os tanques soltos saltaram das suas costas sob a pressão das mãos dos seus atacantes e o traje se desinflou subitamente.

Apesar de tudo, conseguiu ligar o compressor. A seguir levantou-se derrubando-os à direita e à esquerda. Estava para perder os sentidos, mas sentiu que o compressor se ajustava lugar apropriado. Tocou então na alavanca e ouviu o zumbido característico do aparelho que começava a funcionar. Foi então que os marcianos voltaram-se novamente contra ele em um ataque concentrado.

## Cap. 17

# UMA RAÇA CONDENADA

Chuck estava semi-inconsciente quando os marcianos se jogaram em cima dele, de modo que não pôde resistir. O compressor funcionava normalmente, enviando ar aos seus pulmões torturados, o resto não tinha pressa. Naturalmente, se insistissem em amarrá-lo, não ia ajudá-los, mas...

Então recuperou-se prontamente e descobriu que estava coberto daqueles seres aveludados que se esforçavam para transformá-lo em múmia usando algo parecido com uma corda muito áspera. Já o haviam amarrado por todos os lados e procuravam lugares onde continuar enrolando a corda.

O rapaz encolheu os joelhos, atraindo contra seu peito um daqueles seres diminutos e depois estirou as pernas, arrojando outros três para trás. Pareceu-lhe um bom sistema para preparar-se para novos esforços, até que os outros se armaram de longos paus terminados em pedras muito agudas. Então deixou-se cair novamente e deixou que terminassem de amarrá-lo. Era evidente que eles o tinham em seu poder.

O chilreador tomava parte ativa no combate... de uma distância prudente. Saltava sem parar, fazendo gestos violentos enquanto dava instruções aos outros, chilreando e conversando por cinco dos seus. Então se deteve e observou os resultados antes de assegurar-se que Chuck estava devidamente imobilizado.

Então soltou um chilreio final ao mesmo tempo em que saltava para a frente, estendendo as mãos para o compressor. Chuck voltou-se de costas, conseguindo aplicar-lhe uma cotovelada no peito, mas como as cordas o impediam de mover-se direito, o golpe foi dado sem força. O chilreador manobrou a até ficar às suas costas e de novo estendeu as mãos para o compressor.

O velho marciano que estivera marcando instruções no solo havia observado o incidente com toda a calma. Mas então adiantou-se e, levantando um dos seus pés, golpeou com ele o rosto do chilreador de forma tal que enviou o jovem marciano rolando pelo solo. Antes que ele pudesse levantar-se, o velho estendeu os braços e agarrou-o por uma perna e pela nuca. Alguem abriu a porta e o chilreador foi jogado por ela como um projétil impelido por uma catapulta. A porta voltou a fechar-se quando o indivíduo desaparecia pelo corredor.

O velho acercou-se de Chuck, por trás, a fim de examinar o compressor e assegurar-se que estava devidamente encaixado na corrediça. Evidentemente, ele compreendia a finalidade do aparelho e não estava de acordo que matassem o garoto imediatamente. Voltou a colocar-se na frente do prisioneiro e tocou-se na cabeça.

- Aptz-Rrll – apresentou-se, segundo o jovem pôde interpretar.

Chuck pronunciou seu próprio nome e o marciano tagarelou com os dentes.

- Tchkk! - disse.

O rapaz aguardou outros sinais de amizade, mas o velho marciano ficou ali, olhando-o fixamente, como se não soubesse o que fazer com um cativo tão desajeitado.

Aquela era uma oportunidade excelente para aplicar tudo o que estudara sobre as comunicações entre diversas raças... mas não podia fazê-lo com as mãos atadas.

Os grandes olhos o estudaram por mais um momento e então Sptz-Rrll fez um movimento estranho que poderia ser tomado como um encolher de ombros. Em seguida voltou a dedicar-se à tarefa com que estava ocupado antes.

Contra a parede repousava uma máquina tosca na qual Chuck viu algumas partes feitas de cobre ainda limpo e reluzente, como se fossem usadas todos os dias, embora saltasse à vista que a maior parte das seções estavam inutilizadas. Mas a parte que o velho mostrava agora devia ter funcionado recentemente, embora não durante a vida dos mais jovens.

Sptz-Rrll voltou a traçar desenhos no solo. Depois pegou um aparelhinho de cobre e começou a desmontá-lo e montá-lo novamente. Apesar do seu desenho ser tosco, o princípio fundamental era muito aceitável. Tratava-se de um fole rotativo feito a mão, uma ventoinha, e destinado a comprimir o ar e dirigi-lo por um cano que Sptz-Rrll havia mostrado. Chuck seguiu o cano com a vista até uma pilha de pedras coberta por restos enegrecidos.

Compreendeu então que os marcianos haviam descoberto o fogo. Comprimindo o ar e fazendo-o passar por madeira que servia de combustível, contavam com uma forja rústica para trabalhar o cobre. Até tirou alguns pedaços de metal pertencentes ao equipamento que provavelmente tinham se quebrado ou desgastado.

A caixa do fole também estava arruinada, de modo que este não funcionava. Tempos atrás devia ter se rachado e a rachadura foi consertada a marteladas, mas sem chegar a ser fechada completamente, de forma que já não servia para comprimir o ar pra avivar o fogo.

Chuck achou que aquilo haveria interessado muito a Sokolsky e em seguida se perguntou se o doutor alguma vez se aborreceria em recordar que havia descoberto o mistério dos canais em companhia de Chuck. Alguns dos outros lembrariam disto se conseguissem regressar a Luna City?

Havia sido um idiota em esforçar-se tanto para viver mais algumas horas. De que valeria o sacrifício? Estava prisioneiro ali, esperando que sua bateria se esgotasse e assim terminasse sua vida. Mesmo que conseguisse se libertar, teria que haver-se com o labirinto de tuneis no qual não havia aberturas ao seu alcance, e melhor seria que terminasse tudo de uma vez por todas.

Mas depois fez uma careta para afastar aquele pensamento. Pelo menos morreria conhecendo a solução de vários mistérios. Antes ele tinha tido vontade de falar com os marcianos e ali os tinha. E ele era o ser humano que melhor os conhecia... embora ignorasse de que lhe serviria este detalhe.

Viu que a atividade era retomada entre seus captores e seus olhos observaram os movimentos dos marcianos a fim de distrair-se e não pensar na situação em que se encontrava. Um dos mais jovens havia-se arrastado para o centro do recinto uma das volumosas máquinas de soldar. Com grande esforço, conseguiu produzir uma chispa e acender uma chama. Enquanto Sptz-Rrll o observava, começou a trabalhar em um pedaço de cobre... empregando uma varinha de aço inoxidável!

Sptz-Rrll contemplou o trabalho por mais um minuto e logo saltou, cheio de desgosto, fazendo uma série de gestos que terminaram por obrigar o outro a extinguir a chama e voltar à sua posição junto à parede. Era fácil ver para que haviam roubado aquelas máquinas.

O velho marciano havia visto uma oportunidade de recapturar parte da cultura que se extinguia rapidamente e não vacilou em aproveitá-la. Contudo, agora descobria que eram falsas suas esperanças de consertar seus aparelhos arruinados.

O suspiro que o velho deixou escapar foi quase humano. Então parou novamente em frente ao cativo com o fole rotativo na mão. Mostrou-o a Chuck com expressão interrogativa, olhando logo a seguir para a máquina de soldar.

O rapaz assentiu de imediato, movendo os braços com desespero a fim de demonstrar que teriam que soltá-lo. Ao fazê-lo, notou que a compreensão aparecia no rosto do velho.

Mas Sptz-Rrll voltou a suspirar e lhe deu as costas. Não se atrevia a correr o risco. Chuck franziu o cenho com desespero. Por um momento as esperanças haviam sido despertadas novamente. No caso de ter o soldador em mãos, disporia de uma arma bastante potente para obrigá-los a conduzi-lo até a superfície.

Os outros marcianos dedicaram-se novamente às suas respectivas tarefas, moldando argila, talhando utensílios de pedra o tentando dar forma a alguns pedaços de cobre. Mas Sptz-Rrll sentou-se no centro do recinto entregando-se ao desalento. Levantou do solo uma portinha de pedra e tirou do buraco uma série de placas de porcelana pintadas em cores brilhantes.

Chuck olhou-as com interesse e o ancião mostrou-as logo a seguir. Nelas eram representados métodos de trabalho empregados em épocas passadas. A última mostrava o que poderia ter sido um moinho de vento, com um eixo que se estendia para baixo até alguma coisa que só podia ser um compressor. Era evidente que os marcianos haviam lutado duramente para desenvolver uma civilização, mas haviam perdido a batalha e achavam-se agora declinando lentamente, com certeza para a selvageria. Depois do moinho de vento empregaram o fole rotativo que ainda estava contra a parede. Agora não tinham nada que exigisse o uso da força motriz.

Chuck então tossiu, notando um forte ardor no nariz e na garganta. Franziu as sobrancelhas e notou então que devia ter se esgotado o estoque de água que servia para umedecer o ar que seu equipamento comprimia. Com certeza os marcianos a tinham tirado tão logo se apoderaram do compressor.

Aptz-Rrll olhava-o fixamente com expressão meditativa enquanto voltava a guardar as placas. Depois levantou-se e encaminhou-se para um canto escuro do recinto, aproximando-se pouco a pouco do jovem, com um certo receio. Enquanto se aproximava passo a passo, observava o jovem, à espera de algum movimento hostil de sua parte. Chuck ficou completamente imóvel e o ancião por fim se decidiu. Aproximou-se de um salto e suas mãozinhas velozes acharam a taça de líquido. Ouviu-se um ruído borbulhante e o ar se tornou mais respirável. Sptz-Rrll voltou a colocar a tampa do recipiente e olhou novamente para Chuck e logo para a máquina de soldar.

Subitamente lá fora ressoou um dos característicos gritos ululantes e agudos e, um a um, os marcianos começaram a se retirar, enquanto Sptz-Rrll aguardava até o final para sair, quando então não restou mais ninguém, e Chuck achou-se então sozinho na caverna.

O rapaz praguejou furiosamente, certo de que o velho marciano estivera a ponto de arriscar-se a soltar-lhe os braços a fim de que ele manejasse a máquina de soldar, mas agora já era muito tarde.

Levantou os braços para o peito, testando a resistência das cordas mas sem a menor esperança de rompê-las. Fez um esforço... e elas se partiram de imediato!

Por um momento olhou-as estranhando, antes de começar a tirá-las de cima. Havia julgado seus músculos pelo tamanho, ignorando talvez que em Marte seria necessário apenas um esforço três vezes menos que na Terra para livrar-se daquelas ligaduras.

Terminou de tirá-las e afastou-as com um pontapé, dando então um salto para o outro lado da caverna. Apoderou-se da máquina de soldar e a pôs em funcionamento

com a chama em seu ponto mínimo. Que tentassem detê-lo agora! Até suas ridículas portas cairiam ante o potente aparelho.

Os tanques pesavam muito, mas ele já os havia carregado enquanto efetuavam reparos na nave e estava certo de poder fazê-lo novamente. Deu livre passagem à chama que saiu com um rugido e regulou-a até que a viu brilhar com toda sua potência.

Estava muito animado enquanto se dirigia para a entrada. Estava certo de que teria dificuldades, mas conseguiria salvar-se se entrasse no primeiro recinto de reuniões que vira e lhes desse uma verdadeira demonstração do poder da máquina de soldar.

Passou junto à bancada sobre o qual Sptz-Rrll deixara o fole arruinado e pegou-o para examinar, cheio de curiosidade ante a perspicácia que lhes havia permitido descobrir a melhor forma de confeccionar a caixa e as paletas enquanto as faziam por meio do rústico método de dar-lhes forma a marteladas e sem mais outro material que o cobre.

Compreendeu então que não poderia deixar de aceder ao pedido que viera dos grandes olhos do ancião. Não lhe seria possível dormir tranquilo se chegasse a proceder assim. Do ponto de vista de Sptz-Rrll não houve destruição nem roubo. O velho viu a oportunidade de fazer reviver a antiga cultura do seu povo, e seria um idiota se não tivesse aproveitado. Pelo menos não apelou para o assassinato para cumprir suas finalidades.

Chuck procurou a vareta apropriada e regulou a chama. Não havia trabalhado muito com o cobre e não lhe agradava a ideia de fazê-lo, já que só tinha uma sólida experiência com as ligas mais duras e resistentes conhecidas. Mas seu equipamento servia para aquela tarefa que ele dominava um pouco. Colocou a caixa no chão e começou a depositar material sobre a mesma, espalhando o melhor possível. Ao terminar, compreendeu que devia estar melhor que a original. Uma das paletas rotativas havia-se rachado e ele achou um fragmento entre as coisas de Sptz-Rrll. Custou-lhe um pouco repará-la, mas por fim conseguiu deixar o fole em tão boas condições como quando era novo.

Sentiu-se mais animado ao arma-lo o colocá-lo sobre a bancada, onde o velho não deixaria de vê-lo. Ao fim de tudo, só tinha levado uns minutos.

Ao pensar no tempo olhou para o medidor da máquina. Devia estar completamente carregada, mas não era assim. Com certeza os aparelhos elétricos fascinavam os marcianos, segundo indicava a luz consumida do capacete e estas baterias. Provavelmente eles provocavam curtos-circuitos nelas somente para vê-las lançar chispas.

Não restava mais que uma hora de corrente, mas calculou que isto lhe bastaria.

Virou-se então para ir embora, preparando o soldador com a intenção de atacar a porta se esta não cedesse ao empurrão da sua mão.

A porta abriu-se quando ele se encaminhava para ela e pela abertura entraram os marcianos.

Chuck levantou o soldador, lançando uma chama. Os outros se detiveram ao ver isto, e o rapaz apontou para o solo, fazendo-o fumegar. Novamente apontou-lhes a chama para eles ao mesmo tempo em que avançava para eles.

Os marcianos cederam terreno pouco a pouco, olhando-o com seus enormes olhos, embora sem dar sinais de medo. Ali em suas cavernas nem sequer pensaram em apelar para a tática de aparecer e afastarem-se correndo como faziam na superfície.

Retiraram-se lentamente, mantendo-se de costas a fim de poder observar seus movimentos. Agora já estavam fora do recinto e retrocediam pelo túnel onde a única luz era a procedente do soldador. Chuck olhava-os firmemente, a máscara plástica do

seu traje o protegia das perigosas radiações ultravioletas do soldador, mas não lhe servia para acostumar a vista ao vivo contraste entre o brilhoso ponto luminoso e as sombras que o rodeavam.

Então a chama apagou-se de repente, voltando a brilhar por um momento para apagar-se novamente e definitivamente, deixando-o nas trevas. Ele havia esquecido de conferir a carga dos tanques e o oxigênio havia se esgotado antes do que imaginara.

O fato de conhecer o motivo não lhe servia de nada, como tampouco não lhe serviria de nada saber que tudo o que os marcianos roubaram estava sempre a ponto de deixar de funcionar.

Saltou para trás em direção à oficina, mas logo mudou de direção, arremetendo cegamente contra seus inimigos. Mas a manobra não deu resultado. Os marcianos viam perfeitamente na escuridão e agarraram-nos de imediato, certos de que ele não conseguia vê-los. Então jogaram-se em cima, esquivando-se dos seus golpes e mantendo-se fora do alcance das suas mãos.

Subitamente sentiu que lhe faltava o fôlego e deu-se conta de que eles haviam achado seu ponto fraco. Deixou de mover-se antes que fechassem por completo a passagem de ar. Seria inútil lutar quando o outro bando já tinha a vitória.

Chuck deixou que eles o conduzissem para a oficina sem tentar resistir. Os marcianos chilrearam muito excitados ao ver as cordas partidas e então tomaram uma decisão definitiva. Dois deles puseram-se a soltar as correias que formavam o arnês de sustentação do soldador, enquanto que outros três se aproximaram com a arma que já tinham usado antes para ameaçá-lo.

O rapaz estendeu as mãos sem protestar e então eles as ataram com as correias, enquanto outros faziam o mesmo com as pernas. Desta vez seria impossível romper os laços que o prendiam. Acabara de apelar para seu último recurso, mas eles o haviam vencido.

Por fim apareceu Sptz-Rrll, que olhou para a máquina de soldar com uma expressão melancólica. Sua expressão era acusadora, mas fez o mesmo movimento de antes, que Chuck interpretara como um encolher de ombros. Então o ancião dirigiu-se para sua bancada. Deteve-se então, olhando fixamente para o fole, enquanto surgia uma torrente de chilreados das suas cordas vocais. Chuck contemplou a cena com interesse quando os outros se agruparam ao redor do velho para examinar o mecanismo consertado. Se fossem capazes de sentir gratidão...

Sptz-Rrll pôs o fole sobre a mesa enquanto os outros voltavam ao seu trabalho. Então o velho aproximou-se para observar o manômetro que indicava a carga restante na bateria de Chuck. Depois levou uma mão à boca enquanto inchava o peito exageradamente, como se estivesse se afogando.

Então fez seu costumeiro encolher de ombros e seguiu para a saída.

## Cap. 18

# GRATIDÃO MARCIANA

Chuck encolheu os joelhos e apoiou o capacete contra eles. O leve zumbido do compressor servia de fundo musical a seus pensamentos, lembrando-lhe da passagem do tempo. Parecia que toda sua vida era feita dos minutos que iam fugindo velozmente e de falsas esperanças. Mas esta última doía-lhe mais que os outros.

Sptz-Rrll não era mais que um marciano e Chuck cometeu um erro ao atribuir-lhe reações humanas. Deu demasiada importância a certas expressões que podiam não ter nada a ver com as emoções que acreditou representarem. Havia acreditado que o marciano lhe demonstraria sua gratidão de alguma forma. Já quase começava a simpatizar com aquele ser, embora fosse seu prisioneiro. Então teve um desengano ao vê-lo encolher os ombros como se sua morte não lhe importasse.

A primeira regra para compreender raças estranhas deveria ser: Não ver sentimentos humanos em ações não humanas. Sokolsky poderia tê-lo poupado do trabalho de aprendê-la daquela forma e teria feito um discurso a respeito.

Sptz-Rrll voltou com a mesma atitude casual de quando se fora. Agora tinha as mãos ocupadas com uma pesada placa de porcelana e os outros abandonaram imediatamente suas ocupações para se agruparem ao seu redor fazendo comentários em seu chilreante idioma. Depois aproximou-se de Chuck e começou a desatar as correias que o aprisionavam.

Novamente o rapaz maldisse sua estupidez. Havia inventado uma regra que estava violando enquanto a concebia, já que deu como comprovado o fato de que sua primeira interpretação do encolher de ombros de Sptz-Rrll era a única possível, exatamente porque era tão humano.

Ou estava interpretando mal tudo isto e eles não o estavam libertando?

O marciano pôs um ponto final às suas preocupações quase que imediatamente. Sentando-se no chão, desenhou um quadrado e agitou a mão para indicar que estava simbolizando a oficina. Continuou então com uma série de linhas em zigue-zague. Na extremidade das mesmas traçou um esboço da nave espacial.

Então levantou-se e estendeu a mão para cada uma das de Chuck e, sem mais cerimônia, encaminhou-se para a porta, que abriu de imediato. Seguiram-lhes cinco marcianos enquanto seguiam pelos escuros túneis. Cada um deles levava um dos quadrados de iluminação que Chuck vira nas paredes.

Aqueles painéis projetavam uma luz muito fraca, que entretanto bastava para guia-los. O caminho era tortuoso, já que foram por passagens laterais, por galerias retas e por outras curvas, parecendo que vagavam sem rumo. Provavelmente era tal como desenhara Sptz-Rrll, e o rapaz supôs acertadamente que era a rota mais curta para chegar à nave.

Perguntou-se então se os marcianos já sabiam desde o início sobre suas andanças pelo túnel. Se foi assim, por que não fizeram antes uma tentativa para capturá-lo?



Procurou uma forma de perguntar isto ao velho, mas não lhe foi possível idealizar um meio para conseguir seu propósito.

Então soou um alarido às suas costas e o grupo se deteve para que outro marciano os alcançasse. O recém chegado trazia a lâmpada do capacete de Chuck, a quem ofereceu com gestos corteses. O rapaz se deu conta de que o refletor não seria inútil, uma vez que chegasse à nave onde haveria baterias de reposição. Pegou-a então, com expressão grave e a colocou em seu receptáculo sobre o capacete.

Eles deviam ter sabido que esteve vagando pelos túneis e o refletor era uma prova disto. Depois viu que eram sete os marcianos que o acompanhavam, o mesmo número da tripulação da *Eros*. Talvez fosse uma coincidência, ou podia ser que eles o acompanhavam com a ideia de se encontrarem com mais outros.

Ali havia mistérios para muitos anos. O homem jamais chegou a compreender de todo os diferentes costumes entre as diversas raças do seu próprio planeta. Como poderia chegar a uma compreensão plena de uma raça pertencente a outro mundo?

Talvez os acompanhassem a fim de regatear o preço da devolução do que roubaram... se é que consentiriam em entregar a presa após tanto trabalho para se apoderarem desta.

Passaram junto a uma porta aberta e por ela saiu uma mão que deixou cair na de Chuck o canivete que este perdera no deserto. O braço misterioso estava coberto por uma pelagem prateada, completamente diferente da dos outros marcianos que o rapaz vira.

Havia muitas coisas pendentes para se preocupar com mistérios assim. O mais estranho era que Chuck sentia mais prazer pelo fato de Sptz-Rrll ser como ele achava que era, do que pelo fato de que o estivessem levando para a nave.

Agora estavam subindo por uma rampa inclinada. O rapaz não conseguiu saber se era a mesma pela qual havia descido, mas notou algo familiar nela. Procurou algo que lhe confirmasse esta impressão, mas não achou nada que pudesse identificar.

Sptz-Rrll pegou em um dos quadrados de iluminação para aproximá-lo do chão, o qual apontou com a mão, indicando as pegadas deixadas pelas botas de Chuck. Ao que parecia, o marciano havia interpretado corretamente seus olhares e queria tranquilizá-lo.

Daí a pouco passaram pelo mosaico que servira de entrada para Chuck. Ao ver a luz do entardecer, o rapaz compreendeu que haviam passado menos de vinte e quatro horas.

Os sete marcianos ficaram atrás para deixar que ele encabeçasse a marcha. Chuck se deteve então por um momento para dar outra olhada no mosaico. As silhuetas dos humanoides incrustadas nele eram bastante rústicas, mas davam detalhes suficientes, se fosse estudada detidamente, indicando que a raça havia mudado muito pouco desde a época em que o piso foi instalado. Chuck se perguntou se haveria uma história escrita ou lendas que remontassem até o tempo em que haviam vivido sobre a superfície antes de buscar refúgio das mudanças extremas de temperatura, entrando nas cavernas.

Sptz puxou sua mão, apontando-lhe para o indicador que marcava a carga da bateria do seu compressor, que estava quase esgotada.

O rapaz saltou. O marciano tinha razão: não era lógico que se demorasse ali enquanto a carga se esgotava. Então partiu imediatamente, a trote, para a nave. Teria que ir na frente para avisar seus companheiros que os marcianos estavam chegando. O difícil seria fazer Sptz-Rrll entender que era conveniente esperar.

O marciano tomou novamente sua mão indicando novamente o compressor. Fez então um gesto circular com bastante velocidade e outro cada vez mais lento ao que

se seguiu uma pantomina para indicar que ele se asfixiava.

A corrida havia fatigado demais a Chuck, mas o rapaz compreendeu que devia chegar à nave.

Dois dos marcianos o pegaram pelas pernas e outros dois pelos braços e mais dois o sustentaram pela cintura. Sptz-Rrll continuava indicando o capacete, em que tocou. Com um movimento rápido eles o deitaram no ar e o levaram assim, dando-lhe uma oportunidade de descansar e subsistir com a menor quantidade de ar que o compressor agora lhe fornecia.

Finalmente chegaram ao alto da duna, à vista da nave e da tripulação. Chuck quase não podia ver seus companheiros devido à sua posição. Tentou agitar um braço, mas os marcianos estavam-no segurando, de modo que não pôde acenar.

Os terrestres olhavam agora para o grupo que se aproximava. Vance baixou a mão para sua pistola e daí a pouco reluziu a luz do sol no aço. Chuck deixou escapar um gemido, temendo o pior, mas neste momento Sokolsky se interpôs entre o capitão e os marcianos, fazendo sinais veementes com os braços.

Um segundo depois, o doutor corria para eles, com pesar estampado em seu rosto. Depois viu o sorriso que curvava os lábios do rapaz e logo mudou de expressão. Sua boca se abriu de imediato, gritando a notícia, pelo rádio, aos outros que os olhavam.

Sptz-Rrll apontou o indicador quando o doutor se aproximou, e Sokolsky pôs a trotar ao lado deles, tocando seu capacete com o de Chuck.

- Pensávamos que eles te tinham capturado e matado, e que isto era uma espécie de procissão fúnebre. Mas eu tinha que me assegurar disto antes que fosse declarada uma guerra. Que aconteceu?

- Eles são amigos, me deixaram em liberdade.

Steele aproximou-se aos saltos com uma bateria de reposição e Chuck indicou aos seus carregadores que o pusessem no chão. Trocaram as baterias sem perder um segundo e o rapaz aproximou seu capacete ao do engenheiro.

- Consiga-me um rádio – pediu, encaminhando-se a seguir para a nave.

A instalação não foi muito delicada, mas foi feita rapidamente. Chuck voltou a sair e viu os marcianos que esperavam em silêncio, enquanto os terrestres olhavam-nos fixamente. Somente Sokolsky parecia alegre por vê-los tão de perto. Os outros mostravam-se receosos por causa dos inconvenientes sofridos.

Um dos marcianos mais jovens observava Sokolsky que fazia pantominas como se metendo na areia. Subitamente o marciano mergulhou no solo e começou a desaparecer. Pouco depois notou-se um movimento na areia e ele reapareceu às costas do doutor, chilreando mais e melhor. Sokolsky caiu na risada enquanto o jovem marciano sacudia a areia do corpo.

Vance interveio então, dizendo para Chuck:

- Depois você nos contará suas aventuras. Vejo que se tornou amigos deles, mas podemos confiar neles? E existe alguma possibilidade de que nos devolvam as coisas que nos roubaram?

- Olhe para a duna – disse-lhe Sokolsky neste momento.

Todos se voltaram para ver uma fileira de mais de cinquenta marcianos que se aproximavam. Alguns levavam as máquinas de soldar e outros levavam diversas ferramentas. Chuck notou que um deles carregava as quatro latas de carne cozida, inclusive a que ele vira no túnel. Sptz-Rrll tocou nos cilindros das máquinas e fez o movimento característico que Chuck interpretara como um encolher de ombros. Da mão de um dos seus companheiros pegou um punhado de pedacinhos de cobre que ofereceu ao rapaz.

- Pegue-os – aconselhou Sokolsky. - Parece que temos aqui uma cultura especial onde o aconselhável são a cerimônia e a dignidade. E conviria que começássemos a pensar neles como homens ou marcianos, se é que queremos nos entender. Devemos deixar de considerá-los humanoides, pois poderíamos descobrir que os desprezamos e isto seria muito doloroso.

Dick Steele aproximou-se então.

- E alguém poderia oferecer alguma coisa para Chuck comer. Em nossa sociedade nos acostumamos com isto. Vamos, garoto, nós cortamos as rações, mas acho que poderemos dar-lhe alguma coisa boa para seu estômago.

Sokolsky fez-lhes sinal para que fossem para a nave o voltou-se para o marciano jovem que tinha ao seu lado. Chuck olhou em dúvida para Sptz-Rrll, embora soubesse que o velho já tinha estado na nave sem ser convidado. Fez um gesto e os três encaminharam-se para a câmara de entrada. Não houve sinal de que o ar mais denso ou a temperatura mais alta molestasse o velho, cuja única reação foi achatar a pelagem contra o corpo.

- Não estamos bem, Chuck – disse Dick ao rapaz, enquanto tirava alimentos e os punha sobre a mesa. - Até Vance teve que admitir que não podemos fazer a viagem de regresso. Nem sequer poderemos agora que eles nos devolveram as ferramentas e as máquinas. Nem que tivéssemos os guinchos nos seria possível. Estamos perdidos e já começamos a racionar os víveres.

O engenheiro ofereceu um prato de comida a Sptz-Rrll, que o afastou de si com um gesto cortês.

- Quem quiser sobreviver terá que aprender a comer areia – continuou Steele. - Mate sua fome, nós perdemos o apetite desde que você desapareceu.

Pegou um lápis e várias folhas de papel e começou a desenhar um esboço do sistema solar, mas depois deixou de lado.

- Será mais fácil fazer isto lá fora, onde eu possa indicar o sol. Quero dizer ao nosso amigo que viemos da Terra.

Sptz-Rrll estendeu a mão para o lápis e o papel. Castanholou com os dentes ao ver as marcas que traçava com o lápis e pôs-se a desenhar rapidamente, enquanto Chuck contava as aventuras por que havia passado.

O marciano interrompeu a conversa para mostrar-lhes os papéis. Apesar de ser tosco, o desenho era muito fácil de interpretar. Na primeira folha o velho mostrava os marcianos descendo para a nave, na segunda havia esboçado vários dos seus jogando ácido sobre os guinchos. Sptz-Rrll fez novamente seu encolhimento de ombros, o que talvez significasse um pedido de desculpas. Então passou outra página.

Nela representava a nave a caminho de ficar na vertical, com numerosas cordas que eram puxadas por uma horda de marcianos. Outros da sua raça cavavam um poço para a nave, enquanto que outros mais andavam por toda ela. Na terra havia desenhado sete humanos de estranho aspecto que observavam os trabalhos.

Chuck entregou os desenhos a Dick que estudou-os rapidamente, mostrando-se muito surpreso. Então o negro sorriu, apoderando-se do lápis e traçou uma série de desenhos, imitando o estilo empregado pelo velho. O resultado foi a representação de uma longa fileira de marcianos que saíam da nave levando mercadorias de vários tipos.

- Teremos primeiro que obter a permissão de Vance – disse a Chuck. - Mas acho que daria resultado. Contando com mão-de-obra numerosa, embora se trate de trabalhadores pouco hábeis que não dominam nossa língua, poderíamos fazer os consertos muito antes do prazo fixado. E nós temos muitas coisas para dar-lhes em pagamento e que eles necessitam.

Naquela noite, os refletores que tiraram da nave apontavam para um setor próximo à *Eros*. Havia ali sete terrestres e sete marcianos traçando desenhos na areia e apagando-os. Usavam também sinais que iam se fazendo cada vez mais compreensíveis. Ainda não se havia tentado uma linguagem comum, mas já estava sendo criada uma fácil de entender.

Vance sorriu para Chuck que estava sentado em frente de Sptz-Rrll.

- Terei que me acostumar a que você seja o capitão interino enquanto eles estiverem aqui – disse. - Não me desagrada que assim seja, você terá que ser fixador de todas as diferenças que haja entre os dois grupos.

- Não teremos diferenças com os marcianos até que os tenhamos civilizado tanto que sua própria cultura tenha desaparecido – manifestou-se Sokolsky. - E mesmo então não haverão, se fizermos bem as coisas. Esta gente considera a amizade como o mais importante de tudo.

Chuck assentiu sem vacilar. Os marcianos já haviam demonstrado isto. Uma vez que ele lhes prestou o serviço de soldar o fole, eles se viram obrigados a arriscar suas vidas por ele e por seus irmãos de raça, segundo mandava o seu código de conduta.

Seria necessário uma vigilância constante para se assegurarem que eles só tivessem contacto com as pessoas mais recomendáveis da Terra, mas a ONU já estava em condições de fazer frente a situações deste tipo, mesmo tratando-se de planetas distantes da Terra.

O rapaz estava certo de que tudo correria bem. A Terra daria a Marte o metal e a força motriz necessários, e algumas das plantas marcianas serviriam para pagar o intercâmbio. Ambas as culturas enriqueceriam ao se relacionarem. Os terrestres e os marcianos poderiam elevar-se juntos... algum dia talvez até às estrelas que enchem o firmamento.

Mas tudo isto pertencia ao futuro. O que o rapaz pensava agora era que já não devia afligir-se por ter viajado como passageiro clandestino. Afinal havia pago a viagem como deveria ser feito.

Deitou-se sobre a areia, olhando para a *Eros* que logo regressaria para a Lua. Depois desse regresso haveria outras viagens. A descoberta de seres inteligentes no planeta as justificariam.

Na próxima viagem já não haveria dificuldades. Agora já contava com dezoito anos e tinha a experiência necessária. Estava certo de que seria escolhido para visitar novamente o planeta vermelho.